

BOB BUFORD

A ARTE
DE VIRAR
O JOGO

— *no* —

SEGUNDO
TEMPO
DA VIDA

A P R E S E N T A Ç Ã O

PETER DRUCKER



A ARTE DE VIRAR O JOGO NO SEGUNDO TEMPO DA VIDA
CATEGORIA: LIDERANÇA / GESTÃO

Copyright © 1994 por Robert P. Buford.

Publicado originalmente por Zondervan, Mkhigan, EUA.

Titulo original: ***Halftime***

Coordenação editorial: *Silvia Justino*

Preparação de texto: *Rodolfo Ortiz*

Revisão: *Geuid Jardim*

Supervisão de produção: *Lilian Melo*

Capa: *Douglas Lucas*

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *A bíblia Anotada* (vento Almeida Revista e Atualizada), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Buford, Bob

A arte de virar o jogo no segundo tempo da vida / Bob Buford —
traduzido por Laura Bacellar. — São Paulo : Mundo Cristão. 2005.

Título original: *Halftime*.

Bibliografia.

ISBN 85-7325-423-8

1. Administração 2. Auto-realização — Aspectos religiosos —
Cristianismo 3. Empreendedorismo 4. Liderança 5. Meia-idade —
Aspectos psicológico 6. Meia-idade — Vida religiosa 7. Sucesso I. Título

Índice para catálogo sistemático:

I. Vida cristã : Cristianismo 248.4

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi. 79 — CEP 04810-020 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 5668-1700 — Home Page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publisher

1ª edição brasileira foi publicada em novembro de 2005. com uma tiragem de 5.000 exemplam. Impresso no Brasil.

Sumário

Apresentação.....	4
INTRODUÇÃO	7
Abrindo a câmara mais sagrada do coração	7
Primeira parte	10
O primeiro tempo	10
Ouvindo a voz mansa	10
A hora da conversão inversa	15
Uma estação de busca e auto-ajuda.....	18
O pânico do sucesso	21
Localizando o princípio motor	23
“Adeus, Ross”	26
Segunda parte	30
O intervalo	30
Fazendo um balanço.....	30
Você acredita em quê?	36
Encontrando aquela única coisa	38
Do sucesso ao significado	41
Encontrar o centro e ficar nele.....	45
Ficar no jogo, modificando o plano.....	49
Curvas sobrepostas	55
Pular no abismo	58
Terceira parte	61
Segundo Tempo	61
Missão de vida.....	61
Retomando o controle	64
Individualismo saudável	70
Aprender durante toda a vida	74
Respeitar os fatores externos	79
Jogar com tudo	82
Uma proposta meio a meio	84
Um Caso Brasileiro	87
O impacto que esse livro causou em minha vida	87
Agradecimentos	90

Apresentação

Este é um livro muito incomum, para não dizer único. Ao menos, não tenho conhecimento de nenhum outro que se assemelhe a ele de alguma maneira.

Como autobiografia de um homem incomum, ele é imediatamente acessível ao leitor, que o lê com imenso prazer. E o relato de um começo incerto, de um garoto que, com apenas onze anos, após a morte prematura do pai, teve de assumir o fardo de ser o “*homem da casa*”; é um relato de grandes privações, de visão e determinação, de tristezas e êxitos.

Se isso em si é interessante, o elemento incomum reside em que Bob Buford é uma das pouquíssimas pessoas que conheço que, ainda adolescente, parou para pensar quais eram os seus pontos fortes. O que, via de regra, é feito apenas por alguns poucos artistas. Ainda mais incrível, quando Bob compreendeu que as habilidades especiais que Deus lhe dera não correspondiam ao que ele realmente *queria* fazer, teve a honestidade intelectual e a coragem de dizer para si mesmo: *É meu dever e minha missão pôr em prática o que sei fazer bem, ao invés de fazer aquilo que gostaria de fazer*. Por ter chegado a esta conclusão, Bob se tornou um empreendedor e um homem de negócios bem-sucedido.

Contudo — e na minha experiência isto realmente não tem precedente — Bob nunca esqueceu a sua visão original e nunca sacrificou seus valores pelo altar do sucesso. Ele se recusou a desistir das ambições juvenis como se fossem meros sonhos de criança. Manteve-se concentrado nas obrigações profissionais, mas nunca perdeu de vista as montanhas longínquas. Quando, depois de trinta anos de trabalho incansável, alcançou um lugar onde lhe sobrava algo de tempo e dinheiro, voltou a considerar como poderia realizar aquilo que tivera vontade de fazer trinta anos mais cedo. Desta vez, podia contar com a fortaleza, a experiência e os conhecimentos acumulados ao longo dos anos.

Nesse momento da vida, muitos se aposentam. Entretanto, Bob compreendeu que gostava do seu trabalho, amava-o até, e era muito bom no que fazia. Sabia que deveria continuar, mas também decidiu que tinha chegado a hora de construir uma carreira paralela em que as suas fortalezas, a sua experiência e o seu dinheiro estivessem a serviço de um compromisso profundo de fortalecer a presença de Deus na Terra.

Este livro é muito mais do que uma autobiografia. Sem pregar, sem tentar ser “acadêmico”, sem estatísticas ou gírias douradas, aborda o desafio *social* fundamental de uma sociedade desenvolvida e próspera.

Não há muito tempo, quando nasci, poucos anos antes da primeira guerra mundial, poucas pessoas chegavam a viver além do que hoje consideramos a meia-idade. Ainda em 1929, a esperança de vida média nos EUA não chegava aos cinquenta anos, enquanto meio século mais cedo estivera em torno de 35 anos. Contudo, hoje a esperança de vida da grande maioria dos americanos, como a dos habitantes dos países desenvolvidos em geral, é duas vezes maior do que a dos nossos bisavós.

Não menos importante, pela primeira vez na história, hoje um número muito grande de pessoas tem a possibilidade de se tornar um “sucesso”, algo que no passado era praticamente desconhecido. Sucesso não significa necessariamente acumular uma riqueza substancial, ou atingir grande popularidade. Significa alcançar algo que em outros tempos as pessoas simplesmente não chegavam a conhecer: a realização pessoal, seja como professor universitário, como médico ou advogado, como executivo ou profissional numa organização, como administrador de hospital: todas funções que no começo do século passado não existiam ou eram tão raras que não chegavam a ser socialmente significativas.

Naquela época, o trabalho era um sustento, não uma escolha de vida. O trabalhador na siderúrgica, o camponês na roça, o operário na linha de montagem, o vendedor na lojinha de bairro — todas pessoas em formas de emprego tradicionais — não teriam nenhum problema em se aposentar após trinta anos de carreira, se isso não prejudicasse o seu sustento. Eles não sentiam falta do seu trabalho, porque nunca representara nada além de um meio de arrumar a próxima refeição ou de comprar os sapatos dos filhos.

Hoje, muitas pessoas têm a expectativa de chegar aonde Bob Buford chegou: a gostar de seu trabalho, melhorar com a idade, não querer se aposentar mesmo quando a sua situação financeira o permitir. Um número grande e cada vez maior de pessoas — a quem chamo de “trabalhadores do conhecimento” — não alcançaram apenas um nível econômico maior do que em qualquer outra época da história, como também conquistaram um patamar infinitamente maior em termos de realização pessoal. Apesar disso, porém, chegam aos 45 anos de idade e o trabalho que conhecem não apresenta mais nenhum desafio. Eles precisam de novos estímulos.

Quando primeiro percebi isso, há uns vinte ou trinta anos, pensei que seriam multidão as pessoas que fossem abraçar uma segunda carreira, por exemplo deixando de ser *controller* de uma grande empresa para passar a exercer uma função semelhante numa instituição sem fins lucrativos. Eu estava errado e Bob Buford mostrou o meu erro. A grande maioria dessas pessoas não quer deixar o que estão fazendo e sabem fazer bem. Contudo, também não sentem a necessidade de acrescentar aquilo que Bob chama de “a outra metade de suas vidas”, o que eu chamaria de “carreira paralela”. Eles querem encontrar uma esfera em que possam servir seus valores pondo em prática o que eles sabem fazer bem, utilizando as forças, o conhecimento e a experiência que já acumularam.

Estes são desafios novos e sem precedentes, como já disse. E este livro é o primeiro de que tenha conhecimento em apresentá-los de maneira exemplar, mostrando como têm de ser abordados. É pioneirismo de primeira ordem; é análise social de primeira grandeza. E é também um livro de primeiríssima ordem. Sejam quais forem os valores e os compromissos de cada um — e não precisam ser os mesmos de Bob Buford —, este livro deve ser o catalisador para todos os beneficiários das duas grandes evoluções sociais do século passado: o aumento da duração de vida (sobretudo da vida útil) e o fato de que hoje é possível ser um “sucesso” e fazer com que a atividade que gera o nosso sustento se torne uma escolha de vida significativa.

Este é também um importante livro *político*. Cada vez mais compreendemos que o Estado moderno não tem a capacidade de dar conta dos problemas comunitários e sociais. Existe uma consciência cada vez maior da necessidade de um novo setor — denominado por vezes de “sem fins lucrativos”, “terceiro setor”, “sociedade civil” ou (minha preferência) “setor social”. Neste setor, a cidadania vivida como “voluntariado” volta a ser uma realidade, ao invés de ficar limitada a um ritual que consiste em votar de vez em quando e pagar os impostos. O livro de Bob aponta para a solução do maior desafio político da sociedade desenvolvida: a de que o sucesso na meia-idade pode ajudar a restaurar o corpo político da sociedade para que funcione, seja eficaz e reafirme os valores fundamentais da democracia e da vida comunitária.

Este é também um livro *religioso* que chega no coração de um dos maiores desafios dos Estados Unidos: o papel da religião e da cristandade na sociedade e na vida das pessoas. A maioria das igrejas tradicionais americanas estão perdendo fiéis há trinta ou quarenta anos. Entretanto, o fato surpreendente não é que as igrejas tenham perdido fiéis, e sim que perderam tão poucos! Pois antigamente — e antigamente significa não mais do que cinquenta ou sessenta anos — as pessoas em muitos casos iam à igreja por pressão social, muito mais do que por livre escolha.

Quando cheguei aos Estados Unidos nos anos trinta, como jornalista correspondente de um grupo de jornais britânicos, freqüentar a igreja era atividade obrigatória. O pedido de financiamento imobiliário que preenchemos poucas semanas após chegarmos ao país — em um bairro de classe média de Nova York que não se caracterizava como “religioso” — requeria duas referências, uma das quais tinha de ser obrigatoriamente a do pastor da igreja que freqüentávamos. Quem não tivesse essa referência não conseguiria o financiamento. Ainda 25 anos mais tarde, no início dos anos cinqüenta, nas cidades pequenas e nas zonas rurais, quem não freqüentasse a igreja não conseguia um empréstimo bancário ou um bom emprego.

Essa pressão social hoje tem desaparecido, o que não implicou um declínio catastrófico do número de fiéis que freqüentam as igrejas, como era de esperar. Houve um declínio, porém modesto — e até insignificante se o compararmos com o que aconteceu na Europa —, enquanto o crescimento de novas grandes “igrejas pastorais”, que agregam fiéis duas ou três vezes mais depressa que as igrejas tradicionais os perdem, representa um contraponto à tendência de queda. Os Estados Unidos, em outras palavras, ainda permanecem um país essencialmente cristão, e as igrejas começam a aprender como atender aos fiéis de hoje: pessoas que não vão à igreja por obrigação, e sim por uma escolha consciente e sincera.

Bob compreendeu isso cedo, com toda a agudeza que o caracteriza. A sua *Leadership network* [Rede de liderança] foi um catalisador que ajudou as grandes igrejas pastorais a trabalhar eficientemente, identificando seus problemas principais e tornando possível a própria perpetuação (o que nunca acontecera com as igrejas pastorais que as precederam), além de ajudá-las a enfocar a missão apostólica, testemunhai e de organizadoras de serviços comunitários essenciais. E hoje ele está ampliando esse trabalho para muitas outras igrejas, incluindo as de médio porte, não como pregador, e sim como empreendedor que transforma energias latentes em atuação concreta.

Por último, este livro pode e deve ser lido como uma história de evolução do conhecimento para a sabedoria, de educação intelectual e espiritual. Histórias como esta são bem raras, e costumam ser muito mais cativantes, importantes e instrutivas do que relatos de aventuras mirabolantes ou de façanhas românticas. Estas são as histórias necessárias para os que chegaram na metade do seu percurso de vida, os que atingiram o sucesso pelas suas realizações — exatamente como os mais jovens precisam de contos de ficção sobre fatos heróicos e amores românticos.

Concluindo, este livro deve ser e será lido em vários níveis. E um livro que dirá coisas diferentes a pessoas diferentes. Contudo, é um livro que terá um significado e uma mensagem para todos os que abrirem suas páginas.

Peter F. Drucker

INTRODUÇÃO

Abrindo a câmara mais sagrada do coração

Nenhum de nós sabe quando vai morrer. Entretanto, qualquer um pode, se quiser, escolher seu epitáfio. Eu escolhi o meu. Preciso admitir que pensar na própria tumba enquanto se está cheio de vitalidade é uma coisa meio sombria. Esse é precisamente o pensamento, uma imagem nítida que se desenha na mente e no coração e ao mesmo tempo uma inspiração gloriosa e um desafio de proporções épicas para mim:

100 X

Significa cem vezes. Escolhi esse epitáfio baseado na parábola do semeador, em Mateus 13:3-9. Sou um empreendedor e quero ser lembrado como a semente que foi plantada em solo bom e se multiplicou cem vezes. É assim que desejo viver. É assim que tento expressar as minhas paixões e os meus compromissos mais profundos. É assim que visualizo o meu legado. Quero ser um símbolo de maior rendimento, na vida e na morte.

Santo Agostinho disse que perguntar a si mesmo qual será o próprio legado — *Pelo que gostaria de ser lembrado?* — é o começo da idade adulta. E isso que fiz ao escrever o meu próprio epitáfio.

Afinal, um epitáfio deveria ser algo mais do que uma sentença bonita, esperançosa, escolhida sob medida. Se for honesto, terá algo a dizer sobre quem você é na essência da sua personalidade e da sua alma.

O que mora na câmara mais sagrada do coração é, creio eu, um presente que todos recebemos do nosso Criador. E uma maneira de expressar a convicção de que os seres humanos são algo mais que animais ou máquinas. É uma confissão de que somos seres espirituais com um propósito e um destino. E um lembrete divino de que somos feitos, milagrosa e maravilhosamente, à imagem e semelhança de Deus.

Você pode achar que o meu epitáfio 100 X é uma quimera, o que em parte também deve ser verdade. Ao escolher um epitáfio que expresse gratidão pelo seu talento especial — e um objetivo ao qual você irá se sentir vinculado até descansar, por fim, debaixo do túmulo —, você se identifica como alguém que tem motivação e paixão gravadas permanentemente no código da sua vida.

A parábola do semeador chega no coração dos meus sonhos e no centro das minhas experiências. E a força que dá vida a este livro. A minha paixão é multiplicar tudo o que Deus me deu e, assim fazendo, devolvê-lo. E gostaria de encorajá-lo a fazer a mesma coisa. Não quero que você seja a semente que caiu à beira do caminho, ou em solo rochoso, ou que foi sufocada pelos espinhos. Tal semente tinha o potencial de dar frutos, mas as circunstâncias impediram que o fizesse.

As minhas circunstâncias forneceram solo úmido e fértil, onde eu pude crescer. Foi um ambiente afortunado, que representou um fator crítico para a minha história. Meu relato não é o de um homem que se fez sozinho, nem o do menino pobre que conquistou a riqueza, ou qualquer outra fantasia aventureira. Tive muito mais oportunidades de crescimento, desenvolvimento pessoal e ganho financeiro do que a maioria dos americanos.

Por um lado, pode-se dizer que tive sorte, pois realmente ganhei muita coisa que me servia para realizar o meu trabalho. Entretanto, se você acreditar, como acredito,

que “a quem muito é dado, dele também muito é requerido”, então começará a intuir o quanto o meu epitáfio é desafiador.

E o seu epitáfio? O que você recebeu e o que você vai fazer com isso durante o restante da sua vida?

Recentemente, comecei a olhar para a minha vida através da metáfora de um jogo de futebol (mas pode ser qualquer esporte que divida a ação em dois tempos). Até os meus 35 anos, eu estava no primeiro tempo do jogo. Aí, certas circunstâncias fizeram com que eu entrasse no intervalo. Hoje estou jogando o meu segundo tempo e o jogo está se tornando fantástico. Durante esse tempo todo, cheguei à conclusão de que a segunda metade da nossa vida deveria ser a melhor metade — que pode vir a ser um verdadeiro renascimento pessoal.

Durante o primeiro tempo da sua vida, se você for como eu, é provável que não tenha tido tempo para pensar sobre como iria passar o resto da vida. Provavelmente você se formou na correria, se apaixonou, casou, embarcou numa carreira profissional, galgou escalões e adquiriu muitas coisas que ajudaram a tornar a sua viagem mais confortável.

Você jogou duro no seu primeiro tempo. Talvez estivesse até ganhando, só que, mais cedo ou mais tarde, começou a se perguntar se era de fato isso mesmo que você queria. De alguma maneira, acompanhar o resultado do jogo já deixou de ser o prazer que era antes.

Talvez você tenha levado alguns tombos feios. A maioria dos seres humanos não chega ao intervalo do jogo sem ter vivenciado a dor. Dor braba. Divórcio. Excesso de álcool. Falta de tempo para ficar com os filhos. Culpa. Solidão. Você tinha boas intenções ao começar o primeiro tempo, como muitos bons jogadores, mas no caminho se desviou.

Mesmo se no seu caso a dor foi leve, você é esperto o suficiente para perceber que não pode jogar o segundo tempo como fez o primeiro. Em primeiro lugar, não tem mais a energia que antes tinha. Recém-formado, você enfrentava, sem trauma, expedientes de catorze horas e sessões de trabalho nos finais de semana. Tudo isso fazia parte do seu plano de jogo para o primeiro tempo, algo quase que inevitável para que você tivesse a esperança de ganhar. Hoje, entretanto, você anseia por algo maior do que o sucesso.

Também há de se considerar a realidade do próprio jogo: o relógio não para. O que antes parecia tão longe quanto a própria eternidade, hoje está perto. E se por um lado você não tem medo do fim do jogo, também quer garantir um bom final, em que vá deixar alguma herança que ninguém poderá lhe tirar. Se o primeiro tempo foi busca por sucesso, o segundo tempo é uma jornada para o significado.

O jogo é ganho ou perdido no segundo tempo, não no primeiro. É possível cometer alguns erros no primeiro tempo e ainda prevalecer no final, mas será mais difícil fazer essa virada quando o segundo tempo já estiver em andamento. Na segunda metade do jogo, você deveria conhecer, finalmente, o material de que dispõe para conduzir a sua luta. E conhecer também o terreno do jogo: o mundo em que vive. Você vivenciou a vitória na medida certa para saber o quanto o jogo é difícil na maioria das vezes, e também o quanto parece fácil quando as condições são exatamente favoráveis. Vivenciou dor e decepção na medida certa para saber que perder alguns ensejos pode ser frustrante, mas que a perda é superável e às vezes permite descobrir o melhor de si.

Algumas pessoas nunca chegam ao segundo tempo; muitos nem sabem que existe. A opinião que prevalece na nossa cultura é que ao atingir mais ou menos os

quarenta anos de idade, inicia-se um período de envelhecimento e declínio. Acasalar idade com *crescimento* parece até ser uma contradição em termos. Essa idéia é uma lenda em que me recuso acreditar, e quero ajudar você também a se libertar dela.

Não sei em que momento do jogo você está. Se estiver com vinte e poucos anos, provavelmente o chute inicial acabou de ser dado e você está encarando um empolgante primeiro tempo. Muitas das coisas que escrevo devem parecer bem longínquas para você, mas não coloque esse livro num lugar onde não o possa encontrar mais tarde, pois o primeiro tempo vai se desenrolar muito mais rapidamente do que você imagina.

A maioria de vocês provavelmente está se aproximando do fim do primeiro tempo. Contam com idade entre 35 e 45 anos e alguma coisa esteve lhes dizendo que não podem continuar jogando como o fizeram até agora. Este livro é mais especificamente para vocês.

Alguns de vocês podem até estar no segundo tempo, mas nunca pensaram nisso desta forma. Como bom centroavante, você esteve arremetendo lealmente o tempo todo. Este livro poderá levá-lo a pedir um tempo, ir para a bancada e fazer um balanço, pois nunca é tarde demais para mudar o seu plano de jogo.

Não importa onde você está, convido-lhe, nas próximas páginas, a se desfazer da idéia de que o segundo tempo da sua vida nunca será tão bom como o primeiro. Ao invés de desistir e aceitar que a vida lhe imponha seus próprios termos, perceba que você está pronto para novos horizontes e novos desafios. Pronto para evoluir do simples sucesso ao significado — para escrever o seu próprio epitáfio —, ousando acreditar que o legado que você irá deixar nesta vida acabará sendo muito mais importante do que qualquer coisa que você possa ter realizado no primeiro tempo da sua vida.

Primeira parte

O primeiro tempo

O verdadeiro teste de um homem não é quando assume o papel que quer para si, mas quando assume o papel que o destino escolheu para ele.

Vaclav Havel

1

Ouvindo a voz mansa

E eis que soprava um grande e forte vento, que tendia os montes e quebrava as penhas diante da face do SENHOR; porém o SENHOR não estava no vento; e, depois do vento, um terremoto; também o SENHOR não estava no terremoto; e, depois do terremoto, um fogo; porém também o SENHOR não estava no fogo; e, depois do fogo, uma voz mansa e delicada.

1Reis 19:11b, 12

Nunca prestei atenção em minha vida. Honestamente, só comecei mesmo a fazê-lo depois dos quarenta anos, quando me achei em estado de pânico relativamente a meu sucesso. Eu era presidente e diretor-geral de uma companhia de televisão a cabo muito bem-sucedida. Estava plenamente comprometido, num casamento bom e dinâmico. Tínhamos um filho que era — não há melhor maneira de dizê-lo — um prêmio.

E, naturalmente, havia algo que me atormentava. Como era possível ser tão bem-sucedido, tão afortunado, mas profundamente insatisfeito?

Tinha perfeito conhecimento daquilo em que acreditava em termos de estratégias e práticas comerciais, relações familiares e a importância dos amigos. Contudo, ainda não tinha decidido como iria conciliar todos esses interesses conflitantes.

Quanto à questão mais importante, a minha vida de fé, eu sabia no *que* acreditava, mas não sabia realmente o que planejava *fazer* com aquilo em que acreditava.

Foi então que comecei a me debruçar sobre o que eu queria do segundo tempo da minha vida. Tinha-se apoderado de mim uma idéia ainda sem forma, porém obsessiva, segundo a qual deveria tornar a minha vida verdadeiramente produtiva, e não apenas lucrativa. Comecei a considerar as implicações das estações da minha vida e a escutar o som da mansa tranquilidade que estala inesperadamente depois do fogo.

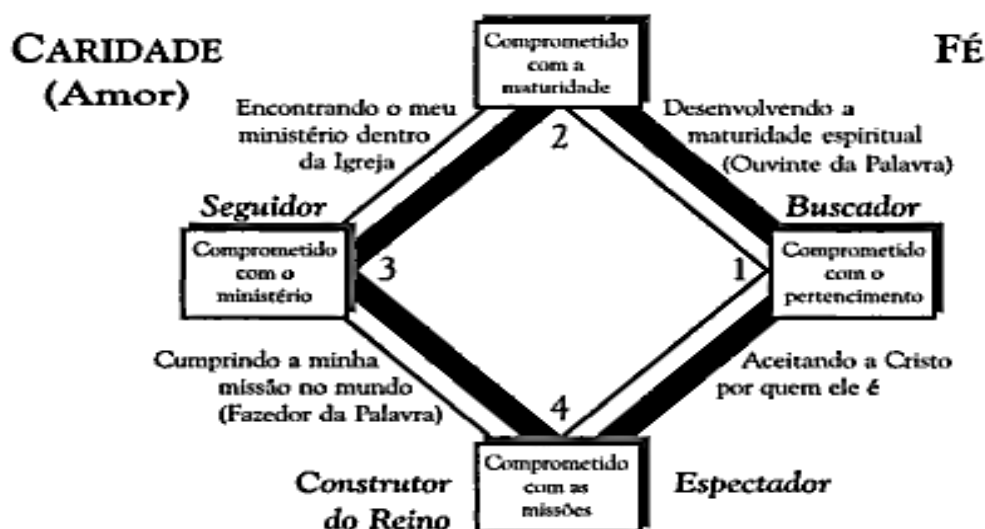
Comecei a me fazer perguntas como estas:

Na Bíblia, Jesus Cristo pregou que ele veio para que os seus seguidores tivessem vida abundante, a mais plena possível. É um sentimento maravilhoso. A minha impressão é de que este fato não é compreendido por muitas pessoas que acham que a religião é restritiva e repressiva e acreditam que Jesus veio para desaprovar, repreender e dizer "não".

O Jesus que eu chegara a conhecer e amar estava me guiando para os caminhos de uma vida ampla, não pequena nem estreita. Ele estava me pedindo licença para dizer um forte "sim" a uma vida cheia de significado.

Eu estava ocupado demais para prestar atenção, então não ouvi o seu sim durante o meu primeiro tempo.

Para mim a questão não era fé. Eu recebera o dom da fé em Deus ainda com pouca idade. Durante a maior parte do meu primeiro tempo eu estava, entretanto, "parado na segunda base", para usar uma metáfora do beisebol. Veja o seguinte diagrama:



Continuando com a linguagem do beisebol, a primeira base representa fazer o simples passo infantil de abraçar a fé. Para mim, foi uma simples aceitação de que o que Jesus disse na Bíblia sobre si mesmo era verdade. Esse passo envolve o que Kierkegaard chamou de "salto de fé". A fé não nega a razão, mas é diferente da razão. Ela aceita, como um presente de Deus, um outro conjunto de capacidades. Sem fé, somos meros espectadores das vicissitudes do coração e da alma. Com fé, podemos nos utilizar das outras duas capacidades, os nossos sentidos racionais e emocionais, na jornada até a segunda base.

Para mim, a jornada até a segunda base teve tudo a ver com a fé. Afetou primeiro o coração e depois a mente. Ultrapassar a segunda base significou deixar de ser o que a Bíblia chama de "ouvinte da Palavra" para passar a ser um "fazedor da Palavra": em outras palavras, deixar de ter uma visão da fé como sistema de crenças internalizado para passar a ter uma fé expressa como comportamento de amor.

A fé expressa no comportamento é o "caminho sobremodo excelente" a que se refere o apóstolo Paulo em seu belo capítulo sobre o amor, em 1 Coríntios 13, que termina com "a fé, a esperança e o amor". "O maior destes é o amor", diz Paulo. A palavra grega para o amor, *ágape*, significa também caridade. A caridade é a expressão do amor. É como se fé e esperança fossem adquiridas no caminho até a segunda base em preparação para a jornada do segundo tempo, até a base final.

A terceira base significa tornar-se seguidores que expressam a própria fé na forma de um trabalho concreto em um contexto religioso, seja numa igreja ou numa organização paraeclesial. Depois disso vem o último trecho, até a base final. Nesta fase é que nos cabe tornar-nos o que Gordon Mac-Donald chamou de Construtores do Reino. Isto é, achar a missão na terra que Deus criou especificamente para cada um de nós empreender e cumprir. E o que os gregos chamavam de destino e que o poeta John Donne tinha em mente ao dizer: "Nenhum homem é uma ilha, inteira em si".

A segunda metade do quadrado do beisebol tem a ver com as boas ações. Não fica de maneira alguma separada da primeira metade, que tem a ver com a fé, mas se desprende dela, conferindo-lhe integridade. Parafraseando Tiago, "A fé sem ação é morta". Eu faria uma pequena modificação: "A fé sem ação morre". A vida de fé deve se tornar uma vida de responsabilidade individual. As pernas e as mãos devem seguir o coração e a cabeça, senão o corpo perde a integridade.

Enquanto Deus quer nos ver, todos nós, bater a bola fora do campo (o *home rim* do beisebol), a maioria dos cristãos nunca chega a superar a fase da fé. Segundo George Gallup Júnior, 84 por cento dos americanos se declaram cristãos, o que deveria ser suficiente para infundir sólidos valores bíblicos em todas as áreas da cultura. Não duvido dos dados de Gallup, mas preciso confessar que não enxergo tanta abundância de sinais da existência da fé cristã na nossa sociedade. Acredito que isto aconteça porque a maioria de nós está parada em algum lugar entre a primeira e a segunda base.

Na primeira metade da vida, mal nos sobra tempo para ultrapassar a segunda base. Somos caçadores coletores e fazemos o melhor que podemos para prover a família, avançar na carreira e transmitir aos filhos nossas crenças e nossos valores. Além disso, a maioria dos homens e certamente um número cada vez maior de mulheres se encontra, no primeiro tempo, numa modalidade guerreira. Temos a necessidade de demonstrar a nós mesmos e aos demais que podemos realizar grandes coisas, e a melhor maneira de conseguir isso é nos tornando cada vez mais focados e intensos.

Vejo o primeiro tempo como uma temporada para desenvolver a fé e aprender mais sobre a maneira única pela qual a Bíblia aborda a vida. O segundo tempo, quando a pressão diminui, parece ser mais uma estação em que a maioria das pessoas ultrapassa a segunda base e começa a *jazer* alguma coisa acerca da fé que desenvolveu. Comigo foi assim.

Na *Odisséia*, o poema épico sobre a vida de Odisseu (Ulisses), duas grandes forças puxam o herói para lados opostos: trabalho e casa. Ele deseja ardentemente voltar para casa, mas também desfruta das batalhas travadas no caminho. Você se identifica com ele? Na primeira metade da vida, nós também somos divididos entre o desejo de estarmos com a nossa família e a aventura de perseguirmos o nosso sucesso profissional. É de se estranhar, nessas condições, que não ouçamos a voz delicada que nos chama para algo melhor?

A primeira metade da vida tem a ver com adquirir e ganhar, aprender e lucrar. A maioria faz isso da forma mais ordinária: cursando faculdade, entrando na vida profissional, fundando uma família, comprando uma casa, ganhando um dinheiro suficiente para prover o necessário e também alguns luxos, estabelecendo objetivos e lutando para consegui-los. Alguns perseguem o prêmio de uma maneira mais espetacular e agressiva: participando da comissão de construção da igreja, dando aula na escola dominical ou organizando o retiro anual dos homens.

A segunda metade é mais arriscada porque está relacionada a viver além da realidade imediata. E o momento de soltar a semente de criatividade e energia que foi implantada em nós, aguando-a e cultivando-a de forma a nos tornarmos abundantemente férteis. E a hora de investirmos nossos talentos em benefício dos outros — e recebermos a alegria pessoal que vem como conseqüência daquele investimento. Este é um tipo de risco com o qual os empreendedores quase sempre obtêm lucros excelentes.

O verdadeiro empreendedor não é temerário e também não precisa ser especialmente corajoso. Ele simplesmente tenta coletar e examinar o maior número

possível de fatos, sobre o mercado e o ambiente comercial, que poderiam influenciar uma determinada decisão. Feito isso, é necessário decidir rapidamente. Da mesma maneira, para que a segunda metade da vida seja melhor do que a primeira, você deve fazer a escolha de abandonar a segurança de viver em piloto automático. Você tem de enfrentar a questão de quem você é, por que acredita naquilo que professa acreditar sobre a sua vida e o que você faz para dar significado e estrutura às atividades diárias e às relações.

Essa decisão traz consigo um risco: ao abrir mão do cobertor de segurança que o mantém seguro e quentinho em sua área de conforto cuidadosamente controlada, você poderá perder sinais e referenciais familiares. Poderá sentir, ao menos no começo, que está perdendo o controle da própria vida.

A isso eu digo: muito bom!

Realmente é bom para você abrir mão do controle e, através disso, incorporar-se mais plenamente nos seus sentidos, os sentidos que lhe permitem tomar consciência das aventuras e das recompensas da vida.

O seu futuro, especialmente em tempos turbulentos como estes, está em grande medida fora do seu controle, independentemente de todos os seus esforços para fixá-lo ou planejá-lo. Isto vale para qualquer estação da vida por que você esteja passando, mas talvez tenha ressonância especial para aqueles que estão se aproximando da meia-idade, como aconteceu comigo nos últimos dez anos.

Para mim, a transição para o entardecer da vida foi um momento para reordenar o meu tempo e o meu tesouro, reconfigurando os meus valores e a minha visão do que a vida poderia ser. Representou mais do que uma renovação: foi um novo começo. Foi mais que cair na real, foi um olhar renovado e prazeroso para dentro da câmara mais sagrada do meu coração, que me concedeu, finalmente, uma oportunidade para responder aos desejos mais profundos da alma.

E foi também, afinal, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora. Foi o período mais importante da minha vida.

Até o dia de hoje.

O escritor e diretor Norman Corwin, hoje com mais de oitenta anos, recentemente relembrou a sua transição para a meia-idade no livro *O espírito sem idade*:

Lembro-me hoje que o aniversário mais difícil da minha vida foi o dos quarenta anos. Foi um símbolo importante, porque eu disse adeus, adeus e adeus à juventude. Contudo, acho que chegar aos quarenta e seguir adiante é como quebrar a barreira do som.

Pois certamente é uma época para descobertas, como George Bernard Shaw vivenciou alguns anos antes, uma amostra da "verdadeira alegria" da vida. Ele descreveu a experiência da seguinte forma:

Esta é a verdadeira alegria da vida: ser usado para um propósito que você reconhece como poderoso, ser uma força da natureza ao invés de ser um pequeno aglomerado febril e egoísta de moléstias e mágoas, reclamando de que o mundo não se empenha em fazer você feliz. Sou da opinião de que a minha vida pertence à comunidade inteira e até o fim da minha vida será o meu privilégio fazer tudo o que puder em benefício dela. Quero acabar completamente usado quando morrer, pois quanto mais duro eu trabalhar, mais terei vivido. Regozijo-me da vida por ela mesma. Para mim a vida não é nenhuma vela curta. É uma espécie de tocha esplêndida que estou segurando

por ora, e quero fazê-la queimar com o maior brilho possível antes de entregá-la às gerações futuras.

Na introdução, pedi que vocês escrevessem o próprio epitáfio para começarem a pensar sobre o seu segundo tempo. Aí vai uma pergunta que os ajudará nesse intento:

[Se a sua vida fosse absolutamente perfeita, como lhe pareceria?]

Vale a pena refletir bastante sobre essa questão, porque a imagem que surgir dessa reflexão será como uma instantânea que o ajudará a encontrar a felicidade, a bem-aventurança. Será, porém, uma imagem adequada só quando você escutar a voz mansa e delicada que fala dentro de você.

A hora da conversão inversa

Alguns cristãos conhecem o momento exato da conversão. A data, o dia da semana, a hora, o minuto, o segundo, o nano segundo. Bum! Num piscar de olhos, alguma coisa aconteceu e eles estavam transformados... Renascidos... Perdoados... Salvos.

Não é a minha história. Deixo constar isso sem pesar e sem orgulho. Recebi o presente da fé em tão tenra idade que não consigo lembrar como seria viver sem ela. Com certeza, no caminho da vida me deparei com questões e com a típica confusão ao redor de certas formulações teológicas e doutrinárias, mas nunca duvidei de Deus. Sempre acreditei que Jesus é quem disse que é.

Não atingi sozinho esse estado de confiança e de segurança bem-aventurada. Não procurei o Senhor. A minha fé inabalável é um presente do Senhor, foi o Senhor que *me* achou.

Portanto, não posso relatar nenhum momento crucial, drama- tico ou emocional da minha evolução espiritual — com exceção de uma surpreendente experiência de conversão inversa que vivenciei aos catorze anos de idade, quando abandonei a idéia de ser clérigo, embora em nenhum momento tivesse renunciado a minha fé pessoal ou a meus compromissos.

Na adolescência, a minha família havia se mudado do estado de Oklahoma para a cidade de Tyler, no Texas, numa região de pinheiros da parte oriental do estado. Meu pai, bebedor empedernido, caçador e campeão de tiro ao prato, morrera enquanto eu cursava a quinta série, antes de nos mudarmos para o Texas. Não lembro muita coisa dele, embora recorde que bebia uísque direto do gargalo, de um jeito bem comum, como aprenderia mais tarde, naquela época de pós-guerra em que Ernest Hemingway escrevia grandes livros americanos e homens americanos machões se achavam feitos de aço temperado e indestrutível.

Meu pai não era indestrutível.

Ele deixou uma jovem viúva e três meninos, e juntos seguimos adiante. Minha mãe continuou dirigindo a emissora de rádio no Oklahoma durante um breve período, até que nos mudamos para Tyler, com a intenção de comprar e dirigir uma emissora de rádio de lá.

Minha mãe, achando-se de repente sozinha, acabou se tornando uma executiva de comunicações visionária e bem-sucedida. Ela se candidatou para a concessão do primeiro canal de televisão de Tyler, concorrendo contra o dono do jornal local e a mais proeminente família filantrópica da cidade, que evidentemente tinha seu ganha-pão no negócio do petróleo.

As probabilidades de sucesso eram mínimas. Ela era viúva, sozinha e quase que recém-chegada na cidade, enquanto a família do magnata local do petróleo fornecia dinheiro e liderança para praticamente qualquer causa e iniciativa assistencial na comunidade. E na cidade vizinha de Dallas, as três concessões de televisão tinham sido acordadas aos donos dos jornais da região.

Enquanto isso, minha mãe teve de ir à justiça no condado de Smith, Texas, para pleitear a remoção das "restrições". Na época, no começo dos anos 1950, a lei estadual proibia que mulheres executassem e assinassem contratos sem o consentimento do marido, a menos que um tribunal as declarasse *femme sole*, uma formulação jurídica

que significa literalmente "mulher só".

Apesar das chances reduzidas e diante de obstáculos culturais consideráveis, minha mãe insistiu e obteve a concessão para operar o canal KLTv (cuja letra K designa todas as emissoras situadas ao oeste do rio Mississípi e a letra L está por Lucille, o nome da minha mãe). A sua determinação e teimosia me deram uma lição importante, um exemplo de espírito arrojado e de fé nas próprias possibilidades. Naquela jovem idade, passei a acreditar que eu também poderia realizar quase que qualquer coisa mediante trabalho duro e perseverança.

Minha mãe, que teve dois casamentos consecutivos, com lamentável desatino em ambos os casos, vivia em função dos interesses comerciais e dos filhos. Quando me punha para dormir à noite, não lia para mim os tradicionais contos infantis. Em contrapartida, me ensinava balancetes financeiros, taxas de depreciação e estratégias de publicidade e venda. E quando pediu a concessão televisiva, declarou à Comissão Federal de Comunicações que desejava adquirir uma emissora de televisão na esperança de os filhos tomarem conta do negócio um dia.

A obstinação e a dedicação da minha mãe me produziram ao mesmo tempo empolgação e tensão: um conflito interior de gigantes entre perseguir uma vida de sucesso nos negócios ou uma vida de serviço no sacerdócio. Não consegui resolver essa tensão durante décadas, mas fiz uma escolha decisiva quando tinha catorze anos.

Lembro-me do momento como se fosse hoje, assim como algumas pessoas lembram cada detalhe das circunstâncias que atenderam à sua experiência de conversão, ou onde estavam quando souberam que o presidente Kennedy tinha sido assassinado.

O meu momento de transformação vocacional aconteceu na aula de inglês, da senhorita Mittie Marsh, na primeira série do ensino médio. Mittie Marsh era uma lenda em Tyler durante a minha juventude. Ela e as irmãs Minnie e Sarah lecionavam nas escolas públicas da cidade e viviam numa mansão na avenida South Broadway, a mesma onde os estudantes do ensino médio passeavam de carro nas noites de sexta e de sábado. Mittie Marsh e as irmãs é que estabeleciam o padrão acadêmico em Tyler. Elas eram os mentores que advertiam: "Se você não fizer direito, não vai conseguir entrar na faculdade que você quer".

Eu estava sentado na segunda fileira, bem do lado esquerdo da sala. Até hoje não sei ao certo o que foi que induziu a minha decisão, mas foi naquele instante que — Bum! — de alguma maneira eu soube definitivamente que pregar, batizar, casar e enterrar caíam fora e ganhar dinheiro como executivo de televisão ia ser o meu caminho. Fizera uma escolha lúcida e adolescente de me colocar atrás do volante de um automóvel turbinado.

Naturalmente, "lúcido" e "adolescente" são palavras que raramente aparecem na mesma página, que dirá lado a lado na mesma sentença, e a televisão na época dava os primeiros passos e ninguém a considerava uma ameaça séria aos hábitos de lazer consolidados dos americanos, de leitura, conversação e escuta radiofônica. Contudo, como eu saberia dessas coisas? Eu era apenas um estudante, mal começando a florescer na primavera da vida. O mundo dos negócios — especialmente na tecnologia nova e atraente da televisão — parecia um esporte fabuloso, com a promessa de mais dramas e mais conquistas do que eu poderia imaginar.

E francamente, queria ser o batedor que no final do nono (último) *inning* do jogo de beisebol fosse bater a bola fora do campo, garantindo a vitória do time. Decisivo. Heróico. Foi uma escolha determinante que preparou o terreno para muitas estações futuras da minha vida.

Ainda tenho paixão pelo esporte do negócio televisivo — a concorrência, as estratégias, as conquistas. Um executivo conhecido meu (que mais tarde suicidou-se) chamava este negócio de "o maior esporte do mundo". Sei exatamente o que ele queria dizer, porque eu também achei indescritivelmente apaixonante medir a competição, manter a pontuação, vencer, vencer e vencer. Ainda acho vitalizador ser um jogador conseqüente. E também acredito que as organizações humanas fornecem o melhor ambiente de aprendizado e os maiores desafios intelectuais, muito mais do que decorar fatos de um livro. Aquilo que aprendemos no ensino formal é potencializado da melhor maneira através da experiência, e a minha experiência no negócio da televisão me ensinou muita coisa sobre o que é preciso para ser um vencedor no jogo do sucesso.

Contudo, hoje reconheço que existem outros jogos que são jogados em muitos campos. E aprendi que há outras maneiras de vencer, além de dominar a corrida do Ibope e acumular pontos mediante a aquisição de novas fatias de mercado e a expansão dos lucros.

Essa lição valiosa me foi revelada — como talvez já tenha sido para você, ou provavelmente será um dia — lentamente, pela observação descomplicada e o simples suceder-se das estações da vida. Começou a infundir-se no meu coração de maneira significativa — infiltrando-se no espaço em que as minhas decisões vinham sendo tomadas — aproximadamente há duas décadas, quando estava realizando grandes façanhas nos negócios e além disso, muito pouca coisa.

Foi a gênese de uma reavaliação resoluta e refletida da incrível experiência de conversão inversa que tinha chegado a mim como um relâmpago naquela sala de aula do primeiro ano do ensino médio, quando lançara mão de sonhos lúcidos no meio da névoa da juventude.

Comecei a pensar no que iria fazer acerca daquilo em que acreditava.

Uma estação de busca e auto-ajuda

Tudo tem seu tempo determinado (...) tempo de buscar e tempo de perder.
Eclesiastes 3:1,6

Uma máxima querida da teoria econômica do *supply-side* (a teoria econômica orientada para a oferta) afirma que, ao subir, a maré levanta todas as embarcações no oceano. Não é todo o mundo que concorda com essa teoria. Na área em que atuo, o setor televisivo, não foi nada menos que uma onda de maré comercial e cultural que atravessou os Estados Unidos nos anos 1960 e 1970. O setor se converteu num colosso de lazer e informação, mudando o comportamento das pessoas e seu inter-relacionamento.

A minha embarcação foi levantada.

Walter Cronkite, jornalista televisivo do canal CBS, hoje aposentado, não se limitou a alcançar reconhecimento mundial em nome e em rosto. O "tio Walter", como chegou a ser chamado, também galgou os primeiros lugares de uma lista dos homens mais confiáveis da América, pelo poder da televisão de conferir autoridade e celebridade, como costumava acontecer — e em larga medida ainda ocorre.

Como você pode imaginar, foi uma época particularmente afortunada e lucrativa para se encontrar no setor da televisão comercial. Ao longo de três décadas, em que o domínio da minha família se expandiu da primeira emissora de TV em Tyler até uma pletera de sistemas de TV a cabo em diversas regiões do país, Buford Television cresceu a uma taxa de 25% ao ano.

Há muitos anos aprendi do especialista em gestão Peter Drucker que para possibilitar um crescimento comercial constante ano após ano, os dirigentes da empresa precisam ser loucos, corruptos ou abertos às mudanças baseadas no crescimento da empresa e nas oportunidades e desafios trazidos pela expansão. Pois bem, o setor televisivo nos deu uma carona maravilhosa de 1954 até 1986. Pouquíssimos setores industriais e comerciais tiveram um período de crescimento ininterrupto semelhante ao que nós do setor televisivo vivenciamos durante esses anos.

O crescimento sólido e até mesmo espetacular de Buford Television dependeu, entretanto, em certa medida, da aceitação de mudanças judiciosas. Em meados dos anos 1980, por exemplo, a propriedade de emissoras individuais tinha deixado de ser comercialmente interessante. A maioria das pessoas podia ver entre 35 e 55 canais mediante uma conexão via cabo.

Buford Television se desfez das emissoras de televisão e optou resolutamente pelo setor de TV a cabo.

Os negócios, como a vida, são sazonais. As circunstâncias mudam. Uma empresa, assim como uma pessoa, precisa mudar de enfoque de vez em quando, para ter um crescimento saudável.

Ainda me lembro dos pitorescos primeiros dias das transmissões do programa "Monday Night Football", em que "Dandy" Don Meredith, ex-jogador do time de futebol americano dos Dallas Cowboys, comunicava ao público que o jogo estava decidido, mesmo vários minutos antes do fim do jogo. "Apaguem as luzes", dizia em seu forte sotaque do Texas, "a festa acabou". Embora aprecie a sabedoria da velha sentença que diz que é melhor ter sorte que esperteza, acredito que o melhor é ter a inteligência de

perceber quando a festa acabou e que está na hora de passar ao próximo evento.

Passei a ocupar a cadeira de presidente da empresa e me tornei o membro mais velho da minha família quando a minha mãe morreu num incêndio que destruiu seu quarto de hotel no centro de Dallas. Minha mãe me ensinara muitas coisas sobre os negócios e sobre a vida. Ela era, como muitas pessoas responsáveis por grandes realizações, uma mulher de grandes fortalezas e também de grandes fraquezas.

Era arriscada e determinada, dedicada a conseguir o sucesso nos negócios e também a me criar infundindo-me os dons da auto-estima e da confiança em mim mesmo. Quando estava no colegial, ela me apresentava, em todo lugar aonde íamos, como "o melhor defensor esquerdo do mundo", em referência inexata ao meu papel no futebol americano. A verdade é que na primeira série do ensino médio eu jogava na reserva, como substituto de um defensor esquerdo realmente muito bom. No ano seguinte, passei a jogar de fato como defensor esquerdo, mas sinceramente eu era apenas adequado como jogador de futebol americano. Ainda assim, eu adorava ouvir minha mãe me apresentando daquela forma, e as suas palavras me brindavam afirmação e inspiração.

Contudo, minha mãe era também ingênua e muitas vezes indisciplinada — fraquezas que sem dúvida contribuíram para as decepções e a dissolução dos seus últimos casamentos. Jurei que eu iria evitar esses percalços.

Apesar de ter trabalhado no negócio familiar desde a minha formatura, a morte da minha mãe deu início a uma nova estação da minha vida: novas responsabilidades, novas escolhas, novos sonhos. Era a hora da próxima geração, que chegou numa época de imensas sublevações sociais. A vanguarda dos *baby boomers* (os nascidos no período de expansão demográfica dos anos 1960) estava entrando na faculdade e na força de trabalho. A guerra do Vietnã parecia não ter fim. Richard Nixon planejava a reeleição, e o escândalo de Watergate estava prestes a acontecer.

As perturbações sociais não me deixavam indiferente, mas a minha prioridade estava no crescimento dos negócios e no pessoal. Na época, me atraíam particularmente os livros e as fitas de auto-ajuda e de aprimoramento pessoal. Lia tudo o que Peter Drucker tinha escrito. Fiz o curso dos Presidentes da Associação Americana de Gestão Empresarial. Participei do Programa Proprietário / Gestor da Harvard Business School, um pacote intensivo de nove semanas que condensava os elementos principais do currículo do MBA.

Sem recorrer às drogas de "expansão da mente", que eram populares na época, visualizava os meus sonhos. Sabia que à custa de um esforço coordenado da vontade eu poderia realizar aquilo que conseguisse vislumbrar e em que acreditasse. Era esse o meu credo, o meu mantra. Deixei de lado Woodstock e tentei esquecer as mazelas da Casa Branca e as dúvidas sobre a confiabilidade de qualquer pessoa de mais de trinta anos de idade. Eu acreditava firmemente que podia moldar a minha vida através dos meus sonhos e dos desejos do meu coração.

O único elemento da minha personalidade que me preocupava nem que fosse por um instante era uma dúvida passageira sobre o grau da minha intensidade e determinação em relação aos negócios. Eu sentia que esse enfoque radical poderia me custar caro em outras áreas da vida. No meio da empolgação de estar efetivamente dirigindo uma empresa e colhendo as recompensas do sucesso, uma pergunta me cutucava num canto da mente: *O que você poderia estar perdendo com todos esses ganhos?* Evidentemente, a vida tinha de encerrar algo mais do que apenas negócios.

Ainda assim, pouco tempo depois de assumir a direção da empresa, fui para um esconderijo com um bloco de papel e embarquei numa rigorosa avaliação profissional e pessoal que possibilitaria mudanças de rumo.

A pergunta que dirigi a vocês no primeiro capítulo fiz a mim mesmo:

[Se a minha vida fosse absolutamente perfeita, quais seriam os seus elementos?]

Eu tinha 34 anos na época e foi a primeira oportunidade que agarrei na vida de refletir profundamente sobre o que mais realizar e ser. As respostas me permitiriam vislumbrar' eu deveria viver. Escrevi seis objetivos:

1. Fazer com que a empresa crescesse 10% ao ano.
2. Ter um casamento vital com a minha mulher Linda e continuar casado com ela até a morte nos separar temporariamente.
3. Servir a Deus servindo aos outros: acumular um tesouro no céu ensinando e aconselhando no tempo livre na igreja que freqüentávamos, ou em qualquer outro lugar onde tivesse permissão e encorajamento para fazer uso dos meus talentos.
4. Infundir um alto grau de auto-estima no nosso filho, Ross. Eu acreditava que isso seria a melhor maneira de prepará-lo para quaisquer circunstâncias com que deparasse na vida. Avaliava o meu desempenho como pai não tanto pelas suas notas escolares ou vitórias esportivas, mas principalmente pela medida em que o meu filho se sentisse bem consigo. Uma parte importante disso era infundir-lhe uma fé fundamentada em algo confiável, que estivesse além dele mesmo.
5. Crescer cultural e intelectualmente, em sentidos que de alguma forma tinham fugido de mim nos meus anos de faculdade.
6. Decidir o que fazer com o dinheiro que estava ganhando e determinar quanto seria suficiente. Resolvi investir o dinheiro que não utilizava ou de que não precisava na causa mais nobre que pudesse imaginar. Qual seria essa causa?

Esses seis objetivos foram a maneira pela qual consegui dar sentido ao que estava fazendo na minha vida. Enfoquei quase que exclusivamente essas áreas e eliminei tudo o que não se encaixava nelas. A grande diferença em relação ao meu prévio enfoque radical no crescimento da empresa foi que tinha introduzido um elemento de equilíbrio na minha vida: os últimos cinco objetivos definiam o que era importante para mim. Eles respondiam à pergunta: “O que perderei com todos esses ganhos?” Queria ter certeza de que não estava trocando algo que considerava sem preço — o amor por minha mulher, a auto-estima do meu filho, a oportunidade de ampliar os meus horizontes aprendendo e a expressão da minha fé através de uma vida de serviço — por algo que já possuía em sobreabundância: dinheiro, poder e realização.

A lista não era então e não é hoje uma relação completa dos meus objetivos de vida. Contudo, era suficiente para engajar-me numa busca dos compromimentos e das paixões essenciais que poderiam me ajudar a entender a mim mesmo.

Eu era um jogador do primeiro tempo que estava começando a vislumbrar o segundo tempo.

O pânico do sucesso

Chegou sorrateiramente como um ladrão à noite: um intruso silencioso molestando a paz das trevas, furtivo, enquanto mexia no acervo de uma vida que derramava satisfação, dinheiro, realização e energia. O “pânico do sucesso” passou o limiar da porta da minha casa quando eu tinha 34 anos. Golpeou-me com um objeto: a minha devoção servil à arte da barganha e a excitação da matança. Quando tudo isso teria fim?

Nesse momento, o negócio da televisão tinha crescido além de nossas previsões mais otimistas. Por causa disso, havia muito tempo que eu atingira e, de fato, superara as metas fixadas para acumular riqueza.

Eu tinha um Jaguar. Podia viajar para qualquer lugar que quisesse, e o fazia. Também atingira ou superara os alvos planejados para quase todos os outros objetivos.

O pânico do sucesso chegou totalmente inesperado. Lembro de ter lido num livro do *Sierra Club*¹ sobre o ataque ao espigão ocidental do monte Everest. Depois de gastar milhões de dólares e perder a vida de alguns companheiros de expedição, dois homens conseguiram conquistar o topo do Everest. Ali, no cume da montanha, viram o mundo do ponto mais alto. Tiveram de superar obstáculos imensos para chegar ao destino, o objetivo máximo, porém a emoção que sentiam não era só de alívio, mas de alegria. Poucos minutos depois, um deles começou a se preocupar sobre como desceriam antes que o vento os varresse do topo.

Na mentalidade do primeiro tempo, o esforço para chegar ao ápice é mais emocionante e satisfatório que o próprio chegar.

Quando o pânico do sucesso me atingiu, levou-me a um cruzamento que demorara muito tempo para alcançar, me forçando a considerar uma série de decisões importantíssimas antes de empreender qualquer outra coisa:

- Eu iria colocar a linha de chegada mais adiante, para poder continuar na corrida e medir o tempo gasto para completar cada novo trecho?
- Dar-me-ia a permissão de estar aberto para novas possibilidades?
- Poderia ter uma crise de meia-idade construtiva?
- Depois do sucesso, o quê?

Eram perguntas difíceis de enfrentar devido ao apego aos negócios e à consciência que tinha de minhas qualidades empresariais e de liderança desenvolvidas durante a carreira profissional. A arena dos negócios era o lugar onde eu provava meu valor — e a minha sabedoria — todos os dias; era o palco onde podia demonstrar meus talentos e minha esperteza. Era um mundo confortável para mim, não apenas por ser familiar, mas também por ser um mundo que esperava que eu fosse exigente, e não amoroso. Era mensurável.

Francamente, eu estava com medo da idéia de voltar a me dedicar ao trabalho da igreja e do serviço: aqueles antigos desejos, nunca totalmente esquecidos, de me dedicar ao sacerdócio que tinham me assoberbado quando criança.

¹ Um dos mais antigos e mais efetivos grupos de conservação da América.

O sacerdócio, como eu sempre o entendera, era amoroso, mas não muito exigente: o exato contrário do mundo real que fora minha muito alegre moradia por quase 25 anos. Parecia por demais macio, bonito, fora deste mundo, difícil de ser medido.

Ainda por cima, todos os meus amigos me encorajavam fortemente a permanecer à frente de uma empresa de sucesso. Porém, como aconteceu com Elias, a voz mansa e delicada — quase inaudível, sempre suave — continuava me chamando enquanto ficava sentado ali, num suor frio de meia-idade causado pelas chamas ainda rugientes do meu sucesso.

A voz mansa mas insistente me pedia que reconsiderasse nada menos que uma pergunta que eu tinha adiado e suprimido durante toda a minha vida adulta:

[Você percebe a diferença entre ser chamado e ser impelido?]

Em simples palavras, eu tinha chegado ao ponto em que teria de tomar outra decisão fundamental. Como quase todas as decisões na vida real, não se tratava de uma opção radical entre preto e branco, indulgência e rigor, liderança e servilismo, e sim de algo que se encontraria na área cinza entre esses extremos polares. Entretanto, enfrentar essa pergunta apenas serviu para enfatizar o preço e a glória de assumir o compromisso de pôr em ação na minha vida as minhas crenças mais essenciais e os meus comprovados talentos.

Foi mais um episódio útil na minha busca por sentido, que me preparou para a iminente indagação dentro de mim mesmo, a investigação que iria me ajudar, finalmente, a desvendar a fonte da minha satisfação e dos meus desejos. Pois foi essa pergunta que me fizera inquirir o que poderia estar perdendo com todos esses ganhos.

A minha preocupação era a de me tornar viciado em sucesso. E uma zona delicada e perigosa a interface entre sucesso e sentido: obter o máximo de sucesso sem se tornar refém dele, sem ser aprisionado por ele. Manter o sucesso em posição subalterna, evitando sucumbir a ele. E uma tensão semelhante à cena de *Atração fatal* em que Michael Douglas está sentado frente a Glenn Close, sabendo que a mulher dele estará viajando durante todo o final de semana e enlouquecendo de desejo. Ele está no limiar entre se manter mestre do seu desejo e cometer um ato que o tornará escravo.

Ele optou por ser escravo, e eu sabia que estava na hora de fazer a minha própria escolha.

Localizando o princípio motor

Na minha hora de maior necessidade, a graça de Deus me levou a um ateu.

Mike Kami é consultor de planejamento estratégico. Ele é brilhante, exigente, intuitivo. Ele põe de lado todas as pretensões e as máscaras e logo percebe a essência das coisas. Consulente principal de recursos da Associação Americana da Indústria, Kami já foi diretor de planejamento estratégico da IBM, durante os anos de crescimento vertiginoso dessa empresa. Sucessivamente, a companhia Xerox o convenceu a deixar a IBM para trabalhar com eles e repetir o mesmo desempenho. Ele é independente, iconoclástico e impiedoso em suas análises.

Não acredita em Deus mas eu posso testemunhar que — ao menos na minha vida — Deus se manifestou sem sombra de dúvida no trabalho de Mike Kami.

Eu estava acostumado a elaborar planos estratégicos periódicos para a minha empresa. Esses planos eram o referencial para que nós na empresa pudéssemos medir a nossa eficácia em realizarmos os nossos sonhos comuns. Eles eram fáceis de serem produzidos e, na maioria das vezes, era divertido pô-los em prática.

Entretanto, agora a situação era essencialmente diferente. Eu precisava elaborar um plano estratégico para *mim*. Peguei os meus sonhos e desejos embaralhados, listas de pontos fortes e pontos fracos, profissões de fé, projetos iniciados e semi-iniciados, coisas para fazer e coisas para desistir de fazer. Eu estava feito um embrulho de ambições complementares e conflitantes, uma cacofonia de árias e gorjeios barulhentos do tipo que se escuta quando os músicos da orquestra estão se aquecendo para o concerto e afinando os instrumentos.

O que deveria fazer? Como poderia ser o mais útil possível? Onde deveria investir os meus talentos, o meu tempo, o meu tesouro? Quais são os valores que dão sentido à minha vida? Qual é a visão suprema que me dá forma? Quem sou? Onde estou? Aonde estou indo? Como irei chegar lá?

Neste furacão de perguntas, Mike Kami me fez uma pergunta simples e penetrante:

[O que há na caixa?]

Quando pedi que se explicasse melhor, Mike relatou uma experiência que tivera com um grupo de executivos da Coca Cola e com o plano deles de introdução da "Nova Coca Cola". Os líderes corporativos disseram a Mike que o princípio motor e a fonte de sucesso da empresa deles era "sabor excelente". Fizeram muitos testes de sabor, encontraram uma nova fórmula com um sabor melhor do que a Coca Cola original, dali a pouco introduziram a "Nova Coca Cola" — e imediatamente sofreram uma das maiores derrotas de marketing de todos os tempos.

Chamaram Mike de volta para outra sessão de planejamento. "Vocês devem ter colocado na caixa a palavra errada", disse ele. "Vamos tentar de novo." Algumas horas depois, eles acharam algo diferente para colocarem na caixa: "tradição americana".

Os executivos reconheceram que retirar a Coca Cola original do mercado equivalia a mexer com uma verdadeira instituição americana, como o amor-de-mãe ou a torta de maçã. Tendo encontrado a palavra certa para colocar na caixa, a empresa conseguiu se recuperar rapidamente daquela pisada de ovos monumental.

Quanto a mim, enquanto procurava a palavra certa para colocar na caixa,

expliquei a Kami que estava aberto a novas empreitadas e possibilidades. Disse a ele que havia compreendido gradualmente que não precisava ser um profissional da religião ou um sacerdote ordenado para fazer jus às minhas convicções cristãs, e o adverti de que eu estava mesmo determinado a transferir ao menos uma parte da minha energia da condução dos negócios para um campo não muito bem especificado de “serviço”. O que provavelmente representava uma advertência dirigida também a mim mesmo.

Pois bem, Kami tomou as minhas palavras ao pé da letra. Explicou que não conseguiríamos elaborar um plano honesto para a minha vida antes de eu identificar o princípio motor dela. “Estive ouvindo você umas duas horas”, disse, “e vou lhe perguntar o que está na caixa. Para mim, ou é o dinheiro, ou é Jesus Cristo. Se você puder me dizer qual desses dois, vou lhe dizer quais são as implicações dessa escolha em termos de planejamento estratégico. Se não puder me dizer, irá continuar oscilando entre esses dois valores e permanecerá confuso”.

Ninguém tinha me feito uma pergunta tão significativa como essa de uma forma tão direta. Depois de poucos minutos (que pareceram horas), eu disse: “Bem, se tiver de escolher uma das duas, vou colocar na caixa Jesus Cristo”.

Foi um ato de fé e representou um desafio assustador para estar aberto às mudanças e à aventura. Mais do que isso, *foi um compromisso para fazer alguma coisa com a fé que eu já possuía*. Reconhecendo Cristo como sendo a minha luz guia, tinha invocado a promessa de que ele iria guiar as minhas andanças, onde quer que elas me levassem.

A nossa sessão de planejamento aconteceu num lugar paradisíaco da Califórnia. Minha mulher, Linda, estava conosco, para poder se envolver nas discussões e no planejamento. Nem eu nem ela tínhamos plena noção de onde exatamente nos estávamos metendo e ambos estávamos bastante apreensivos.

Kami nos impulsionou sem trégua, e com êxito. Descobri que colocar Cristo na caixa é na verdade um sinal de contradição, um paradoxo. Significa quebrar as paredes da caixa e permitir que o poder e a graça da sua vida invadam todos os aspectos da nossa vida. E uma escolha que obedece à mesma lógica maravilhosamente invertida da antiga sentença pela qual é dando que se recebe, a fraqueza é a força e morrendo nascemos numa vida mais rica.

Tinha escolhido fazer de Cristo a minha primeira lealdade, mas não a minha lealdade exclusiva. Era uma distinção importante, pois ainda tinha lealdade para com Linda, o trabalho, os amigos e os projetos. Cristo é o centro de tudo isso, mas não se oporia a essas outras coisas que me dão equilíbrio e plenitude.

Para mim, a lógica desta lealdade me levou a manter a minha ligação com a empresa, trabalhando na retaguarda como presidente do conselho e dedicando mais ou menos vinte por cento do meu tempo a definir a visão e os valores da empresa, escolher os executivos principais, estabelecer padrões e monitorar o desempenho. Os outros oitenta por cento do meu tempo ficam por conta de uma pletora de outras atividades, a maioria das quais envolve treinamento de liderança para igrejas e outras organizações não-governamentais: servindo quem serve os outros, ajudando-os a serem mais eficazes no seu trabalho.

Vou ser honesto com vocês: ainda tenho uma cobertura na cidade, uma chácara luxuosa numa fazenda no Texas oriental e um carro Lexus novinho. Não acredito que faça parte do meu “chamado” assumir um estilo de vida radicalmente diferente daquele que tem sido o meu durante toda a minha vida. Muitas pessoas evitam assumir os riscos envolvidos na busca por um segundo tempo melhor porque acreditam por engano que isto implicaria uma mudança radical de estilo de vida.

Entretanto, eu acredito que Deus nos criou como somos e nos permitiu viver como vivemos porque tinha um propósito nisso.

Em relação a isso, o que *fazemos* com aquilo em que acreditamos é uma consequência da nossa história, e a minha história não foi nem missionária nem monástica. Acredito sinceramente que Deus usa as pessoas nas áreas em que elas são mais fortes e é improvável que ele queira nos mandar para áreas em que não passaríamos de diletantes incompetentes.

Sou consciente de que não é todo mundo que pode dedicar apenas vinte por cento do próprio tempo à vida profissional. Entretanto, não deixe que a necessidade de trabalhar para pagar as contas seja um fator limitante da graça que Deus tem reservada para você no segundo tempo. Não deixe que a segunda metade da sua vida seja caracterizada por declínio, tédio e uma eficácia cada vez menor no seu trabalho em prol do Reino.

Ouçá com atenção aquela voz mansa e delicada e faça uma indagação honesta dentro da sua alma. O que tem na *sua* caixa? E dinheiro? Carreira? Família? Liberdade?

Lembre, você pode ter apenas uma única coisa dentro da caixa. Independentemente de qual seja a sua posição na vida, uma vez que tiver identificado o que tem na sua caixa, conseguirá enxergar o conjunto de atividades — acompanhadas de momentos tranquilos para disciplinas espirituais, leitura e reflexão — que engajam aquela sua “única coisa” e mantêm você numa trajetória de crescimento.

Entretanto, fique esperto. Crescer nem sempre é fácil.

“Adeus, Ross”

Eu estava, pois, navegando feliz pela minha crise de meia-idade construtiva, hasteando a minha “única coisa” no mastro da embarcação, as velas inchadas por uma brisa aprazível. Nessa hora, sem aviso, veio ao meu encontro uma onda velhaca, que virou o barco.

Eu tinha vivido a minha vida mais ou menos em paz com a idéia de que existem coisas que você sabe, coisas de que você desconfia e coisas que você simplesmente nunca irá compreender. Ninguém menos que o próprio Aristóteles lidou com o assunto quando afirmou que a alma opera em dois níveis: o racional, que apreende o que pode ser visto e medido, e a esfera além do racional, que desafia a compreensão humana e pertence ao domínio dos deuses. Este fato novo, porém, ainda ameaçava jogar-me noutra dimensão: o campo dos desesperados.

Meu filho Ross — nosso único filho — era um rapaz de muita promessa. Era meu herdeiro, meu sucessor e, de maneira que podem parecer estranhas a vocês, mas inteiramente reais para mim, um de meus maiores heróis.

Depois de se formar na Universidade Cristã do Texas em Fort Worth, Ross se mudou para Denver para começar a trabalhar num banco de investimento. Seria uma preparação para sucessivamente voltar para o Texas, onde entraria na empresa familiar e aos poucos iria assumir posições de responsabilidade e liderança. No primeiro ano de trabalho ganhou 150 mil dólares, e no segundo ano, que só chegou a começar, poderia facilmente ter superado os 500 mil dólares de renda. Nesse ramo de atividade, havia muito dinheiro para se ganhar no fim dos anos 1980. Entretanto, muito mais importante do que seus sucessos financeiros é o fato de Ross ter sido um ser humano bom — determinado, enérgico, sensível —, com talentos maravilhosos nas relações interpessoais. Ele tinha muitos amigos e adorava a vida com todos os seus prazeres e suas ambiguidades.

Na noite de 3 de janeiro de 1987, recebi uma ligação de meu irmão Jeff, que me disse que Ross e dois amigos tinham tentado atravessar a nado o Rio Grande, que separa os Estados Unidos do México.

“Parece-me que a coisa está feia”, advertiu Jeff com uma voz que não deixava lugar para dúvidas. “Ross está desaparecido no Rio Grande”.

O que levou os três rapazes a mergulharem no Rio Grande foi uma brincadeira: queriam provar a experiência dos imigrantes clandestinos que atravessam a fronteira de água para passar à terra prometida. Ross tinha 24 anos e foi a última aventura dele nesta vida na terra.

Meu irmão me informou que os Texas Rangers estavam coordenando a busca por Ross e por um de seus companheiros; o terceiro rapaz estava vivo e desesperado quanto ao destino dos amigos. Peguei um avião até o Vale do Rio Grande para tomar parte na busca, chegando no alvorecer do dia seguinte. Aluguei aviões, helicópteros, barcos, agentes com cães farejadores: tudo o que o dinheiro podia comprar.

As três da tarde olhei nos olhos de um dos buscadores e compreendi que nunca mais veria Ross nesta vida.

Lembro que andei na cima de um penhasco rochoso talvez setenta metros acima das águas turvas e traiçoeiras do rio, mais assustado que em qualquer outro momento da minha vida. *Isto é algo que você não pode afastar com um sonho*, disse para mim

mesmo. *Isto é algo de que você não pode fugir com o pensamento, com o dinheiro, com o trabalho.*

Tudo estava evidente demais nessa solidão enlouquecedora no penhasco sobre o rio. *Isto, pensei, é algo de que você pode apenas confiar que irá superar.*

O incompreensível estava estalando ao meu redor e não havia nada que me ajudasse a compreendê-lo que não fosse uma perspectiva eterna. Albert Einstein certa vez disse que “o que é incompreensível está além do domínio da ciência. Está no domínio de Deus”. O que tinha acontecido estava verdadeiramente no domínio de Deus.

Lembro ter dito uma oração que, retrospectivamente, me parece ser o pedido mais inteligente que eu já fiz aos céus: “Meu Deus”, implorei, “de alguma maneira, dê-me a capacidade de aceitar e absorver qualquer bênção que as pessoas possam me trazer nesta hora terrível. Amém”.

A busca por Ross e seu amigo continuou, e as bênçãos foram abundantes na minha vida e nas minhas relações. Encontraram o corpo de Ross na primavera, mais de quatro meses depois, quinze quilômetros abaixo do lugar da tragédia. Antes disso, tínhamos encontrado na mesa dele, na casa de Denver, uma cópia manuscrita de seu testamento, datado de 20 de fevereiro de 1986, menos de um ano antes do desaparecimento. Durante o longo inverno de medo e incerteza, suas palavras também foram uma bênção para mim.

“Bem, se você está lendo o meu testamento é porque, obviamente, estou morto”, iniciava Ross. “Como será que terei morrido? Provavelmente de repente, senão teria tido tempo para reescrever isto. Embora eu esteja morto, acho que uma coisa deveria ser lembrada, isto é, que eu fiquei superbem durante todo esse tempo. Mais importante, é preciso ressaltar que agora estou num lugar melhor.”

O testamento indicava como queria que seus bens fossem distribuídos, e Ross concluiu o documento com esta bênção: “Concluindo, eu amei a todos vocês e lhes agradeço. Vocês fizeram da minha vida uma vida fantástica. Vão para cima, não para baixo, e eu estarei esperando por vocês na porta do céu. E só procurar o cara de velha calça cáqui, chapéu de *cowboy* e camisa gasta, com óculos *RayBan* e um sorriso à Jack Nicholson. Também dou graças a Deus por ter a oportunidade de escrever isto antes de falecer. Obrigado. Adeus, Ross”.

Com todo o horror e a tristeza que representou e representa para mim tê-lo perdido, o desaparecimento e a morte de Ross também me trouxeram os melhores momentos de rara percepção e os maiores gestos de bênção e alegria imensuráveis da minha vida. O vazio e a quebra, incondicionais, me deixaram com sentimentos ao mesmo tempo horríveis e maravilhosos. Abraços estreitos e silenciosos de amigos, cartas e ligações cheias de interesse humano e de empatia e refeições caridosas preparadas e trazidas até a nossa casa foram sinais de amor muito necessários. Uma carta, em especial, nos mostrou o quanto a vida de Ross tinha sido uma testemunha para os que estavam perto dele:

Prezados sr. e sra. Buford,

Ross e eu éramos grandes amigos. Tudo o que tinha, Ross dividia comigo. Dividia seus pensamentos e suas idéias, suas alegrias e suas dores; dividiu muitas risadas. Mais importante de tudo, dividiu o seu amor.

Agora Ross tem um novo grande amigo, com quem está neste momento. Entretanto, assim como antes, Ross continua compartilhando. Hoje, está compartilhando seu novo grande amigo com o seu antigo grande amigo.

Dou graças a Deus por Ross e agradeço a Ross por Deus...

Ronnie

Apesar do conforto que essas palavras trouxeram, tive de me apoiar em Deus completamente nessas semanas terríveis após a morte de Ross, muitas vezes lembrando o versículo da Bíblia “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento”. Aprendi que Deus é de fato suficiente e a sua força se torna perfeita na fraqueza. Aprendi que na minha vida na Terra eu vivo como:

Um peregrino que não está no controle
Um Guia que não é proprietário
Um soldado que não tem segurança

Existe uma oração simples dos Quakers sobre dar e receber que pronunciei na noite depois de perder Ross e que ainda hoje utilizo com frequência. Como os Quakers usam as mãos como um tipo de artefato ou símbolo religioso, a primeira parte da oração se faz com as palmas para cima, visualizando-se no ato de receber tudo o que se precisa de Deus. A segunda parte se faz com as mãos voltadas para baixo, visualizando todas as próprias tristezas e preocupações sendo depositadas no colo de um Deus benevolente e amoroso.

Recorri a esta oração física quando tomei a palavra numa igreja duas semanas e meia após o enterro de Ross.

“Deus”, falei, com as mãos voltadas para cima, “Tu puseste a minha vida nas minhas mãos. Eu a devolvo. O meu tempo, os meus bens, a minha vida mesma... sabendo que ela é apenas um instante se comparada com a minha vida contigo (e com Ross) na eternidade”.

Voltando as palmas para baixo, continuei: “Pai, deposito em ti as tristezas e as preocupações deste mundo, sabendo que me amaste o suficiente para entregares teu único Filho por mim. Sou um pecador que precisa de um Salvador e, mais uma vez, aceito o que fizeste para mim como sendo suficiente. Em nome de Jesus. Amém”.

Em sua carta aos romanos, Paulo escreveu uma mensagem de conforto que deu coragem a milhões de fiéis angustiados, desesperados e quebrados, durante séculos: *“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”* (Rm 8:28). Realmente, todas as coisas cooperam, mas unicamente numa perspectiva eterna.

Eu moro em dois mundos. Um é o mundo da agitação e dos negócios. É o mundo da barganha e da contagem dos pontos, da bolsa de valores em alta vertiginosa ou despencando precipitadamente. Este mundo é como uma nuvem: irá perecer. O outro mundo em que moro é aquele onde Ross está agora: o mundo da eternidade. E a realidade desse segundo mundo que me permite responder com confiança: “Adeus, Ross, *por enquanto*”.

Esta perspectiva eterna me fez voltar, com enorme consolação, à paixão eloqüente de George Bernard Shaw pela vida e ao seu conceito da responsabilidade de consumi-la todos os dias. “Me regozijo da vida por ela mesma”, escreveu ele. “Para mim a vida não é nenhuma vela curta. É uma espécie de tocha esplêndida que estou segurando por ora, e quero fazê-la queimar com o maior brilho possível antes de entregá-la às gerações futuras”.

Um motivo que tenho para incluir o meu caro Ross numa breve lista de grandes heróis é porque apesar da jovem idade ele não era nenhuma vela curta. Ele era uma tocha esplêndida — vital, carismática, magnética, atrativa — cheia dos atributos que todos gostaríamos de ter em maior abundância. Ross usou seus talentos plenamente. Ele não foi avarento consigo mesmo, mesmo sendo tão poucos os seus dias. A morte de Ross, mesmo trágica, foi uma inspiração para que eu queime com muito brilho enquanto ainda é de dia.

John Donne, um famoso poeta inglês, escreveu uma vez: “Nenhum homem é uma ilha, inteira em si; todo homem é uma parte do continente, um pedaço do território todo... A morte de qualquer homem me diminui um pouco, pois estou envolvido com toda a humanidade e, portanto, não mandes perguntar por quem o sino está dobrando; ele dobra por ti”.

Permita-se escutar o som do sino. E antes que dobre por você, permita que seja o chamado do seu despertar.

Segunda parte

O intervalo

“A questão é entender a mim mesmo, enxergar o que Deus realmente quer que eu faça... encontrar a idéia pela qual eu possa viver e morrer.”

Søren Kierkegaard

7

Fazendo um balanço

*Toda a infelicidade dos homens vem de uma só coisa, que é não saberem ficar quietos dentro de um quarto... Não é essa vida mole e tranqüila, que nos deixa tempo para pensar na nossa infeliz condição, que procuramos; como não são os perigos da guerra, nem os aborrecimentos dos empregos; é o ruído, que nos desvia de pensar na nossa condição e nos diverte. Pois é a caça e não a presa que procuramos. Daí amarem tanto os homens o ruído e a agitação; daí ser a prisão um suplício tão horrível; daí o prazer da solidão se tornar uma coisa incompreensível. **Pensamentos, de Pascal***

Meu pai era caçador. Meu filho também era. O código genético que desencadeou neles o impulso primai, aventureiro, esportivo do caçador, comigo parece ter pulado uma geração. Eu me considero mais um jogador, pois prefiro esportes com resultados mais fáceis de serem medidos, onde o relógio por vezes é um aliado e por vezes um adversário. Tenho uma predileção para com o futebol americano, em que após cada quarto de partida é feito um balanço estatístico, e para o esporte dos negócios, onde também quatro vezes por ano é feito um balanço trimestral. Em ambos os casos, no fim do jogo se tem um resultado final.

Gosto de acompanhar resultados.

Entretanto, Pascal tinha razão: muitos de nós procuramos a caça, e não a presa. Temos mais prazer com a perseguição do que com a conquista. Submergidos no dia-a-dia da existência, é raro darmos um tempo para vivenciarmos a maravilha e a quietude da solidão, onde a voz de Deus se faz mais presente.

“Se eu fosse médico e me pedissem conselho”, disse certa vez o teólogo e historiador Søren Kierkegaard, “responderia: façam silêncio”.

O intervalo do jogo não pode ser barulhento.

O primeiro tempo foi barulhento, agitado, quase frenético. Não é que a gente não *queira* ouvir aquela voz mansa e delicada. É que nunca parecemos ter tempo para isso. Tente reconstruir a sua agenda de cada dia das últimas duas semanas. Provavelmente nem conseguirá lembrar o que fez ontem, que dirá há duas semanas. Olhando na agenda descobrirá o porquê: você tinha tantas coisas para fazer que seria impossível se lembrar de todas.

Eram todas atividades importantes. Eram o tipo de coisas pelas quais estaria disposto a morrer? Você fica animado pensando que isso vai continuar assim? A expectativa de que o trabalho represente algo além do salário, que dê sentido à vida, vem provocando crises de meia-idade, desorientadoras e desanimadoras, para muitos trabalhadores americanos. São milhões os que, com mais ou menos quarenta anos, ao invés de sentirem que atingiram o máximo de seu poder ou o cume de suas carreiras, sentem-se aprisionados. Presos num emprego que não apresenta para eles quase nenhum desafio; presos em relacionamentos estagnados, quando não destrutivos; presos nas consequências de escolhas feitas numa geração anterior.

A faculdade de economia de Harvard oferece um *workshop* interessante, chamado de “Idade das Opções”, dirigido a pessoas que estão no meio de suas vidas. O objetivo é garantir que “a próxima fase da carreira dos participantes seja realizadora e significativa. Os participantes são orientados a reavaliarem os caminhos de desenvolvimento profissional e definir as escolhas futuras em termos de demandas e inclinações pessoais”. Citei isto não para promover um *workshop* de Harvard, e sim para frisar o quanto essa exigência é prevalente na nossa cultura. A medida que a geração dos que nasceram nos anos 1960 (época do “baby boom” nos Estados Unidos) vai chegando aos quarenta anos de idade, aumenta o número dos que chegam à metade da vida.

Não é anormal, e não deveria ser motivo de excessiva preocupação, sentir a necessidade de uma mudança. O erro mais comum cometido pelos que começam a se sentir assim é o de ignorar a voz que lhes pede que parem e escutem. Há muitas maneiras de ignorar essa voz. Alguns simplesmente redobram esforços, considerando que precisam de mais disciplina e mais enfoque. Outros recorrem a diversões, que podem ser saudáveis ou temerárias. A maioria, acho, cai num estado de sonambulismo no qual se força a permanecer até a aposentadoria. Nenhuma dessas estratégias lhe serve para fazer com que o segundo tempo da vida seja melhor que o primeiro, pelo contrário, podem fazer com que seja pior.

Se você está ouvindo uma voz lhe falando baixo, está na hora de se dirigir ao vestiário, respirar fundo e preparar-se para o segundo tempo: um segundo tempo melhor do que o primeiro. Para um técnico de futebol e seu time, é a hora de fazer um balanço e avaliar o que foi feito. O que funcionou? O que não deu certo? Jogadas que não deram certo serão modificadas ou abandonadas no segundo tempo, e novas jogadas, elaboradas e acrescentadas. Muitas vezes, um bom segundo tempo depende do que aconteceu no intervalo do jogo.

Ao fazer o balanço, faça-se estas perguntas, todas semelhantes: Qual é a minha paixão? Como sou estimulado? Onde é meu lugar? Acredito no quê? O que vou fazer acerca daquilo em que acredito? Ou, seguindo a sugestão de Peter Drucker para os que estão procurando a tarefa da vida: Quais são os meus valores, as minhas aspirações, os meus rumos, e o que devo fazer, aprender, mudar, para me tornar capaz de satisfazer as minhas ambições acerca de mim e minhas expectativas acerca da vida?

Não posso lhe dizer exatamente como responder a essas perguntas, mas posso compartilhar — em forma de conceitos gerais — o que mais funcionou comigo quando estava me preparando para voltar ao campo de jogo.

Faça as pazes. Muitas pessoas abordam a segunda metade da vida carregando arrependimentos acumulados na primeira metade. (“Deveria ter passado mais tempo com a minha família”, “Deveria ter desenvolvido relacionamentos melhores”, “Deveria...”) O arrependimento é uma emoção difícil de domesticar, persegue-nos em formas que acabam sugando a nossa força e a nossa inspiração para superar o que

passou e encarar o futuro. Portanto, uma das primeiras coisas que você precisa fazer no intervalo é fazer as pazes com as questões herdadas do primeiro tempo.

Isso não significa que você tenha orgulho de tudo o que fez ou que não mudaria nada em sua vida se pudesse. Qualquer análise retrospectiva honesta irá revelar muitas coisas que você gostaria de ter feito de outra forma. O truque é evitar de enxergar essas coisas fora de proporção e aceitá-las como um fator inevitável do crescimento.

Um amigo meu estava arrependido pela forma com que criara o próprio filho. Expressou esses arrependimentos a um conhecido da família e encontrou conforto na resposta dele: Não adianta muito resmungar sobre as coisas que você fez ou deixou de fazer no passado. Na época, você fez o melhor que pôde, em função dos seus conhecimentos e da sua experiência. Você não fez nada com a intenção de decepcionar seu filho, mesmo que agora, com o benefício de alguns anos de experiência, você perceba que poderia ter feito as coisas de outra maneira. Não se culpe por boas intenções que podem ter sido aplicadas de forma inadequada.

Já que não pode voltar atrás e desfazer os erros do passado, você tem apenas duas opções. Pode se roer pensando nesses erros e se desgastar com os efeitos que possam ter trazido para a sua família e a sua carreira ou pode se conciliar com eles mediante a graça divina, aceitando-os como marcos dolorosos através dos quais poderá aprender algo que lhe será útil no segundo tempo. O intervalo não é o momento de se castigar pelo que você deixou de fazer, e sim a hora de se conciliar com os fracassos e reconhecer que você vive na graça divina.

Tome seu tempo. O maior erro que muitos de nós cometemos no primeiro tempo é não tomar tempo suficiente para as coisas que são realmente importantes, portanto quando entramos no intervalo precisamos ter o cuidado para não repetir o mesmo erro. Naturalmente, isso requer um certo grau de disciplina e de gestão do tempo, e haverá uma tendência para enxergar isso como mais um compromisso na sua agenda que já está sobrecarregada. Você não entraria, entretanto, no intervalo se não tivesse a determinação de mudar algumas coisas em sua vida.

Há algum tempo tive o prazer de conhecer Konosuke Matsushita, presidente da grande empresa japonesa de eletrônica, extremamente bem-sucedida, de mesmo nome. Matsushita adota a prática, bastante comum na Ásia, de se retirar de vez em quando no jardim para se dedicar à contemplação e à reflexão. Quando Matsushita entra numa sala, o carisma é palpável. Sem proferir uma palavra, ele transmite uma profunda sensação de equilíbrio e de elegância reservada.

Acredito muito na prática de se afastar da multidão por um período de tempo para se dedicar a esse tipo de reflexão própria do intervalo entre os dois tempos do jogo. Esta prática tem se tornado um hábito do meu segundo tempo: reservo um tempo para a introspecção durante quase todos os finais de semana. Poucas horas de leitura e reflexão ininterruptas são o manancial que me fornece a água vital para alimentar as atividades do resto da semana. Para você, isto poderia ser qualquer coisa desde levantar uma hora mais cedo para meditar em silêncio até passar um final de semana prolongado num hotel em outra cidade.

Demorou quase vinte anos para você chegar no intervalo. Não espere, portanto, resolver todas as pendências do primeiro tempo e planejar o segundo em poucas horas apenas. Para a maior parte de nós, o intervalo dura vários meses ou anos. E nunca irá acontecer se não dedicarmos a ele todo o tempo necessário.

Seja metódico. O intervalo é muito mais do que sentar numa poltrona e meditar. É mais do que dedicar um certo tempo a pensar, orar e brincar. Um intervalo bem-sucedido precisa ser estruturado. Planeje um cronograma que permita abordar uma a

uma todas as questões importantes. Esse cronograma deverá incluir tempo para orar e ouvir, ler a Bíblia e pensar. Entretanto, terá também de incluir algumas perguntas ponderadas. A lista que segue pode conter algumas dicas:

- Estou perdendo algo importante na vida?
- O que me apaixona?
- Quem sou eu?
- O que tem valor para mim?
- O que quero fazer daqui a dez anos? Vinte anos?
- Quais dons concedidos por Deus foram aperfeiçoados com a passagem do tempo?
- Eu estaria disposto a morrer pelo quê?
- O que há no meu trabalho que me faz sentir aprisionado?
- Quais mudanças reais posso fazer no meu emprego?
- Estaria disposto a aceitar um trabalho menos estressante (e com menor remuneração) para ser mais feliz, para estar mais perto do meu verdadeiro eu?
- Quais passos concretos preciso tomar amanhã para que o meu segundo tempo de vida seja melhor que o primeiro?

E aconselhável anotar as suas respostas num caderno ou num diário. Escrevo todos os dias uma espécie de autobiografia espiritual: a história sagrada da minha existência muito humana, a busca incessante pela parte mais nobre e mais decente de mim. Se isso pode parecer um pouco vaidoso e orgulhoso, é porque você ainda está com um pé no primeiro tempo. A sua “única coisa” ainda está trancada na câmara mais sagrada do seu coração. Abra o coração e deixe que as respostas fluam até as páginas da própria história.

Compartilhe a viagem. Não consigo imaginar a viagem de transição do primeiro ao segundo tempo da minha vida sem a companhia de minha mulher. Linda estava comigo quando tive de escolher entre colocar uma cifra ou uma cruz na caixa que representava o que era mais importante na minha vida. Ela não vacilou quando desenhei a cruz, mas também não foi uma companheira silenciosa. Fez perguntas, sugestões, me manteve honesto. Se o seu casamento é uma verdadeira parceria (como eu acredito que deva ser), seria errado que você impusesse todo um novo estilo de vida ao seu cônjuge sem antes consultá-lo.

Seja honesto. Algumas pessoas cometem o erro de utilizar o intervalo para fantasiar, projetando esperançosamente várias imagens de si mesmos em situações que nunca acontecerão.

Em qualquer outra circunstância, isto se chama devaneio e não é nada de ruim para se fazer no trajeto de volta do trabalho para casa. Preparar-se, portanto, para um segundo tempo melhor não é nenhum devaneio. Você precisa enfrentar honestamente as questões difíceis, chatas, sobre finanças, outros membros da família, objetivos de longo prazo etc. E quando você *de fato* se faz as perguntas difíceis, não dê o truque nas respostas. Para que o segundo tempo seja melhor que o primeiro, você precisa descobrir quem você realmente é. Durante a maior parte do primeiro tempo, você teve de ser outra pessoa. Não foi dissimulação, e sim a realidade nua e crua de todos nós que galgamos os degraus da escada do sucesso. O eu do segundo tempo é o seu verdadeiro eu, portanto seja honesto o suficiente para descobri-lo.

Seja paciente. Demorou quase duas décadas para você alcançar este ponto. Você não pode desfazer tudo de um dia para o outro. Ainda tem de ir trabalhar amanhã. As contas vão chegar na sua casa. Os clientes vão querer que você retorne as ligações. E uma visão clara do que você deveria fazer com o resto da sua vida pode demorar um bom tempo para se concretizar... Ou pode não se concretizar nunca.

Tenha fé. Para os cristãos, o intervalo é basicamente um momento para responder à pergunta: “O que vou fazer sobre aquilo em que acredito?” Comece a responder ativando a sua fé, sem deixar de confiar em Deus para guiá-lo. Ouça a Sua voz transmitida pela Bíblia, e os pensamento que ele coloca na sua mente quando você fala com ele. Para alguém acostumado a ouvir consultores, superiores, subalternos e pesquisas de mercado, pode ser um exercício difícil. Ouça e confie.

Exame do intervalo

Responda às seguintes perguntas que o ajudarão a fazer um balanço do primeiro tempo da sua vida, no momento em que está se preparando para um segundo tempo melhor. Seja honesto e anote as respostas.

1. Você quer ser lembrado pelo quê? Descreva como seria sua vida se saísse exatamente como você deseja.
2. E o dinheiro? Que quantia é suficiente? Se eu tiver mais do que o suficiente, a qual propósito irei destinar o excedente? Se eu tiver menos do que o suficiente, o que estou disposto a fazer para mudar esse quadro?
3. Como me sinto em relação a minha carreira profissional? É isso que quero fazer da vida daqui a dez anos?
4. Vivo uma vida equilibrada? Que elementos importantes de minha vida merecem mais dedicação de tempo?
5. Qual é a primeira lealdade da minha vida?
6. Aonde vou procurar inspiração, mentores e modelos de trabalho para a segunda metade de minha vida?
7. Peter Drucker diz que duas demandas importantes são a auto-realização e a comunidade. Numa escala de 1 a 10 (onde 10 é o máximo), qual é o meu desempenho nessas áreas?
8. Trace uma linha que descreva os pontos altos e baixos da sua vida. Ou então trace três linhas, uma para a sua vida pessoal, outra para a sua vida familiar e a terceira para a sua vida profissional. Onde elas se encontram? Onde divergem?
9. Quais das seguintes opções de transição parecem se adequar melhor ao meu temperamento e aos meus talentos? (Avalie cada opção numa escala de 1 a 10).
 - a. Continuar fazendo o que já sei fazer bem, mudando o contexto.
 - b. Mudar de trabalho e permanecer no mesmo contexto.
 - c. Transformar uma vocação em nova carreira.
 - d. Desdobrar-me em duas ou até três profissões (não afeições) paralelas.
 - e. Dar continuidade ao que estou fazendo, até depois da idade da aposentadoria.
10. O que eu quero para os meus filhos?

O propósito do intervalo é fazer um balanço, ouvir e aprender. E o grito do salmista que ecoa nos corações de todos os que se sentem desgastados pelo primeiro tempo:

“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.” Salmos 139:23,24

Você acredita em quê?

Não lembro de nenhum momento da minha vida em que *não* tenha acreditado em Deus e tenho a impressão (confirmada por numerosas pesquisas de opinião) de que a maioria dos americanos compartilham do mesmo ponto de vista. Porém, pelo motivo que for, a maioria de nós parece estar atolada em algum lugar intermediário entre a descrença e a segurança tranqüila que advém a quem conhece a Deus. Por que será? Por que passei tanto tempo durante a primeira metade da minha vida tentando definir como Deus era realmente?

Em parte, esta luta com a fé é algo bom. Afinal, Deus é ao mesmo tempo simples e complexo. O conceito de um ser onipotente que é onisciente, Todo-Poderoso e pessoal é um pacote muito grande para abraçar com os nossos meros braços mortais. A luta com a fé também é consequência de quem somos durante o primeiro tempo. Na nossa melhor modalidade “de conquista”, enquanto caçamos o grande negócio ou medimos o sucesso pelo tamanho da nossa renda, podemos, sem o saber, estar tentando acrescentar Deus à nossa lista de realizações, quantificando-o. Estudamos, analisamos, anatomizamos, sondamos, até podermos dizer, cheios de segurança e orgulhosos, que *adquirimos* a Deus.

Acredito que a igreja não tem ajudado muito, pois parece supor que aqueles que sentam no templo e pagam o dízimo não são verdadeiros fiéis. Os oitenta milhões de americanos que vão à igreja domingo após domingo, entretanto, estão aí, em sua grande maioria, porque realmente *acreditam* em Deus. Eles não são ateus ou pagãos condenados. São buscadores de Deus, quando não tementes a Deus, que, à diferença de seus equivalentes laicos, levantaram num dia de folga, botaram uma gravata ou um vestido e foram para a igreja. E a maioria deles, uma vez lá, ficam sentados uma hora ou mais ouvindo um pastor que lhes conta uma quantidade de coisas que eles já sabem e em que já acreditam.

Isto não pode durar eternamente. Há um limite de quantos sermões você pode ouvir, quantos estudos bíblicos você pode assistir, quanto tempo você pode passar em introspecção. O intervalo do jogo é a oportunidade perfeita para deixar de tentar *entender* Deus e passar a *conhecê-lo*. É o momento para aceitar humildemente o fato de que você não pode nunca entendê-lo perfeitamente, mas precisa aceitar, num ato de fé, que ele o conhece e o ama.

Jim Russell é um homem de negócios do Michigan que está firmemente no segundo tempo. Depois de fundar uma empresa a partir de nada e trabalhar duramente para torná-la um grande sucesso, hoje está investindo a maior parte do seu tempo e da sua energia num verdadeiro trabalho de segundo tempo, ajudando na construção do Reino. Para fazer com que mais cristãos façam alguma coisa em relação à sua fé em Deus, Jim criou o Amy Awards, um concurso de redação. O mecanismo é simples: o concurso confere prêmios em dinheiro (dez mil dólares ao primeiro classificado) a autores de artigos que citam a Bíblia e promovem ensinamentos cristãos em jornais e revistas laicas.

O objetivo de Jim é encorajar os cristãos a assumirem a fé publicamente, ocupando seu legítimo lugar numa cultura de diversidade. Sua teoria é que a vitória da proclamação já foi alcançada, isto é, a grande maioria dos americanos ouviu o Evangelho e respondeu de modo positivo, mas eles simplesmente não sabem o que fazer com a fé. E na convicção de Jim, uma vez que os cristãos aprenderem o que fazer

com a fé, poderão transformar a nossa nação. É um pensamento radical, vindo de um empreendedor conservador, mas é um ponto de vista que vale a pena destacar.

Às vezes penso que nós complicamos uma das verdades mais singelas da Bíblia: acredite no Senhor Jesus Cristo e será salvo. Estas maravilhosas palavras de conforto não significam necessariamente que pertencer a uma igreja, ter uma compreensão perfeita da teologia cristã, adotar a posição “correta” sobre as controvérsias religiosas ou fazer doações às entidades assistenciais certas vá colocar você numa relação autêntica com Jesus. Essas coisas são importantes sim, mas pode estar na hora de você se perguntar se não está se preocupando demais com elas.

Encontrando aquela única coisa

Apresentarei uma parábola do Oeste Selvagem encenada num filme de Hollywood. Trata-se da cena que considero central no filme *City slickers*, com Billy Crystal e Jack Palance.

Descreverei a cena: Palance e Crystal estão cavalgando devagar pela planície, discutindo a vida e o amor. Palance é um peão boiadeiro manhoso, enquanto Crystal é uma patricinha de Los Angeles que pagou para passar duas semanas de férias na fazenda. Naturalmente, acaba ganhando mais do que o contratado e, nesse processo, aprende algo importante sobre si mesmo.

Prestem atenção à conversa entre eles, ligeiramente editada:

CRYSTAL:... e assim que acabar, ela voltará para a astronave dela e viajará no espaço pela eternidade. Você faria isso?

PALANCE: Ela é ruiva?

C: Poderia ser.

P: Gosto de ruivas.

C: Você já foi casado?

P: Não.

C: Já se apaixonou?

P: Uma vez. Estava conduzindo um rebanho no Oeste do Texas. Passei por um sítio humilde, barrento, bem na hora do pôr-do-sol. Lá fora no campo estava uma moça trabalhando na roça, de bruços. Aí ela levantou e estirou as costas. Estava vestida com um vestido simples de algodão, e o sol do ocaso estava bem atrás dela, mostrando as formas que Deus tinha lhe dado.

C: O que aconteceu?

P: Virei e fui embora.

C: Por quê?

P: Imaginei que a coisa não ia ficar melhor do que já estava.

C: Tudo bem, mas você poderia, sabe, ficar com ela.

P: Já fiquei com um monte de mulheres.

C: Tá, mas, olha, ela poderia ser o amor da sua vida.

P: Ela é.

C: Que ótimo. Não... que péssimo. Isso aí tá errado, Curly. Você deixou passar algo que poderia ter sido fantástico.

P: Eu que quis.

C: Eu nunca conseguiria agir assim.

P: Você que sabe. Um peão tem um tipo de vida diferente. Isto é, quando ainda *tinha* peões. É uma espécie em extinção. Entretanto, para mim ainda significa alguma coisa. Daqui a uns dias vou levar esse gado do outro lado do rio e pelo vale. Aaah (dá uma risada), não tem nada como conduzir um rebanho.

C: Tá vendo, isso aí é muito legal. A sua vida faz sentido para você.

P: (Ri)

C: O quê? O que tem de engraçado?

P: Esse povo da cidade, vocês ficam se preocupando com um monte de bobagens, né?

C: Bobagens? A minha mulher só faltou me dizer que não me quer mais perto dela.

P: E ruiva?

C: Só quero dizer...

P: Quantos anos você tem? Trinta e oito?

C: Trinta e nove.

P: E isso aí. Vocês todos vêm pra cá com a mesma idade e os mesmos problemas. Passam cinquenta semanas do ano acumulando nós na sua corda e acham que em duas semanas aqui os nós vão se desfazer. Ninguém de vocês sacou o que é. (Longa pausa). Você sabe qual é o segredo da vida?

C: Não, qual é?

P: Isto. (Levanta o dedo indicador.)

C: O seu dedo?

P: Uma coisa. Uma só. Você fica com ela e todo o resto não importa droga nenhuma.

C: Legal, mas o que é essa única coisa?

P: E o que você vai ter que descobrir.

A primeira vez que vi essa cena, percebi imediatamente que se tratava de uma parábola para desvendar uma verdade profunda. Ela tem uma ressonância especial para a geração do *Baby Boonx*, e está cheia de autenticidade e de sabedoria. Jack Palance, o velho filósofo caipira sulcado de rugas, com o chapéu de peão puxado baixo sobre a testa e um cigarro pendurado dos lábios, fala as palavras enxutas e sábias que são verdadeiras para você e para mim. Não são palavras particularmente elegantes, mas são eloqüentes e comunicam uma mensagem poderosa.

É um sentimento muito semelhante ao que Eric Hoffer, o filósofo estivador americano, expressou quando observou com agudeza que “a sensação de estar apressado geralmente não é causada por uma vida cheia e pela falta de tempo. Quando não estamos fazendo aquela coisa especial que deveríamos estar fazendo, não temos tempo para mais nada: somos as pessoas mais apressadas do mundo”. No primeiro tempo da sua vida, você pode ter tido freqüentemente a sensação de ser a pessoa mais atarefada do mundo. A chave para ter um segundo tempo bem-sucedido é encontrar aquela “coisa especial” e, por intermédio disso, encontrar o que a Bíblia chama de um estado de felicidade, ou bem-aventurança.

A maioria das pessoas não descobre nunca aquela “coisa especial”. Entretanto, uma parte do por que é tão perturbador se aproximar do final do primeiro tempo da nossa vida é que sabemos que ela está aí em algum lugar. Como o personagem de Billy Crystal, desejamos desesperadamente encontrá-la, mas não sabemos com exatidão onde procurá-la. Muitas vezes, tentamos preencher esse vazio com coisas que oferecem apenas um alívio temporário:

- Ganhar e gastar dinheiro

- Projetos e competição (vencer)
- Relacionamentos

Larry Crabb, autor de *Inside out*, caracteriza esse desejo como uma necessidade de preencher “um espaço vazio situado no centro de nós mesmos... o desejo essencial da nossa alma”. Quando começou a vivenciar o sucesso na sua vida profissional, satisfaz esse desejo acumulando e adquirindo: lembre que o primeiro tempo é o da modalidade do caçador-coletor. A prova disso está no sótão, na garagem e nos armários! Repare também em quanto tempo você dedica à diversão, ao lazer e à vida social.

Todas essas atividades são ruins? Claro que você sabe que não são, mas elas nunca irão satisfazer o desejo de encontrar aquela “coisa especial” que é única e só sua: a coisa que, assim que a encontrar, possibilitará uma mudança verdadeira na vida.

Deus programou a “coisa especial” na sua vida exatamente como num programa de computador. Paulo escreve sobre isso na carta aos efésios: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10). A sua coisa especial é a parte mais essencial de você, a sua dimensão transcendente. Equivale a descobrir o que é verdadeiro em você, ao invés de introjetar a verdade de outrem ou introduzir os objetivos de outras pessoas na sua própria personalidade.

Entender o que está na caixa decidirá a questão de quem ou o que estará nos alicerces da sua vida. Também decidirá a questão da fé. Não basta apenas individualizar o que está na caixa, você também tem de saber quem tem a posse dela: quem você é como indivíduo único criado por Deus para um propósito. Qual é o seu propósito? O que move você? O que você faz tão bem que o faria com prazer mesmo sem remuneração? Qual é a sua paixão, a centelha que só precisa de uma brisa leve para estalar num incêndio grandioso?

Não nos fazemos essas perguntas durante a primeira metade da nossa vida porque estamos ocupados demais fazendo as coisas que consideramos corretas. Entretanto, se está começando a sentir que a sua “coisa correta” não é a sua “única coisa”, você chegou nos últimos segundos do seu primeiro tempo. E isto que Peter Drucker quer dizer quando ensina a diferença entre eficiência e eficácia. Eficiência, segundo Peter, é fazer as coisas corretamente. Eficácia é fazer as coisas certas.

Gostaria de poder fazer mais para você do que Jack Palance fez para Billy Crystal, mas a tarefa de encontrar a sua “única coisa” pertence a você. Tudo o que posso dizer sem medo de errar é que você não vai encontrar um verdadeiro sentido para a sua vida correndo de um compromisso de negócios para uma reunião na igreja e de lá para o jogo de futebol do seu filho e sucessivamente para o jantar e a cama. Se você não tem condições de tomar o tempo e a solidão perante Deus, que são necessários para encontrar a sua “única coisa”, então você não está pronto para encontrá-la.

Do sucesso ao significado

“Há duas fontes de infelicidade na vida. Uma é não conseguir o que você quer; a outra é conseguir o que você quer.” **George Bernard Shaw**

Por que Michael Jordan abandonaria um jogo em que era o jogador dominante num time da primeira divisão para optar por uma vaga num time capenga de um campeonato de segunda divisão noutro esporte?

Por que John Malone aceitaria um corte de cinquenta por cento do salário para tomar as rédeas de um sistema de televisão a cabo atrelado a uma dívida de trinta milhões de dólares?

Por que você fareja os anúncios de ofertas de emprego, pensando numa eventual mudança profissional, ou talvez considerando assumir algum trabalho missionário por determinado período?

Uma das características mais comuns de alguém que está se aproximando do final do primeiro tempo é o desejo incontrollável de passar do sucesso ao significado. Depois de um primeiro tempo em que estivemos fazendo o que devíamos fazer, no segundo tempo gostaríamos de fazer algo mais significativo, algo que se levante acima de mordomias e holerites de salário para atingir a estratosfera do significado.

Evidentemente, nem todo sucesso é ruim. Os Estados Unidos são loucos por sucesso, por bons motivos. Desde os primeiros dias da nossa juventude, somos encorajados a competirmos pelo primeiro prêmio, não importando se a competição é uma brincadeira de recreio ou um concurso de ortografia. (Lembro até hoje de quando ganhei o concurso de ortografia da primeira série em Okmulgee, Oklahoma). Os estudantes de colegial se esforçam para conseguir os primeiros lugares na classificação da última série, para conseguirem vagas nas melhores universidades, o que por sua vez os colocará no caminho certo para ingressarem num emprego de bom nível em alguma empresa prestigiosa. E os empregadores que conseguirem um número suficiente desses vencedores esperam que o nome de sua empresa apareça no topo de alguma lista de “melhores de” numa publicação influente.

Estou no mundo dos negócios há trinta anos e ainda não achei uma empresa que queira, de propósito, chegar em segundo lugar. Também não há motivo para isso. O impulso de competir pelo primeiro lugar é um estímulo potente e positivo: é o motor não apenas da nossa vibrante economia, mas também de todo um estilo de vida que considera a excelência uma possibilidade ao alcance dos mais esforçados. Mesmo quando não conseguimos o prêmio, o esforço nos elevou acima das nossas expectativas.

A vida boa, no sentido mais positivo da expressão, é o resultado de um desejo saudável por sucesso. Entretanto, no caminho do sucesso, começamos a colher sinais que nos dizem que o sucesso não é suficiente. Você pode estar percebendo alguns desses sinais:

1. A excitação de fechar um negócio importante não é mais a mesma de há dez anos.
2. Um sócio mais jovem está nos seus calcanhares e você, ao invés de tentar ficar na frente, o ajuda.

3. Você dedica muito tempo imaginando como seria começar de novo ou “descer” numa posição de menos responsabilidade que lhe dê maior controle sobre a sua vida.
4. Você tem uma posição segura, porém está farejando os anúncio de empregos e as ofertas de trabalho.
5. Você se pergunta qual é a prioridade da vida de um cliente, ao invés de tentar vender-lhe sua proposta.
6. Você inveja o cara que deixou o emprego para passar mais tempo com a família e se dedicar ao sonhado trabalho na igreja.
7. Você usa todas as suas férias e começa a pegar umas folgas também.
8. Você começa a se perguntar: “Até onde eu aguento?”
9. A sugestão que o chefe fez de que você poderá ser promovido não o motiva mais como antes.
10. Você esteve pensando muito seriamente na possibilidade de fundar a sua própria empresa.
11. Seu filho lhe diz, um dia: “Faça alguma coisa com a sua vida, pai!”

O psicólogo Donald Joy uma vez observou que pouco tempo depois dos quarenta anos de idade, muitas pessoas enfrentam algum grande desafio, uma empreitada que parece estar fora de alcance. Se for agricultor, toma um empréstimo e amplia a fazenda, para que passe a ser a maior da região. Se for um quadro médio numa empresa tradicional, sai para fundar seu próprio negócio. Ou pode tentar deixar uma marca num *hobby* ou numa vocação: alguém que pratica o alpinismo como lazer pode tentar a conquista de uma montanha difícil, e um marinheiro de final de semana tentar uma viagem oceânica solitária.

Alguns consideram que este esforço ambicioso para brilhar é mais uma tentativa de ser bem-sucedido, mas é mais do que isso. Ao nos aproximarmos do meio de nossa vida, compreendemos que há um limite ao que podemos comprar, vender, dirigir e atingir. E começa a “cair a ficha” de que não vamos *viver* para sempre. Afinal de contas, o nosso sucesso será bastante vazio, se não incluir um grau condizente de significado, e a maior parte do que fazemos na primeira metade da vida não está infundida da presença do eterno. Como notou um homem de negócios bem-sucedido, formado em Harvard, ao comentar sobre os numerosos sucessos que vivenciou no seu ramo profissional, “eu estava sempre descobrindo que além do pote de ouro no fim do arco-íris havia uma espécie de vazio”.

Considerem o meu amigo Howard. Ele tem uns 45 anos e é presidente do conselho, presidente e diretor-geral da sua empresa, a maior do ramo na cidade onde ele mora. E também a pessoa mais determinada e compulsiva que conheço numa organização de pessoas atuantes e ambiciosas chamada de Associação de Jovens Presidentes (YPO nas iniciais inglesas), à qual também pertenço.

A imprensa especializada que cobre seu ramo profissional já batizou Howard de “Grande Tubarão Branco”, comparando-o a um “míssil guiado por calor”, ambas as descrições feitas e tomadas como elogios. A divisão dirigida por Howard é a jóia da coroa de uma enorme *holding* de empresas de serviços, e circulam abundantes rumores de que ele receberá o convite para se mudar para Nova York, onde um dia assumirá o cargo principal da organização.

Howard é um megassucesso. Jantei com ele num encontro da YPO há uns três anos, e ele me disse qual é a causa do seu sucesso.

“A minha carreira é o que importa para mim”, disse. “Tenho quatro jantares com clientes por semana. Não fico muito em casa, mas a minha família tem de entender que o trabalho vem em primeiro lugar. Estamos juntos com qualidade nas férias, mas é mais ou menos tudo o que dá pra fazer no ano todo. E assim é ponto final”.

Até que uma onda velhaca atingiu Howard. Há aproximadamente dezoito meses, ele perdeu o seu filho único num acidente.

Nada havia em Howard que o preparasse para a perda do filho, nada mesmo. Estava profundamente aflito e legiões de perguntas impossíveis de responder o atormentavam. Depois do acidente, quando me encontrava com Howard em encontros da YPO, ele me falava baixo: “Não estou conseguindo lidar bem com isso, temos de conversar”. Entretanto, não me ligou. Dedicou-se ao seu trabalho com afinco ainda maior. Entretanto, eu percebia nos seus olhos que alguma coisa tinha quebrado; o trabalho não estava mais funcionando para ele.

Há apenas uns meses, sentei novamente do lado de Howard num evento da YPO. Ele chegou perto e me disse que iria ficar no trabalho até o fim do ano, mas a sua demissão e o anúncio do sucessor escolhido por ele iam estar no jornal do dia seguinte. Não tinha certeza do que iria fazer depois disso, mas a excitação da caçada, nos negócios, perdera qualquer atrativo para ele como princípio organizador total da sua vida.

Naquele momento Howard exibiu um amplo sorriso e me informou ter passado a semana anterior ligando para seus principais clientes para comunicar-lhes a partida. “Algo muito estranho aconteceu durante essas ligações”, disse. “Esses caras são pessoas como eu, mesma idade, esforçados, firmes, ambiciosos. Praticamente todos eles tiveram a mesma, idêntica reação: primeiro ficavam perfeitamente calados durante vinte segundos e depois o cara dizia: “Seu desgraçado, você me ganhou. Eu e minha mulher estivemos pensando em fazer a mesma coisa”.

A última vez que liguei para o escritório de Howard, ele tinha saído para jogar basquete com rapazes da periferia num centro comunitário. As 10 horas da manhã de um dia de semana, a secretária disse que ele retornaria a ligação, mas eu respondi que não havia nenhuma pressa.

Howard completou a transição do primeiro para o segundo tempo diante dos meus olhos. Ele estava descobrindo o que estava na caixa.

Muitas vezes o sucesso o leva a carregar a caixa no caminho ao cume, sem saber o que ela contém. O significado começa quando você para em qualquer ponto da viagem para ver o que tem dentro dela, e sucessivamente reorganiza a sua vida a partir desse conteúdo. Para o cristão, esse momento pode significar pôr Deus na caixa e acatar todas e quaisquer consequências dessa decisão.

Infelizmente, muitos acham que um homem de negócios cristão bem-sucedido é um rico que doa muito dinheiro para a igreja. O significado, porém, se concretiza quando aquele homem de negócios encontra a maneira de se doar a Deus (supondo que de fato Deus esteja na caixa). Isto não necessariamente irá implicar numa mudança profissional, mas irá requerer sempre uma mudança de atitude. Dennis O'Connor e Donald M. Wolfe, num artigo publicado no *Journal of Organizational Behavior*, definem essa mudança de atitude como uma “mudança paradigmática pessoal (isto é, grandes mudanças no próprio sistema de percepção, crenças, valores e sentimentos)”. As vezes eu chamo isso de reorganização do nosso mito pessoal.

Para mim, significou abrir mão da condução da empresa no dia-a-dia, para que pudesse ficar livre para trabalhar diretamente com lideranças religiosas. Esse era o meu chamado, a maneira como que sentia que Deus queria que o servisse. Antes

disso, eu pagava o dízimo de uma renda substancial, acrescentando ocasionalmente doações pessoais; hoje dou aproximadamente 75 por cento de mim para causas que se encaixam no plano que Deus desenhou para mim.

Vejam, não acredito que Deus nos criou com habilidades e temperamentos especializados para depois nos pedir que façamos para ele coisas que requerem habilidades e temperamentos completamente diferentes. Por que um Criador que ajuntou um mundo natural tão eficiente e sensível violaria seus próprios modelos de funcionamento no caso do homem?

Lembro-me de um conhecido que tinha um histórico brilhante como analista de sistemas. Ele estava se aproximando do intervalo e queria saber se haveria uma maneira de dedicar mais do seu tempo e dos seus talentos a Deus. O pastor da sua igreja, cheio de boas intenções, o “desafiou” a se tornar voluntário para dar aula numa escola dominical para adolescentes! Nada contra dar aula na escola dominical (fiz isso durante anos), mas essa pessoa poderia ter sido um recurso importante para a igreja graças às suas capacidades informáticas e profissionais. O que queria era passar do sucesso ao significado, mas a oportunidade que lhe foi oferecida certamente o levaria ao fracasso. O que você escolheria?

O significado não requer uma mudança de rumo de 180 graus. Ao invés disso, você precisa se reinstrumentalizar para aplicar seus talentos de modo que possa dedicar mais tempo às coisas ligadas ao que está na sua caixa, recuperando, ao mesmo tempo, o estímulo que você sentia quando iniciou a sua carreira de negócios. Deus tem um plano maravilhoso para a segunda metade da sua vida: permitir-lhe que o sirva fazendo o que você gosta de fazer e o que sabe fazer bem.

Encontrar o centro e ficar nele

“No ponto morto do mundo em rotação... Ali está a dança. Onde passado e futuro estão reunidos... A liberdade interior do desejo prático, libertação da ação e do sofrimento. Libertação da compulsão interior e exterior.” – T. S. Eliot²

Sempre fui atraído pelo centro. Mesmo durante o meu primeiro tempo — época em que a maioria de nós tende a alternar freneticamente entre a ansiedade da caçada e o tédio entre as faças — sempre conseguia achar o caminho de volta ao centro. Provavelmente fui programado assim.

Porém, se este meu equilíbrio foi uma questão de sorte na primeira metade da minha vida, hoje é uma escolha consciente. A sorte vai até um certo ponto. Um dos sinais de alerta do fim do primeiro tempo é a sensação de que você não deveria passar muito tempo em nenhum extremo. É importante estar determinado para encontrar a tensão criativa que constitui a realidade da vida e mantê-la num equilíbrio confortável. O intervalo nos proporciona uma oportunidade de fazermos uma pausa e identificarmos os extremos entre os quais estamos presos, para sucessivamente determinarmos como iremos conviver pacificamente com eles durante o segundo tempo.

Isso é possível.

O livro instrutivo *Os que acreditam nos negócios*, de Laura Nash, filósofa ética da universidade de Harvard, está cheio de histórias de cristãos que vivem no mundo real da economia de mercado. Para escrever o livro, Nash conduziu um estudo de sessenta diretores-gerais evangélicos para descobrir como eles mantinham o equilíbrio entre as tensões conflitantes de seu trabalho.

Para começar, vamos considerar as sete tensões que ela identificou como sendo comuns para os cristãos na economia de mercado:

1. Servir a Deus vs. Seguir Mamom
2. Amor vs. Competição
3. Demandas das pessoas vs. Obrigações do lucro
4. Família vs. Trabalho
5. Manter uma perspectiva pessoal face ao sucesso
6. Assistência vs. Riqueza
7. Ser uma testemunha fiel num lugar de trabalho plural

Parece familiar? Você já se sentiu preso no meio de qualquer um desses pares de extremos? Se você encarar essas tensões de maneira negativa, provavelmente você ainda está no primeiro tempo. Todavia, quando começar a perceber que essas tensões não são apenas necessárias, como também podem trazer alguns benefícios, terá entrado no intervalo. No caminho para o segundo tempo, você irá encontrar a maneira de diminuir a tensão aprendendo a lidar com paradoxos. Em outras palavras, encontrará a paz por compreender que é impossível resolver a tensão: ela estará

² Adaptação de “Quatro quartetos” encontrado numa parede da Still Point Farm.

sempre presente e não há nada de intrinsecamente errado nisso.

Parece até simplista relatar que a Dra. Nash identifica duas palavras-chave que descrevem como esses sessenta diretores-gerais cristãos conseguiram lidar com essas tensões de forma positiva: “equilíbrio” e “fé”. Se parece familiar, provavelmente é porque a Bíblia ensina de forma clara que a vida raramente é uma escolha entre preto e branco, e o paradoxo não é algo ruim. Aprendemos isso no trecho familiar de Eclesiastes 3:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu:

há tempo de nascer e tempo de morrer;

tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou...

tempo de prantear e tempo de saltar...

E mais adiante:

Tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens, para com ele os afligir. Tudo fez formoso em seu tempo.

Paulo também aborda claramente a natureza polarizada da vida:

Antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo: na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, na ciência, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, à direita e à esquerda, por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros; como desconhecidos, mas sendo bem conhecidos; como morrendo e eis que vivemos; como castigados e não mortos; como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo e possuindo tudo.

2Coríntios 6:4-10

E uma descrição completa, não é? E se não foi diferente para nenhum dos grandes heróis bíblicos, como Abraão, José, Moisés, Davi e os apóstolos, então quem somos nós para querermos vidas confortáveis e previsíveis? Em lugar disso, somos chamados para vivermos em algum lugar no meio da tensão e do paradoxo. E não meramente para existirmos num espírito de resignação, como para efetivamente florescermos! No atletismo se chama de “zona” aquele momento no tempo e no espaço em que as tensões de vencer e perder, da física e do sobrenatural, da carne e do espírito, ficam suspensas por um mero instante durante um jogo, uma jogada, um chute.

Infelizmente, a religião organizada privilegia o afastamento do caos e da confusão. (Um pastor conhecido meu se refere ao púlpito como sendo seguro por estar “três metros acima da contradição”). Na Idade Média, os monges e as ordens religiosas enxergavam a vida religiosa como um porto seguro longe do pecado e da confusão da rua. E hoje ainda consideramos uma vida religiosa comprometida como algo separado do resto do mundo: uma carreira reservada a profissionais credenciados.

Na realidade — uma realidade que o mundo precisa enxergar — Cristo encontra conosco, trabalha conosco, na confusão, no vale da sombra da morte, no túnel do caos, onde os pontos de referência tradicionais sumiram. E ele está comigo no penhasco sobre o Rio Grande, enquanto bato no volante de um carro de aluguel, chorando pela perda do meu filho, lágrimas e sangue do nariz escorrendo do meu rosto ao meu agasalho, gritando de dor pelo horror da minha perda.

Ele está ali comigo.

O homem moderno quer ter uma vida ordenada e limpa, com uma religião racional. Entretanto, na realidade, nós vivemos suspensos entre os extremos de ordem e confusão, conhecido e desconhecido. E apenas quando começamos a resolver as nossas questões do primeiro tempo e abrimos mão do controle sobre o desejo de ordenarmos a nossa vida que conseguimos conviver pacificamente com a tensão.

Na minha própria peregrinação, acabei chamando esta posição de equilíbrio de “Zona J”. Nos extremos estão ansiedade e tédio, nenhum dos quais é confortável, assim como não é confortável viver uma vida em que estejamos permanentemente oscilando entre os dois extremos, sem parar. Entretanto, é assim que a maioria de nós vive na primeira metade da vida.

Foi só depois de ter dado um nome ao que estava na caixa que comecei a aprender a conviver pacificamente com a ansiedade e com o tédio. Quanto mais perto eu ficava do meu centro — Jesus — mais fácil se tornava para mim aceitar o paradoxo. A ansiedade e o tédio não iam embora, mas agora eu conseguia mantê-los a uma distância confortável. Poderia estar perseguindo um negócio importantíssimo um dia e mergulhar na leitura de Chaucer no outro, conseguindo ver como o espaço entre esses dois extremos transcendia ambos. Na Zona J, descobri que trabalho e família não são alternativas incompatíveis, fé e mercado não se excluem mutuamente e vencer e perder são duas possibilidades legais.

Por favor, não vá confundir o equilíbrio — a Zona J — com o sucesso. Sugerir que o fato de colocar Jesus Cristo no centro da minha vida implicou num sucesso irresistível seria desonesto e enganoso. Porém, esse mesmo ato extinguiu para mim, como o fará para você, a sede de sucesso, pondo na taça uma bebida mais plena: o significado.

Vou dar um exemplo: pouco tempo depois de encontrar com Mike Kami e responder à pergunta “O que está na caixa?”, encarei uma oportunidade de negócios irresistível. Era um contrato aparentemente fantástico, com a possibilidade de um lucro esmagador. Enquanto ponderava se deveria ou não perseguir essa oportunidade, aconteceu que peguei um avião para Washington e acabei sentado do outro lado do corredor do diretor de uma importante agência federal, chefe de uma repartição que teria uma grande influência direta sobre o investimento que estava planejando. Por acaso eu o conhecia pessoalmente, pois antes de se mudar para Washington ele foi o meu advogado.

Expliquei para ele a oportunidade e lhe contei também do meu desejo conflitante de servir a Cristo através do talento de empreendedor, dedicando a maior parte do meu tempo a uma vida de serviço. Então perguntei para ele o que faria se estivesse no meu lugar. Sem hesitar, ele disse: “Parece-me que você está no topo de uma montanha, e isto é a sua tentação”.

Perguntei para ele se era um estudioso da Bíblia, ao que respondeu “Não exatamente”. Contudo, eu sabia que em algum lugar, de alguma maneira, ele tinha se apropriado de uma verdade bíblica. A primeira coisa que fiz ao chegar no meu quarto de hotel foi pesquisar a Bíblia que sempre está na gaveta do criado-mudo. Assim como suspeitara, o meu amigo tinha se referido à segunda das três tentações que Satanás utilizou para provar Jesus no Evangelho de São Mateus: a tentação para Jesus fazer algo espetacular, algo que desafiasse as leis da natureza, que demonstrasse que Deus o tinha em consideração tão especial que lhe daria o poder de desafiar a lei natural. A voz do Tentador diz: “Vai, aceita! E a sua chance! Joga aos ventos toda a sua inibição e a sua prudência! Você nunca mais terá uma oportunidade igual a esta”.

O negócio que eu estava considerando desafiava muitas leis do mundo dos

negócios. Embora tivesse a promessa de um lucro espetacular, se desse certo, era uma empreitada baseada numa manobra fiscal, num setor que eu desconhecia completamente. A minha voz interior me dizia: “A vida não é tão fácil assim. Fique com o que você conhece. Use os conhecimentos que você ganhou através da experiência”.

Mais uma vez, alguém que não era um cristão particularmente comprometido me guiou a uma verdade que a Bíblia contém para todos nós. Convenci-me ainda mais de que Deus se utiliza de todo tipo de pessoa para nos trazer a ajuda de que precisamos, e apenas requer de nós que sejamos conscientes e sensíveis. O meu amigo tinha enxergado com clareza aquilo que eu apenas vislumbrava a distância. A minha conversa com ele me ajudou a voltar para a minha essência e os meus valores centrais, dos quais fora tentado a me desviar. Quando voltei da minha viagem a Washington, fiz uma ligação: teriam de fazer o negócio sem a minha participação.

Na primeira metade da minha vida, teria considerado essa experiência como um negócio perdido. Na segunda, a aceito não como uma vitória ou uma derrota, e sim como uma dessas experiências transcendentais em que eu sei e aceito quem sou e o propósito que me traz para esta vida.

Se você sente o desejo de ter uma resposta semelhante diante de uma perda, talvez esteja ficando pronto para a *sua* segunda metade.

Ficar no jogo, modificando o plano

O meu segundo tempo teve início quando saí do meu envolvimento com o trabalho de tempo integral, que ocupava todas as minhas energias. Provavelmente você não pode fazer a mesma coisa. Entretanto, mesmo que não possa, ainda pode ter um segundo tempo.

Uma vez que você está no intervalo, a sua atitude para com o seu trabalho deve estar num lugar entre “Amo o meu trabalho a ponto que o faria mesmo que não me pagassem” e “Não aguento o que estou fazendo, não importa o quanto me paguem por isso”. Eu tinha a sorte de estar bastante perto da primeira resposta, mas sei que muitas pessoas tendem mais para a segunda. De fato, tenho a impressão de que um número considerável de pessoas não tem muita paixão pelo trabalho que faz e se utiliza dele principalmente como um meio para chegar aos seus fins.

Lembro-me de um jovem que trabalhava como vendedor e era pago exclusivamente com a comissão das vendas que efetuava. Nessa situação, se não vendesse nada não ganharia um centavo. Não tinha salário de base, nem podia pedir adiantamento sobre as comissões futuras. Apenas podia ir de porta em porta e tentar vender o que no caso dele eram artigos de baixo preço: quinquilharias e bugigangas para lojinhas de bairro e lojas de ferragens.

Entretanto, esse cara era fogo: vendia o suficiente para ter uma renda de seis dígitos. O que representa uma tonelada de bugigangas! Como muitos vendedores, tinha muita determinação e muito entusiasmo. De fato, ele era tão entusiasmado que não pude deixar de comentar com ele o quanto ele devia gostar de vender. “Odeio isso”, respondeu. “Entretanto, adoro o dinheiro”. Fiquei pensativo, lembrando como o meu filho Ross costumava dizer: “Quero viver para trabalhar por prazer, e não ter de trabalhar para conseguir viver”.

No meu caso, a minha carreira demandava de mim exatamente aquelas coisas que eu gostava de dar e me recompensava com um alto grau de satisfação e ganhos monetários não desprezíveis. Para mim, nada era mais apaixonante do que preparar um acordo comercial, negociar todos os detalhes e por fim celebrar o negócio fechado. Adorava desenvolver uma estratégia para fazer o negócio funcionar. Fazia sucesso e recebia muitos elogios, assim não foi fácil para mim tomar a decisão de deixar a condução do dia-a-dia da minha empresa nas mãos de uma equipe integrada por outras pessoas. De certa forma, eu estava me privando do prazer que resultava do meu trabalho.

Algumas pessoas pensam que seus problemas estariam resolvidos se apenas pudessem se afastar de seu trabalho. De fato, este é um dos motivos pelos quais as pessoas permanecem no primeiro tempo: elas cansam da corrida comercial e, ao invés de planejarem uma crise de meia-idade produtiva, abandonam o barco. Mudam de emprego. Começam um novo negócio. Tornam-se autônomas.

Nenhuma das opções citadas é ruim, mas eu peço a vocês: cuidado com o desejo de “se safar de tudo isso”. Não é esse o sentido da segunda metade da vida. Conheço muitas pessoas que estão bem adentradas no segundo tempo e ainda estão no mesmo emprego com que começaram e aposto que vão ficar nele até receberem o prêmio de fidelidade da empresa. A chave para ter um segundo tempo bem-sucedido não é uma mudança de emprego, e sim uma mudança interior, uma mudança na maneira com que você encara o mundo e ordena a sua vida. Isso pode envolver uma mudança

profissional radical ou a manutenção do seu trabalho atual. Geralmente, é alguma coisa entre essas duas alternativas.

O teste sísmico

Por ser do Texas, inevitavelmente aprendi algumas coisas sobre o setor da exploração petrolífera. Estou longe de ser um especialista, mas uma das coisas que aprendi é que você não pode simplesmente escolher um lugar qualquer e começar a perfurar. Para minimizar os riscos, é necessário fazer alguns testes sísmicos, que basicamente são um método sofisticado para mapear a conformação do terreno e deduzir o que poderia produzir.

Devido ao tamanho e à forma de uma formação subterrânea serem fatores desconhecidos, os petroleiros usam um aparelho eletrônico para disparar, a partir de pontos diferentes, impulsos semelhantes aos do sonar na direção da formação. Juntando as informações recolhidas das diversas perspectivas, eles conseguem mapear a forma da matéria.

Em termos de teste sísmico da segunda metade da sua vida, a sua “formação subterrânea” é aquela questão imponderável que diz respeito a como você irá reformar a sua vida. A sua idéia ainda está sem tamanho e sem forma, e você apenas consegue vê-la a partir de um ponto de vista estreito. Então chame seis ou oito pessoas diferentes com quem você confia e peça que lhe digam como *eles* vêem a sua idéia. O “sonar” deles irá refletir uma parte da imagem que você não conseguia enxergar antes, até que finalmente as matérias mais vagas e confusas começarão a assumir um tamanho e uma forma definidos. Só então você saberá se pode começar a perfuração.

Você pode pensar que assim que decidi o que estava na caixa, imediatamente passei as rédeas da minha empresa para algum subalterno e saí pela porta da frente em busca de novos — mesmo que mais mansos — dragões para vencer. Pode crer que teria sido um grande erro, embora eu tivesse uma posição financeira sólida o suficiente para viver sem preocupações pelo resto da vida e portanto podia me permitir alguns tropeços iniciais. Ao invés disso, fiz alguns testes sísmicos. Sabia que tinha talentos no setor das organizações humanas e que gostava imensamente de trabalhar nessa área. Poderia ter ficado na organização humana que eu tinha construído, onde tinha certeza de que os meus sucessos iriam continuar; mas eu estava à procura de significado: algo que se aproximasse ao mesmo tempo de quem eu era e do que estava na caixa. Não via a minha empresa de televisão a cabo como uma fonte primária de significado na minha vida.

O meu consultor, Mike Kami, concordava com a minha análise. Ele me deu um conselho simples, para o qual eu não estava totalmente preparado: “Venda a sua empresa e invista o dinheiro nos projetos pastorais de que você esteve falando”.

Fiquei sentado, atordoado pelas implicações que adviriam dessa decisão. Linda não parecia menos atordoada do que eu. Quase conseguia ver as imagens estereotipadas de pastores, missionários e monges passando pela minha mente. Nós nos tornaríamos um casal filantrópico distribuindo dinheiro até esvaziarmos o nosso cofre? Seríamos obrigados a nos vestirmos como um pastor e a mulher dele? A vida que conhecíamos e da qual desfrutávamos tinha chegado a um fim imprevisto, chocante, trazendo a certeza do nosso empobrecimento?

Afortunadamente, fiz alguns testes sísmicos. Procurei o conselho de dois líderes cristãos: Ray Steadman, então pastor de uma igreja em Palo Alto, Califórnia, e James Dobson, autor popular e fundador de Focus on the Family. Cada um do seu jeito, eles me avisaram: “Se você vender a sua empresa, irá perder a sua base de apoio e ninguém irá retornar as suas ligações”. Tinha ficado claro que eu precisava estar muito mais convencido sobre aonde eu estava indo com a minha vida antes de fazer

grandes planos.

Então chamei um grupo de conselheiros confiáveis, que incluía Fred Smith Sênior, Paul Robbins e Harold Myra, de *Christianity Today*. Juntos, eles tinham uma ampla visão e profundos conhecimentos da área em que eu estava me preparando para trabalhar: o corpo de Cristo nos Estados Unidos. Eles sabiam o quanto eu gostava de trabalhar com esquemas organizacionais e que queria dedicar uma parte significativa do meu tempo ao trabalho do Reino. Perguntei a eles: “Quais são as oportunidades para alguém com a minha configuração específica?”

Eles apontaram para uma nova leva de igrejas que era muito grande e estava tentando fazer as coisas de uma maneira diferente. “Talvez você possa ajudá-las de alguma forma”, sugeriram. Então convidei um grupo de pastores para uma reunião e pedi a Paul que fosse o moderador (mas não o diretor) para fazer algumas perguntas. Sentei com eles e escutei.

Escutar é uma parte importante do teste sísmico, pois ajuda a descobrir áreas de utilidades. Aprendi o que esses pastores percebiam como algo que seria útil para eles e continuei o meu teste facilitando grupos focais de pastores mais velhos de grandes igrejas. No fim, esses pastores concentraram as suas discussões em três coisas que consideravam úteis para eles, e eu vi como o meu chamado para a segunda metade da minha vida estava tomando forma.

Como resultado imediato deste tipo de teste, consegui desenvolver uma rede e um sistema de apoio ao serviço de um grupo especial de pessoas no ministério cristão. Os pastores de grandes igrejas não têm nenhuma mágica; simplesmente aconteceu que, pela providência divina, o meu interesse nas organizações humanas se encaixava perfeitamente na necessidade deles de compreenderem as dinâmicas do que se passava nas suas igrejas. Se eu estivesse configurado de outra maneira, poderia ter me vinculado, com a mesma facilidade, a líderes de agências missionárias no exterior ou a uma rede de pequenas igrejas rurais. Entretanto, se tivesse saído da minha sessão com Mike Kami para correr até o primeiro trabalho disponível que estivesse ligado à religião, talvez não tivesse encontrado algo tão intimamente sintonizado com quem eu sou.

Há duas questões-chave ligadas aos testes sísmicos. A primeira é saber quem você é, e a segunda é procurar conselheiros confiáveis. Quando procurei o conselho de dois amigos, perguntei: “O que eu posso fazer para ser útil?”, e eles responderam: “De que ‘eu’ você está falando, exatamente?” Essa é uma pergunta muito importante para qualquer pessoa que esteja olhando para a segunda metade, porque você não pode atuar baseado numa força que Deus não lhe deu.

Imagine que você tenha se sentido culpado muitas vezes por não ter feito o suficiente para evangelizar e, ao iniciar a segunda metade da sua vida, decida se tornar um pregador ou um missionário. Ao invés de fazer isso, poderia ser muito melhor iniciar esse processo decisório adquirindo pleno conhecimento e plena aceitação de quem você é. Avalie honestamente os seus talentos e habilidades. A evangelização é mesmo o seu talento? Se for algo que você gosta de fazer e sabe fazer bem, então faça alguns testes sísmicos antes de se matricular num seminário ou partir para a África. Acompanhe o seu pastor em algumas visitas a pessoas interessadas em aprenderem sobre Jesus ou seja voluntário numa breve viagem missionária. Se essas pequenas explorações derem bons resultados, então pode começar a considerar mais seriamente este curso de ação. Entretanto, se os resultados não forem bons, você terá se poupado muitos aborrecimentos.

O que você sabe fazer melhor a serviço de Deus irá surgir do ser essencial que ele criou dentro de você. Lembra a parábola do Senhor sobre os talentos? A mensagem

maravilhosa que vem daquela história é que você e eu seremos responsáveis pelo que recebemos, não pelo que outros têm ou esperam de nós. Aquele que recebeu apenas dois talentos e os multiplicou por dois foi estimado tanto quanto aquele que começou com cinco. Não recebemos o mesmo equipamento, mas espera-se de nós que saibamos o que recebemos e encontremos maneiras de investir os nossos talentos com sabedoria.

Sondagens de baixo custo

Um amigo meu quase exatamente coetâneo vivenciou uma situação em seu intervalo parecida com a que eu vivi. Decidiu que Deus era o fator central de motivação na sua vida e que queria encontrar alguma maneira de devolver o seu talento de liderança para Deus. Quase que na mesma hora, recebeu a oferta da vaga de diretor-geral numa empresa de ponta que valia dois bilhões de dólares e tinha operações até a Tailândia no oeste e até a Europa no leste. Seria um trabalho duro, desafiador, de muito prestígio e com um salário anual de quase um milhão de dólares. Seria o tipo de vaga que quem está na comunidade de negócios estaria disposto a disputar até a morte... como muitos, de fato, fazem.

Entretanto, se fosse aceitar o trabalho, ele teria de se comprometer por no mínimo cinco anos: um período que ele desejava dedicar ao trabalho do Reino.,

Estava pensando na possibilidade de entrar no seminário, portanto se deparava com estas duas opções: Fortune 500 (a lista das quinhentas maiores empresas do mundo compilada pela revista Fortune) ou Hermenêutica 101 (o curso de hermenêutica de menor nível no sistema acadêmico americano). Ele já tinha tomado a decisão de colocar Deus na caixa, mas não sabia ainda se isso iria implicar num empenho religioso profissional em tempo integral ou em alguma outra coisa.

Eu disse a ele que aceitasse a vaga de diretor-geral, esquecesse o seminário e fizesse algumas sondagens de baixo custo. A meu ver, ele não tinha escolha. Se fosse se tornar seminarista, sairia de lá três anos mais tarde como diletante recém-formado e com mais de cinquenta anos de idade. Poderia conseguir uma vaga de segundo pastor numa igreja maior e, talvez com 55 anos, se tornar pastor titular de alguma igreja em dificuldade na luta pela sobrevivência. Será que o meu amigo acreditava realmente que Deus lhe dera 25 anos de treinamento em gestão de negócios e liderança executiva para que ele se tornasse pastor de uma igreja de médio porte, ainda em dificuldades para se afirmar?

Entretanto, isto não significa que o meu amigo precisasse renegar a sua lealdade a Deus. As sondagens de baixo custo são explorações práticas no campo ou nos campos em que você acha que vai querer passar a segunda metade da sua vida. O meu amigo, por exemplo, poderia ter de ficar no meio do empresariado internacional, para daí se dedicar a criar uma rede informal de estudos bíblicos para outros diretores-gerais. Para tal, precisaria fazer algumas ligações, passar alguns *faxes* e fazer alguns testes para ver se há realmente uma demanda desse tipo e se ele seria a pessoa certa para satisfazê-la. Ou então, se em algum momento ele sentir a necessidade de abandonar a sua profissão para trabalhar de maneira profissional no ministério cristão, poderia considerar a possibilidade de se tornar um consultor para organizações cristãs, até mesmo como voluntário, se necessário.

A minha iniciativa de convidar um grupo de pastores para uma reunião é mais um exemplo de sondagem de baixo custo. Tinha feito os meus testes sísmicos procurando os conselhos de pessoas confiáveis que me apontaram o caminho certo, mas não mergulhei na nova aventura sem antes refletir. Se aquela primeira reunião com os pastores não tivesse dado nenhum resultado, o meu investimento de tempo e dinheiro teria sido ainda pequeno e eu poderia ainda mudar de rumo facilmente e

intentar alguma outra coisa.

O sentido das sondagens de baixo custo é adquirir alguma experiência de primeira mão no negócio de combinar os seus talentos com o serviço a Deus e à Igreja. É uma metodologia comum nas empresas, na forma de pesquisa de mercado, testagem de produtos, projetos-piloto etc. O motivo pelo qual as pessoas não adotam essa estratégia no plano individual é que ainda estão se comportando pelos padrões do primeiro tempo da vida: avante a toda velocidade sem cinto de segurança. Lembre que a decisão sobre o segundo tempo é mais importante do que simplesmente mais um investimento ou mais uma venda. Ponha o pé no freio. Seja calmo. Teste as águas.

A opção de meia velocidade

Vamos supor que você ama de paixão o trabalho que faz e, francamente, acha que precisa dele. Você precisa da segurança de um salário regular, dos planos de saúde e de aposentadoria e também está confortável com a identidade que esse trabalho lhe confere. Você gosta de ser diretor de vendas numa empresa de médio porte. Será que alguém como você pode aspirar a um segundo tempo gratificante?

Muitas pessoas vão se encaixar nessa descrição. E este grupo fica ainda maior ao incluirmos aqueles que não gostam necessariamente do seu trabalho, mas também consideram que não têm a opção de pedirem as contas.

A boa notícia é que com certeza as pessoas desse grupo podem ter um segundo tempo melhor do que o primeiro. Sejam honestos. Após se dedicar à mesma coisa durante dez ou vinte anos, você deve ter se tornado mestre do ofício. Aprendeu a delegar, tem uma rede de pessoas conhecidas, conhece o terreno, acumulou uma lista produtiva de clientes e encontrou maneiras de navegar cada dia sem ter de enlouquecer numa correria constante.

Se você for realmente honesto consigo mesmo, poderia trabalhar a meia velocidade e ainda assim produzir resultados excelentes. É o que um advogado amigo meu está fazendo. Ele é o sócio mais velho de um prestigioso escritório de advocacia que representa algumas das pessoas mais poderosas e mais famosas do país. Scott (nome fictício) adorava o seu trabalho e tinha um desempenho de primeira classe, porém pressentia que a vida lhe reservava algo mais do que tentar ganhar grandes processos nos tribunais: pressentia que estava perdendo alguma coisa. Havia coisas típicas da segunda metade da vida que ele gostaria de estar fazendo, mas não queria deixar o escritório de advocacia que construíra com seu árduo trabalho. Foi então que percebeu a possibilidade de ficar no escritório sem renunciar a ter tempo para investir os seus talentos num projeto excelente relacionado ao sistema de ensino público de seu estado. Hoje, se você perguntar para ele o que faz da vida, receberá uma resposta que é um gracejo: “Tento convencer os meus sócios do escritório de que ainda exerço a profissão de advogado”. O que de fato está fazendo é pegar a metade do tempo que antes dedicava à carreira profissional para investi-lo nesse seu novo compromisso de segundo tempo.

Outro conhecido meu é professor numa escola pública. Ele é um dos melhores professores de exatas do seu estado e poderia muito bem se aposentar no ápice da sua carreira, mas ele também tem objetivos de segundo tempo que quer perseguir. Um deles envolve utilizar suas habilidades administrativas para fornecer liderança comercial à sua igreja local. No começo ele fizera como o meu amigo advogado: trabalhou duro, enfrentou jornadas de dezesseis horas, se esforçando até o limite para se tornar o melhor no seu campo. Ambos adoram as suas profissões e não consideram que chegou a hora de deixá-las. Assim, estão usando o tempo e a energia que sobram, resultado de estarem fazendo um bom trabalho a meia velocidade, para alcançar seus objetivos do segundo tempo.

Veja bem, se a questão é fazer com que a segunda metade da sua vida seja melhor do que a primeira, não importa se você é um diretor-geral milionário, um advogado bem-pago ou um professor. O que importa é que você comece procurando descobrir de que jeito Deus o configurou, para poder dedicar a ele os talentos únicos que você desenvolveu.

Curvas sobrepostas

“Um dos paradoxos do sucesso é que as coisas e os métodos que lhe permitiram alcançá-lo raramente são as coisas que lhe permitirão mantê-lo.”

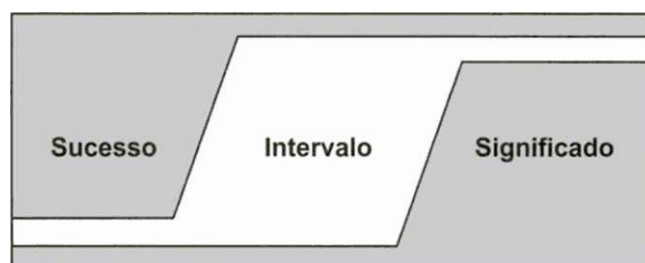
Charles Handy

Tudo parece conspirar para que fiquemos parados no mesmo lugar. É por isso que muitas pessoas permanecem paradas no primeiro tempo do jogo da vida ou, no melhor dos casos, ficam perdidas num intervalo perpétuo. A vida parece mais confortável num território conhecido e familiar, mesmo quando temos certeza de que algo melhor nos espera lá fora.

Veja os israelitas, por exemplo. Eles não paravam de falar da Terra Prometida, mas não conseguiam se forçar a deixar o território familiar do Egito. O Egito não era nada de muito bom para eles, mas era algo conhecido; tinha se tornado a casa deles. Para muitas pessoas hoje, o primeiro tempo se tornou uma casa.

Vale notar que são muitos os autores contemporâneos que têm reconhecido a fase de incerteza que imobiliza as pessoas ao se aproximarem da meia-idade. William Bridges chama-a de Zona Neutral. Para Scott Peck é o Túnel do Caos. Janet Hagberg a denomina Fase 4: Poder mediante reflexão. Seja qual for o nome escolhido, é uma zona que precisa ser atravessada para entrar na terra prometida do segundo tempo.

São muitos os que não conseguem sair desta zona, caracterizada pela dor da perda das certezas de antes e pela confusão sobre o que está por vir. Graficamente, podemos expressá-la assim:



Ao ver este período de incertezas e sentir a dor, o risco e a confusão que acompanham a mudança, temos a tendência de querer preservar o que já conhecemos. O futuro nos aparece confuso e vago e não se compara favoravelmente com o conforto e as certezas da nossa situação presente.

Para piorar, podemos acrescentar a esse medo do incerto perguntas muito reais que nos perseguem:

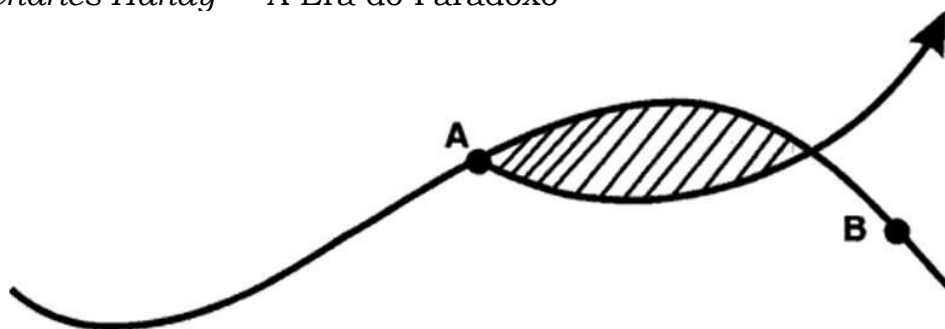
- “Como vou ganhar o meu sustento?” (Necessidade de segurança financeira).
- “Como você sabe se esta nova idéia vai funcionar? Parece-me muito arriscada.” (Amigos racionais).
- “O que está acontecendo? Esta não é a pessoa com quem casei!” (Cônjuge preocupado).
- “O que você está fazendo, ao certo, papai?” (Filhos preocupados).

Em seu livro extremamente útil, *A era do paradoxo*, Charles Handy captura essa

tensão no capítulo dedicado à “curva sigmoide”. Handy explica o problema com a frase que citei no começo deste capítulo e que repito aqui: “Um dos paradoxos do sucesso é que as coisas e os métodos que fizeram com que você o alcançasse raramente são as coisas que irão permitir que você o mantenha”.

A curva sigmóide

Charles Handy — A Era do Paradoxo



Handy também apresenta a solução:

O segredo do crescimento constante é iniciar uma nova curva sigmóide antes que a primeira morra. O bom momento para iniciar essa segunda curva é no ponto “A” (abaixo), onde há tempo, junto com recursos e energia, para acompanhar a nova curva nos percalços iniciais antes que a primeira curva comece a decair.

O esquema mais comum, para a maioria das pessoas, é uma única curva que sobe até chegarmos à meia-idade, onde começa a cair dramaticamente até a aposentadoria. O que Handy recomenda é que comecemos uma nova curva, de preferência enquanto a primeira ainda está subindo e certamente antes que comece a cair.

Idealmente, a vida deveria consistir de uma série de curvas sobrepostas. Na minha vida profissional, as curvas sobrepostas foram mais ou menos estas:

Antes da completção da primeira curva	Inicie a segunda curva
Escola	Trabalho de aprendiz
Trabalho de aprendiz	Executar o trabalho
Executar o trabalho	Dirigir o trabalho
Dirigir o trabalho	Fazer o ministério
Fazer o ministério	Dirigir o ministério
Dirigir o ministério	Porta-fólio de ministérios

É possível ficar parado em qualquer uma dessas áreas. Conheço pessoas mais ou menos da minha idade que são estudantes perpétuos. Eles adquirem diplomas da mesma forma como eu costumava adquirir emissoras de televisão. Outros que conheço ficaram parados quando a curva “executar o trabalho” começou a decair. Quando se deram conta, não havia nenhuma nova curva surgindo no horizonte.

É importante aprender a desfrutar o sucesso que é fruto do seu árduo trabalho e a se beneficiar dele, *sem* se viciar nele, sem ultrapassar o ponto de inflexão da curva, onde ela começa a se estragar. A curva sigmóide de Handy nos mostra que tudo, até as melhores coisas, se torna patológico além do ponto de inflexão da curva. E

justamente a constatação de que poderiam ficar presos numa rotina chata que faz com que alguns encontrem a motivação para fugirem do primeiro tempo.

Uma parte do segredo para chegar na segunda metade é o antigo *slogan* publicitário de uma marca de sapatos: *Just do it!* [E só fazer!]. Entretanto, é muito mais do que isso. E “fazer” na hora certa, antes que a sua primeira curva comece a cair mais rapidamente. Conheço muitas pessoas que ouviram a voz mansa e delicada dizendo a elas que mudassem para algo melhor, e ficaram longe desse bom conselho. Compreendiam, naturalmente, que a voz estava falando a verdade, mas também sabiam que se a seguissem seriam levadas a um território desconhecido e inexplorado. *E melhor esperar até acabar o que estou fazendo*, pensam. Entretanto, quando acabaram o que estavam fazendo, já era tarde. Eles estavam cansados demais. E a voz já estava baixa demais para ser ouvida.

Peter Drucker me informa que os aposentados acabaram não sendo a fonte fértil de trabalho voluntário que esperávamos que fossem. Eles desligam o motor e perdem o pique. Peter acredita que se você não desenvolveu uma segunda carreira ou uma atividade paralela antes dos 45 anos de idade, e não estiver vigorosamente envolvido nela aos 55 anos, ela não vai acontecer nunca.

Se a voz estiver falando para você agora, não procure motivos para ignorá-la. Sempre terá motivos para ficar onde está. É a fé que o está chamando para que siga em frente.

Pular no abismo

“Devemos fazer o que queremos que o mundo seja.” Mohandas Gandhi

Em casa, guardo uma placa com um lema muito importante para mim, que diz algo ao mesmo tempo sério e engraçado, sério pelo significado literal e engraçado porque vem do divertidíssimo filme *Os irmãos cara-de-pau*. A frase é: “Numa missão de Deus”.

No filme, interpretado por Dan Ackroyd e pelo falecido John Belushi no papel de dois irmãos malucos, Jake e Elwood Blues, Jake comunica ao irmão que está numa missão de Deus. Diferentemente deles, estou numa missão *para* Deus. Contudo, exatamente como eles, estou disposto a destruir alguns carros no caminho e estou convidando você para se juntar a mim nesta viagem extraordinária.

Até agora, preferi focar os motivos pelos quais planejar um segundo tempo melhor será benéfico para você, como de fato o será. Entretanto, existe um motivo muito melhor para procurar maneiras de arregimentar os seus talentos em benefício do Reino de Deus durante a segunda metade da sua vida: o valor eterno disso. Deus sempre promoveu para seus filhos situações onde todos saem ganhando. O que é bom para seu Reino geralmente é ainda melhor para nós como indivíduos.

Durante a maior parte do seu primeiro tempo, você podia querer que Deus ficasse na sua caixa, mas ele sempre acabava espremido para fora dela. Isso não estava errado, porque era inevitável. As demandas da vida e a própria natureza da juventude se juntam para dificultar bastante o entendimento da verdade bíblica pela qual você, para apreciar a magnitude do seu significado individual, também precisa entender e aceitar o quanto você é pequeno. Se a primeira metade enfoca os ganhos, que às vezes resultam em perdas, a tônica da segunda metade é soltar e entregar, o que geralmente resulta em fortalecimento. E difícil ver isso claramente com 26 anos de idade.

As vezes, tenho vacilado antes de contar a minha história. Recebi tantas bênçãos que não quero que ninguém conclua que apenas os ricos podem ter um segundo tempo melhor. Lembrem que o meu segundo tempo está indo bem não porque tenho dinheiro, e sim porque engoli o sapo e coloquei na caixa uma única coisa. Não foi fácil para mim, como também não será fácil para você. Entretanto, é isso que faz a diferença.

As pessoas que vão nas minhas palestras muitas vezes perguntam se existem pessoas que nunca poderão aspirar a ter uma segunda metade melhor. Em outras palavras, pode ser tarde demais para ter um segundo tempo na vida? O segundo tempo é algo reservado à classe média alta e daí para cima? É exclusivo para os homens? É algo exclusivamente cristão?

Refleti longa e profundamente sobre essas questões e cheguei à conclusão de que qualquer pessoa que cansou da vida que está levando pode fazer algo para mudar as coisas para melhor. Qualquer pessoa. Confesso que não compreendo plenamente as questões específicas enfrentadas pelas mulheres, mas tenho a impressão de que tanto as mulheres que ficam em casa como aquelas que trabalham em outras situações chegam a um ponto em que se fazem a pergunta: “Será que isso é tudo o que posso ter?” A minha resposta para elas é basicamente a mesma que dou aos homens: “Não, há coisas melhores esperando por você”.

Também tenho certeza de que aqueles que não professam fé em Cristo podem ter uma segunda metade melhor. De fato, a maior parte das minhas leituras sobre este tema vem de pessoas que não são cristãs ou ao menos não apresentam seu material em termos cristãos ou bíblicos. Porém, quase todos concordam em afirmar que o sucesso antes ou depois acaba perdendo seu brilho, e é o significado o que realmente almejamos. A pessoa laica geralmente encontra o significado em alguma forma de altruísmo; o cristão simplesmente possui um arcabouço bíblico para definir seu altruísmo.

Portanto, fica apenas a questão da idade. Pode chegar a ser tarde demais para passar do primeiro para o segundo tempo? E se alguém tiver sessenta, setenta ou oitenta anos? Enquanto respiramos, nunca é tarde para descobrir um caminho melhor. O escritor existencial Albert Camus descobriu esta verdade: “No meio do inverno finalmente aprendi que tinha dentro de mim um verão invencível”. Encontramos as nossas ordens sagradas e a nossa bússola no nosso interior. “Quanto mais escutar a sua voz interior, tanto melhor ouvirá o que está falando fora de você”, notou Hag Hammarskjöld. “Não sei Quem — ou O Que — fez a pergunta — não sei quando foi feita. Também não lembro de ter respondido. Entretanto, em algum momento respondi Sim para Alguém — ou para Alguma Coisa — e a partir de então tive certeza de que a existência faz sentido e portanto a minha vida, vivida como entrega de mim, tinha um propósito.”

Faço a opção de acreditar que é Deus quem fala baixo dentro de nós — que é ele quem faz a pergunta no interior do nosso interior. E quando respondemos “sim”, ele nos revela o sentido que escolheu para nós querendo que o desfrutássemos; ele desvenda o propósito que guardou para nós durante todo esse tempo. Adoro a maneira como Paulo descreve isso em Efésios 2:10 (grifo do autor):

*Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus **de antemão** preparou para que andássemos nelas.*

Num jogo de futebol real, você não pode sair do intervalo para voltar no primeiro tempo. Na vida pode. E alguns fazem exatamente isso. Outros ficam no intervalo para sempre, esforçando-se o tempo todo para elaborar um plano de jogo. Outros ainda tentam permanecer no primeiro tempo, mas fazem incursões repetidas no segundo. Eles estão numa espécie de modalidade de teste sísmico permanente, olhando para a orla sem nunca pular.

Está na hora de pular.

Num capítulo anterior aconselhei a paciência. Espero que você não considere contraditório que agora eu recomende que não seja paciente *demais*. Seria um pecado ter chegado tão longe para voltar ao seu plano de jogo do primeiro tempo. Realmente você pode ganhar muito mais colocando uma única coisa na sua caixa e perseguindo-a.

Então, por que vacilamos? Nunca saltei de *bungee jump*, mas acho que sei qual deve ser a sensação de estar no topo de uma torre e ouvir o chamado do mestre para fazer o grande salto. De fato, quando Mike Kami me disse o que deveria fazer depois de ter desenhado uma cruz na caixa, sabia que a forma mais emocionante de descer seria pulando. Qualquer outro comportamento seria equivalente a descer pela escada de volta para um terreno mais seguro e mais familiar. O pulo seria medonho, desconhecido e, com certeza, perigoso — mas trazia consigo a promessa do inesquecível.

Não queria pular, mas sabia que era o momento de fazê-lo.

Tenho a impressão de que você também sabe que é o momento, portanto vou concluir esta seção do livro com duas histórias curtas: uma sobre um homem que sabia que era o momento de pular, mas decidiu descer da torre pela escada; a outra

sobre um homem que pulou.

Jim tinha a suprema ambição de conseguir a vaga de diretor-geral de uma grande empresa. Era um verdadeiro guerreiro, acostumado a vencer, e em poucos anos conseguiu se tornar diretor-geral de uma grande empresa de Dallas. Entretanto, a alegria não durou muito tempo. Pouco tempo depois de chegar no topo, teve de colocar a empresa em regime de falência. Eu me encontrava com Jim regularmente, e depois da falência ele começou a falar sobre a possibilidade de dar aulas ou de entrar no serviço público. Tinha um pé no intervalo e eu via que ele era sincero no desejo de introduzir mudanças significativas na sua vida. Entretanto, hoje ele está trabalhando como nunca como executivo de outra grande empresa.

Jim ouviu a voz mansa e delicada dizendo “E o momento”, mas não prestou atenção a ela. Ele não conseguiu pular.

Jack era um homem de negócios extremamente bem-sucedido, que tinha o talento de ganhar mais dinheiro do que o que poderia gastar numa vida inteira. Ele adorava o seu trabalho, mas, ao se aproximar da meia-idade, sentiu um desejo de passar do sucesso ao significado. Os testes sísmicos e a sondagem de baixo custo apontaram para o ministério cristão, e ele começou a procurar a maneira de utilizar seus talentos e habilidades nessa área. Com o passar do tempo, observou que alguns dos seus contatos profissionais queriam servir um propósito mais nobre com seu dinheiro, mas acabavam não fazendo nada porque não tinham um corpo de funcionários dedicado a procurar as oportunidades para isso. Foi assim que Jack montou uma empresa para ajudar grandes corporações e indivíduos abastados que têm a inclinação de investirem seus fundos em causas nobres, mas não têm tempo para cuidar dos detalhes. Jack procura por novas idéias empresariais, que são financiadas com o dinheiro excedente gerado por seus clientes. Os doadores permanecem anônimos, mas têm a satisfação de verem em vida o seu dinheiro trabalhando pelas causas.

Jack estava na orla da torre de *bungee jump*, pulou confiante e está feliz como nunca.

O que está prendendo você?

Terceira parte

Segundo Tempo

“Se um homem avançar confiante na direção de seus sonhos e procurar viver a vida que imaginou, encontrará um sucesso inesperado pelos padrões comuns. Ele ultrapassará uma fronteira invisível; novas leis, universais e mais liberais, começarão a se estabelecer em volta dele e no seu interior, e ele viverá com a liberalidade de uma ordem maior de seres.”

Henry David Thoreau

15

Missão de vida

“O que verdadeiramente me faz falta é ter clareza do que devo fazer, não do que devo saber... A questão é compreender a mim mesmo, enxergar o que Deus realmente quer que eu faça... encontrar a idéia pela qual eu possa viver e morrer.” **Søren Kierkegaard**

Ao chegar perto da minha meia-idade, comecei a pensar que estava chegando a hora em que deveria enfrentar temas e questões que pareciam pertencer mais ao domínio do eterno que à esfera temporal. Quando descobri a minha “coisa única”, me senti mais do que nunca em sintonia com aquilo que estava previsto para a minha vida. Senti que poderia, mediante a graça divina e a minha inteligência, fazer jus ao epítáfio que tinha escolhido: **100 X**.

Você não vai longe no seu segundo tempo sem saber qual é a missão da sua vida. Consegue expressá-la em uma ou em duas frases? Uma boa maneira de começar a formular uma missão é fazendo algumas perguntas (e respondendo-as com total honestidade). Qual é a sua paixão? O que você realizou? O que você fez extraordinariamente bem? Como você está preparado? A quem você pertence? Quais são os “eu deveria” que perseguiram você durante o primeiro tempo? Estas e outras perguntas semelhantes indicarão a você o eu que o seu coração deseja ardentemente; elas ajudarão você a descobrir a tarefa pela qual você foi criado especificamente.

Stephen R. Covey, autor do livro *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*, sugere que ao desenvolver uma declaração de missão pessoal você deveria se concentrar no que deseja ser e fazer, baseado nos valores e princípios que alicerçam todas as suas crenças e ações. “Seja o que for que está no centro da nossa vida, é isso que será a fonte da nossa segurança, orientação, sabedoria e poder”, afirma Covey.

A minha missão é muito breve, mas a sua pode ser maior. Uma das melhores (e mais compridas) declarações de missão de que tenho conhecimento foi escrita por Andrew Carnegie quando tinha 33 anos, mais ou menos a idade que eu tinha quando escrevi os meus seis objetivos para a vida. Eis o que ele escreveu no seu diário como plano diretor de como iria usar o resto de seus dias:

Trinta e três e uma renda de 50 mil dólares ao ano. Daqui a dois anos posso

arranjar todos os meus negócios de maneira a não dedicar mais nenhum esforço ao aumento da minha fortuna e sim gastar o excedente de cada ano para propósitos benevolentes. Mudar-me para Oxford e receber uma educação completa, conhecer homens letrados — isto precisará de três anos de trabalho ativo —, prestar especial atenção a falar em público. Sucessivamente, me mudar para Londres e adquirir uma cota de controle em algum jornal ou revista, me dedicando à direção geral da publicação, participando em questões de interesse público, especialmente as que estão ligadas à educação e ao desenvolvimento das classes mais pobres. O homem precisa de um ídolo — o acúmulo de riquezas é uma das piores espécies de idolatria. Nenhum ídolo é mais degradante do que o culto ao dinheiro. Qualquer coisa que eu faça, devo persegui-la com imenso afínco, portanto preciso escolher cuidadosamente aquela vida que será a mais enobrecedora em seu caráter. Continuar muito mais tempo sobrecarregado com as preocupações dos negócios e com quase todos os meus pensamentos voltados a como ganhar o máximo de dinheiro no menor tempo possível, isto deve me degradar para além de qualquer esperança de recuperação. Vou me afastar dos negócios aos 35 anos, mas durante os próximos dois anos, desejo empregar as tardes na aquisição de educação e na leitura sistemática.

Bem, afinal demorou três décadas — não dois anos — até Carnegie conseguir concretizar sua visão de uma vida de serviço. Ainda assim, no final a sua contribuição foi ao menos cem vezes maior do que a que estava prevista em seu plano original. A partir da época em que investiu os frutos da sua primeira carreira profissional na construção da indústria do aço até a morte, ocorrida em 1920, Carnegie replantou noventa por cento de sua fortuna.

Para mostrar que nem todas as declarações de missão precisam ser tão longas e complexas como a de Carnegie, vou compartilhar a minha. Gosto de me ver como um corretor estratégico: alguém que possui as capacidades necessárias para ligar os identificadores de problemas com os provedores de soluções. E assim que fui configurado, é isso que fiz com a minha empresa de televisão a cabo, portanto a minha missão de vida tem necessariamente de se relacionar com este papel. A minha missão de vida é: Transformar a energia latente na cristandade americana em energia ativa.

E isso que eu faço; é assim que quero que a minha vida seja útil. Essa missão me liberta para ser eu mesmo, usando os talentos que eu já possuo. Não preciso me transformar em algo que seria para mim incômodo ou estranho. Se a sua missão também se encaixar com você, então será a missão certa para você. Se o forçar a abraçar algo incompatível com você, será a missão de outra pessoa.

Ligados estreitamente à sua missão são os compromissos de sua vida. Uma das consequências da minha transição para o segundo tempo é que deixei de organizar a minha vida em termos de objetivos. Ao invés disso, agora assumo compromissos. Esses compromissos também me ajudam a permanecer focado na minha missão, e quero compartilhá-los aqui não por serem particularmente profundos, e sim para que possam encorajá-lo a desenvolver uma lista de compromissos para a sua própria missão de vida:

1. A lealdade primária da minha vida é Jesus Cristo. Estou comprometido a empenhar totalmente os meus talentos em serviço a ele.
2. Estou comprometido a um casamento vital “até que a morte nos separe”.
3. Tenho comprometido a maior parte do meu tempo e do meu dinheiro para iniciar e desenvolver uma série de empreendimentos sobrepostos que libertam a energia latente na cristandade americana.

4. Estou comprometido a ser um administrador eficaz dos recursos entregues aos meus cuidados.
5. Estou comprometido a ser um bom amigo de dez pessoas.
6. Estou comprometido a ter um renascimento na segunda metade da minha vida.
7. Estou comprometido a praticar o “egoísmo altruísta”. (Egoísmo altruísta significa ganhar satisfação pessoal ajudando os outros. Este conceito reconhece que o interesse pessoal ocupa um lugar central no meu desenho humano e considera que o maior ganho é a boa vontade dos meus próximos.)

Eis agora uma última dica para ajudar você a definir a sua missão para o segundo tempo. Peter Drucker sugere que estas são as duas perguntas mais importantes para ajudá-lo a descobrir o papel único que Deus preparou de antemão para que você andasse nele. As perguntas são:

1. O que você realizou? (Competência)
2. Com o que você se importa mais? (Paixão)

O objetivo é encontrar algo que se encaixe nos limites desenhados por estas duas perguntas: algo que você sabe fazer bem e que realmente motiva você. Você pode ser muito bom para trabalhar com outras pessoas e desejar com paixão a solidão. Se descartar a primeira parte, a segunda vai trabalhar contra você. Contudo, se você olhar profundamente no seu interior e for honesto na tarefa de *combinar* a sua competência com a sua paixão, então encontrará a missão certa para você.

Um recurso excelente para ajudar a encontrar a própria missão de vida está no livro *Qual a cor do seu pára-quedas?*, de Dick Bolles. O autor, pastor ordenado da igreja episcopal anglicana, começou a sua viagem com *pára-quedas* quando foi demitido da sua igreja em San Francisco, talvez a melhor coisa que pudesse ter-lhe acontecido, mesmo que naquela hora não deva ter parecido algo tão bom. Nos anos após a primeira edição do livro, Bolles atualizou e revisou o texto, e a edição atual inclui uma seção intitulada “Como encontrar a sua missão na vida”.

Hoje, amanhã, certamente antes do fim da semana que vem, reserve um tempo para ficar com lápis e uma folha de papel — ou talvez várias folhas. Faça listas: coisas que precisa fazer no segundo tempo, coisas com as quais você está comprometido, *slogans* e convicções que espelham o seu eu verdadeiro, declarações que combinam aquilo em que você acredita com o que você quer fazer com o resto da sua vida.

Feitas essas listas, ore. Leia o que escreveu. Reflita. Escute. Compartilhe o que escreveu com seu cônjuge e com um pequeno grupo de amigos. Depois, guarde a folha de papel numa gaveta. Ore mais um pouco. Escute muito. Pense sobre o que você mais gosta de fazer e deixe que esses pensamentos rodem delicadamente pela sua alma como ondas preguiçosas sobre o oceano. Estas são as coisas que você nunca teve tempo para fazer durante o primeiro tempo: desfrute!

Após mais ou menos uma semana, pegue uma folha de papel em branco. Escreva no topo estas palavras:

[A minha missão de vida.]

Acho que agora você sabe o que deve fazer.

Retomando o controle

“A menos que se assuma o controle deles, é provável que tanto o trabalho como o tempo livre resultem decepcionantes.” **Mihaly Csikszentmihalyi**

Um amigo meu que fora presidente de uma grande editora certa vez procurou um Mestre Zen de renome mundial. Após verter todo o terrível assunto da sua vida sobre o Mestre sem provocar muita reação, resolveu ficar quieto por um momento. O Mestre Zen começou a encher de chá uma belíssima xícara oriental, até que esta transbordou e o chá foi se espalhando pelo tapete, na direção do meu amigo. Confuso, este perguntou ao Mestre Zen o que ele estava fazendo. O Mestre Zen respondeu:

A sua vida é como uma xícara de chá, transbordando. Não há mais lugar para nenhuma novidade. Você precisa começar a se esvaziar, pois não pode continuar se enchendo.

Existem dois tipos de capital que cada um de nós deve gastar. O capital econômico é o dinheiro e o tempo livre que você ganha com o trabalho. Em geral, é gasto para prover o sustento e para os luxos. O capital social é o tempo, dinheiro e conhecimento que está disponível para ser reinvestido ou gasto na comunidade que alimenta você.

Enquanto a maioria das pessoas conceitua gastar dinheiro “à procura da felicidade”, o conceito de capital social basicamente nos diz que o Senhor distribuiu a cada um de nós uma porção de tempo, talento e tesouro para que as investíssemos na realização do primeiro e maior dos mandamentos de Deus: “Amarás o Senhor, teu Deus (...) e o teu próximo como a ti mesmo”.

O retorno do investimento em capital social é a bem-aventurança, o que não deveria ser surpreendente. Afinal, talvez o mais verdadeiro e o mais prático dos ensinamentos de Jesus é que “mais bem-aventurado é dar que receber”. Como as coisas seriam diferentes se Thomas Jefferson tivesse modificado a Declaração de Independência dos Estados Unidos para que dissesse: “vida, liberdade e a procura da bem-aventurança!”

Um objetivo primordial de um intervalo e de um segundo tempo eficazes é criar capacidade. Voltando à história do início deste capítulo, a minha xícara também estava transbordando. Tive de criar capacidade recapturando a maioria do meu tempo e convertendo uma boa parte dos meus bens em fundos de liquidez para investi-los em obras sociais. Precisei transformar o meu capital econômico em capital social.

Se você acompanhou o mercado dos fundos mútuos, provavelmente conhece o nome de Peter Lynch. Peter é um exemplo formidável de alguém que soube transformar capital econômico em capital social. Como gestor de carteira do Magellan Fund de Fidelity Investments, conseguiu aumentar o valor do fundo de vinte milhões para quatorze bilhões de dólares nos treze anos em que o administrou. Isso que é “chegar lá”. Um trabalho fantástico. Uma família maravilhosa. Imensas satisfações no engajamento com instituições assistenciais. Porém, com 46 anos de idade, decidiu pôr um limite ao tempo que estava disposto a passar no trabalho, para poder assumir um controle maior sobre a sua vida.

Lynch tinha chegado a uma conclusão que eventualmente diz respeito a todos nós: *Não posso continuar vivendo desse jeito.* O que ele estava fazendo não era algo

ruim. De fato, era muito bom. Contudo, como ele mesmo explicou, “Para mim era como sorvete com molho de chocolate: quantos poderia comer antes de ter dor de barriga?” Hoje ele sai de casa às oito da manhã, depois dos filhos. Trabalha quatro dias por semana (dois em Fidelity e dois em atividades assistenciais), e dedica as segundas-feiras inteiras à sua mulher.

A maior parte dos que estão no primeiro tempo caem vítimas de forças centrífugas. Ao redor do perímetro de suas vidas estão pontos vitais pedindo atenção: família, trabalho, atividades comunitárias (clubes de serviço, escola local etc.), igreja, desenvolvimento profissional, atividades de lazer e vocações. As pessoas começam o primeiro tempo cheias de boas intenções para atender a todos esses pontos, mas para conseguir fazer isso, têm de acelerar o ritmo de vida. Antes que se passe muito tempo, estão girando vorticosamente em volta do perímetro, e a força centrífuga resultante os impele para cada vez mais longe do centro, da essência de quem são. Nesse momento, todo o controle é perdido.

O segundo tempo tem a ver com a retomada do controle sobre a sua vida, voltando a ser independente em suas decisões. Você acha que foi fácil para Peter Lynch comunicar aos colegas de trabalho de Fidelity Investments que ia deixar de administrar seu fundo mais lucrativo e visível? Ele pôde fazer isso porque sabia que a incapacidade de controlar a sua vida de trabalho mais cedo ou mais tarde implicaria em grandes perdas em outras áreas importantes da vida.

A volta ao centro requer que reduzamos a velocidade e nos acalmemos. E uma vez que estivermos de volta junto à essência — sabendo quem somos e o que está na caixa —, podemos aceitar o fato de que algumas coisas em volta do perímetro não vão receber tanta atenção como antes. Algumas coisas serão mais importantes do que outras, enquanto algumas podem acabar sendo ignoradas completamente. Entretanto, independentemente do que fica e do que é jogado fora, a questão é que não podemos mais deixar que outros decidam em nosso lugar. Criamos capacidade para as coisas que importam.

Se isto parece radical ou fora de sintonia com a maneira com que as coisas geralmente funcionam, é porque somos a primeira geração a ter o privilégio de poder escolher o que fará no segundo tempo. Os seus pais provavelmente não eram diferentes do meu sogro, que trabalhou como executivo de alto escalão numa empresa internacional de fornecimento de petróleo até o dia em que se aposentou. Ele não podia abandonar o posto se quisesse manter os benefícios médicos, odontológicos e de aposentadoria, que são a recompensa de um longo serviço numa grande empresa hierarquizada. Além disso, a maioria das pessoas da geração dos nossos pais tinha o que o autor Charles Handy chama de “trabalho-emprego”: trabalho de tempo integral, com carteira assinada e com diversos benefícios atrativos, em alguma empresa de um certo porte.

No futuro, as coisas não serão mais assim. Todos os dias lemos nos jornais que as grandes empresas demitem cada vez mais funcionários, tanto os operários como os “colarinhos brancos”. *Downsizing*, reestruturação e reengenharia são palavras na moda no ambiente das corporações. A maior parte da oferta de novas vagas de trabalho hoje acontece em empresas com menos de cem funcionários e uma parte significativa em empresas com menos de vinte funcionários! Peter Drucker acredita que uma causa importante do crescimento dessas empresas menores é que nelas um homem pode ser o seu próprio patrão e controlar melhor o curso da própria vida.

Em seu livro *A Era da Irracionalidade*, Charles Handy afirma que no futuro as pessoas passarão apenas a metade do seu horário de trabalho em organizações empregadoras e dedicarão o tempo restante ao exercício do que ele chama de “trabalho de porta-fólio”: trabalho de tempo parcial, consultorias e trabalhos temporários para

uma variedade de empregadores. A minha empresa de televisão a cabo, por exemplo, construiu mais de sete mil quilômetros de cabeamento em aproximadamente dois anos utilizando quase exclusivamente pequenas empresas terceirizadas para obter as franquias, mapear os sistemas, fazer o cabeamento, vender as assinaturas e instalar os acessos.

Todas essas tendências colocam cada vez mais ao alcance de todos a possibilidade de fazer as mudanças necessárias para ter um segundo tempo significativo. As pessoas terão cada vez mais liberdade de escolher o que irão fazer, possibilitando que dispensem as atividades de ordem profissional que as obrigam a correr a toda velocidade o tempo todo.

Ainda assim, para ter um segundo tempo significativo, não basta simplesmente reduzir a velocidade ou ganhar controle sobre a própria agenda. E preciso desenvolver uma disposição mental, uma bússola interior orientada para as coisas que definem o seu eu verdadeiro. O psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi passou 25 anos tentando entender o que é que faz com que as pessoas sejam felizes. Descobriu que a felicidade não acontece por acaso. E também não tem muito a ver com dinheiro, poder ou bens materiais, como demonstra o fato de que a felicidade se encontra entre ricos e pobres, poderosos e fracos. Segundo Csikszentmihalyi, “as pessoas que controlam as suas experiências interiores são capazes de determinar a qualidade de suas vidas, o que é o mais perto que qualquer um de nós pode chegar da vivência da felicidade”.

Não sei se Mihaly Csikszentmihalyi é cristão, mas posso dizer que muitos elementos da fé cristã apontam para a mesma conclusão. O nosso Senhor nos ensinou a sermos como crianças (despreocupados), a evitarmos as preocupações excessivas (evitar o controle por parte de demandas e posses) e não deixar que sejamos controlados por muitos mestres. E na carta que Paulo escreveu à igreja de Roma, o apóstolo explica a importância de controlar a vida interior para ter uma vida cheia de satisfação:

“Os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz.” Romanos 8:5,6

A ironia é que a igreja se tornou um desses mestres que fazem com que muitos dos que estão no primeiro tempo se sintam desesperadamente escravizados. A alegria que deveria resultar de servir os outros em nome de Cristo está ausente, porque a maior parte daquilo que fazemos em prol da igreja é feito por obrigação. E isso acontece porque no primeiro tempo nós ainda não descobrimos quem somos, o que é que realmente gostamos de fazer e como até as tarefas mais desagradáveis podem ser experiências libertadoras e gratificantes quando se desprendem da essência do nosso ser. Para a maioria das pessoas, o trabalho na igreja não é um sorvete com cobertura de chocolate, e sim os brócolis e espinafre que mamãe as obrigava a comer quando eram crianças.

Quando tiver descoberto a missão da sua vida, você estará numa posição muito melhor para retomar o controle sobre os seus esforços de boa vontade no ministério da fé. Ao invés de se alastrar relutantemente até mais um “final de semana de testemunho”, por exemplo, terá a liberdade de preferir deixar que a luz da sua fé brilhe naturalmente enquanto você joga *bridge* toda noite de segunda-feira com os colegas de trabalho. Assim, terá retomado o controle de maneira a juntar o seu desejo de servir a Deus, a sua paixão por um jogo de baralho e a sua demanda de desfrutar uma atividade de lazer com pessoas afins.

E alentador ver como algumas igrejas estão se tornando adeptas a combinarem a paixão com o talento. Robert Bellah, co-autor do livro de sucesso *Habits of the heart*

[*Hábitos do coração*], caracteriza esta capacidade como uma função para “instituições de mediação”. Muitas igrejas estão criando posições de “diretores de recursos de voluntariado” ou estabelecendo “equipes de ligação” para ajudar as pessoas a descobrirem como aplicar o melhor de si à tarefa de fortalecer o ministério da fé através da igreja. Por exemplo, aqui em Dallas a igreja presbiteriana de Park City lançou mão recentemente do que eles chamam de Programa de Ligação, que já criou mais de 2.500 oportunidades de serviço distintas.

A igreja comunitária de *Willow Creek*, na região metropolitana de Chicago, desenvolveu um programa chamado *Network* [Rede] (hoje usado por muitas igrejas em todo o país), para ajudar as pessoas a enxergarem a sua configuração individual, visando colocá-las em tarefas adequadas de trabalho voluntário. A igreja comunitária de *Saddleback Valley*, em Mission Viejo, Califórnia, ajuda as pessoas a encontrarem sua *SHAPE* [perfil] (iniciais inglesas das palavras abaixo):

Dons espirituais (“*Spiritual gifts*”)

Coração, Paixões (“*Heart, passions*”)

Habilidades (“*Abilities*”)

Personalidade (“*Personality*”)

Experiência, *know-how* (“*Experience, know how*”)

Para que os cristãos que estão no segundo tempo consigam reais avanços em termos de concretizarem as suas missões de vida, muitas igrejas mais deverão adotar esta abordagem para envolver as pessoas. O meu ministério de fé, *Leadership Network*, tem uma unidade de pessoas que trabalham para criar a Rede de Treinamento em Liderança, um programa que realiza treinamentos de cinco dias para diretores de recursos de voluntariado em igrejas.

Questões práticas

Uma coisa é falar sobre retomar o controle, outra coisa é conseguir pôr isso em prática. Velhos hábitos, mesmo que amenizados por uma nova visão de vida, são duros de morrer. Eis algumas coisas que eu fiz para retomar o controle sobre o meu próprio destino:

1. *Delegue* — no trabalho, no tempo livre e em casa. Você não pode fazer tudo sozinho e não deveria tentar. Isso é particularmente importante para aqueles que no segundo tempo querem manter seu trabalho atual, porém exercê-lo “a meia velocidade”. Trabalhe mais esperto, não mais duro.
2. *Faça o que você sabe fazer melhor; deixe de lado o resto*. Eu sou essencialmente visionário, portanto tenho uma motivação menor para a parte de implementação prática, embora possa desempenhá-la, como tenho feito muitas vezes. Entretanto, agora não mais. Fique com os seus pontos fortes.
3. *Saiba quando dizer “não”*. Quanto mais bem-sucedido você for, mais pedidos receberá para ajudar outros. Não deixe que os outros o convençam a fazer algo que não quer fazer ou não tem tempo para fazer, ou isso se tornará uma tarefa chata. Você quer perseguir a sua missão, não a de outras pessoas.
4. *Defina limites*. Se atualmente você tem uma média de quatro compromissos diários, reduza para dois ou três. Se você costuma ficar uma hora a mais após o fim do seu expediente, vá para casa na hora certa. Se você faz doze viagens de negócios por ano, reduza para seis ou

oito. Remaneje seu tempo para poder realizar a sua missão e cuidar das questões essenciais.

5. *Proteja o seu tempo pessoal inscrevendo-o na sua agenda.* Gosto do conselho de Ken Blanchard, que recomenda começar o dia devagar. É muito mais fácil manter controle sobre a sua vida tendo o hábito de reservar um período de tempo à tranquilidade. Esse período deveria ser mais do que apenas devoções religiosas, mas precisa incluir orações e leituras da Bíblia. Deixe um tempo para o silêncio absoluto e para olhar cuidadosamente para a sua vida para ver se está em equilíbrio. Para mim, esta é provavelmente a atividade mais importante em termos de me manter em controle.
6. *Trabalhe com pessoas de quem você gosta.* Um amigo meu, Karol Emmerich, que era tesoureiro da empresa Dayton-Hudson e pediu as contas no ano passado, diz: “Quero encontrar todas as pessoas com quem me sinto a vontade e todo trabalho benéfico que podemos fazer juntos. No meu segundo tempo, quero trabalhar com pessoas que acrescentam energia à vida, não com aqueles que sugam energia da gente”.
7. *Estabeleça prazos.* A sua missão é importante e portanto merece toda a sua atenção e todos os seus cuidados. Se você não fizer um cronograma dos seus sonhos para o segundo tempo, eles se tornarão logo desejos insatisfeitos.
8. *Elimine o supérfluo.* Quando Thoreau se mudou para uma cabana à beira da lagoa de Walden, conscientizou-se sobre as coisas supérfluas na sua vida. Pense no tempo e energia que se vão em ser dono de um barco, de uma chácara, de um segundo ou terceiro carro, ou em ser membro de um clube. Nenhuma destas coisas é ruim em si e todas têm o propósito, de fato, de proporcionar diversão para a sua vida, mas podem facilmente se tornar mestres controladores. A maior parte das pessoas que conheço que são donos de um barco sentem que precisam usá-lo para fazer o investimento valer a pena. Também conheço pessoas que não acham muita graça em ficar quatro horas num campo de golf, mas se sentem obrigados a fazê-lo porque pertencem a um clube. Se coisas como essas impedem que você retome o controle da sua vida, livre-se delas.
9. *Brinque um pouco.* Não para arrumar qualquer tipo de problema, e sim como forma de ficar de olho em quem manda. Há alguma coisa no ato de dar uma fugida do escritório para pegar um jogo de futebol durante a semana ou de levar a esposa ao cinema ao invés de participar de uma reunião do comitê da igreja que o lembra de quem está realmente no controle de sua vida. Brincar deveria ser uma atividade importante do segundo tempo, mesmo que não ocupe uma parcela considerável de seu tempo.
10. *Desconecte o telefone.* Não necessariamente ao pé da letra (pelo menos não sempre), mas precisa aprender a se esconder com elegância. Eu mesmo não gosto particularmente de deixar recado na secretária eletrônica quando estou ligando para alguém, mas não viveria sem ter uma. É uma maneira de *eu* manter o controle sobre quem pode falar comigo e quando. Os fones de ouvido do celular são ótimos quando você quer falar com alguém enquanto está no carro, mas depois de encerrada a conversa, desligue o celular e dirija num silêncio maravilhoso. A menos que você seja um cirurgião cerebral de plantão 24 horas, não me parece necessário deixar que todo mundo saiba onde você está o tempo todo.

Também aprendi, do treinamento maravilhoso de Peter Drucker, três princípios fundamentais que orientam o meu trabalho no *Leadership Network* e me ajudam a manter o controle sobre a minha vida:

1. *Construa sobre as ilhas de saúde e força.* Este princípio parece contraditório em termos do conceito filantrópico de ajudar os mais fracos. Porém, investir na saúde e na força é mais produtivo, porque significa promover a independência, ao invés de estimular a dependência.
2. *Trabalhe apenas com aqueles que são receptivos ao que você está tentando fazer.* Você dispõe de um tempo limitado. Tentar convencer as pessoas para que façam o que não querem fazer significa usar quatro vezes mais energia do que seria necessário para ajudar alguém a conceber ou implantar suas próprias idéias.
3. *Trabalhe apenas em projetos que farão uma diferença muito grande em caso de sucesso.*

O desejo em si não o ajudará a fazer algo diferente no seu segundo tempo; você precisa criar a capacidade de concretizá-lo. Se você estiver sob o controle de muitas atividades desgastantes em termos de tempo e energia, continuará se sentindo frustrado por sonhos e desejos insatisfeitos. Perceba que você está num território desconhecido e pode precisar de um pouco de prática até se sentir a vontade. Porém, o certo é que você acabará achando uma maneira de retomar o controle da sua própria vida.

Individualismo saudável

“Vamos em frente e sejamos o que fomos criados para ser, evitando nos comparar uns aos outros com inveja e orgulho ou tentar ser o que não somos.”

Eugene Peterson³

Conheço muitas pessoas que estão honestamente convencidas de que entregar a própria vida a Cristo e à igreja é algo em total contradição com os ideais e com o caráter do individualismo. Eles consideram que cristãos e frequentadores de igrejas são conformistas, e ainda por cima é provável que não tenham cérebro. De fato, você pode ter se sentido um pouco incômodo durante o capítulo anterior quando argumentei que você retomasse o controle sobre a sua vida, para se tornar o próprio mestre, pois como cristão recebeu o ensino de que a submissão a Cristo significa “morrer para o ego”.

Entretanto, essa é uma heresia perigosa. Na igreja de Cristo, o individualismo é amplificado, encorajado, apoiado e complementado. Somos enxertados num corpo que precisa das nossas forças e compensa as nossas fraquezas combinando-as com os talentos de outros membros do mesmo corpo. A imagem de um discípulo fraco e chorão não tem lugar na Bíblia. Paulo encoraja Timóteo a “ser forte”. Aconselha-o a que “reavives o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (2Tm 1:6,7). As imagens que Paulo sugere ao entendimento de Timóteo são as de um soldado frente às durezas da guerra, de um atleta em treino, de um agricultor trabalhando duramente: todos indivíduos másculos e corajosos.

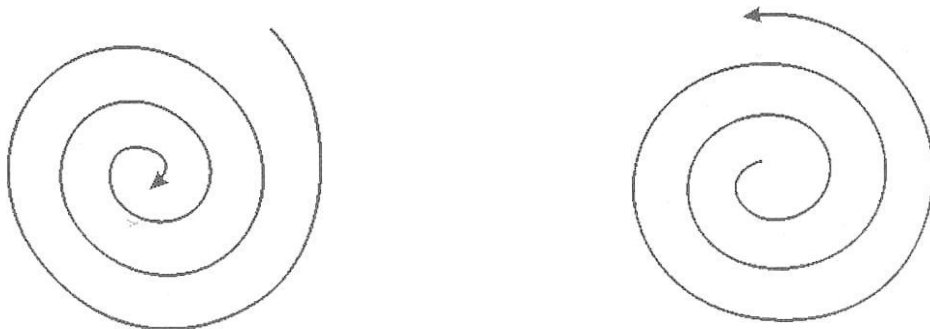
Aqueles que desaprovam o individualismo contam apenas a metade da história do Evangelho. A doutrina bem-intencionada (e biblicamente correta) da depravação não é toda a história. Sem Deus somos realmente carentes de graça divina, mas quando somos transformados por essa graça, nos tornamos novas criaturas belas e valiosas, capazes de sentir amor próprio e de exercer o auto-controle.

Parece-me que muitos cristãos aceitam o rótulo de conformistas pelos muitos exemplos de individualismo *doentio* que vemos na sociedade, sobretudo o individualismo patológico da “Década Eu” dos novos ricos dos anos 1980, mas também no egocentrismo irônico da atual Geração X. Este tipo de individualismo (que não é exclusividade de nenhuma geração específica, diga-se de passagem) traz como conseqüências o isolamento egoísta, a alienação, a avareza, a insensibilidade e a culpa. Quando Jesus fala em morrer para o eu, parece-me que está falando em morrer para esse tipo de auto-adulação patológica de si baseada numa atitude de “eu primeiro”, não para o eu único criado para cada um de nós que recebemos do próprio Jesus.

O eu pequeno e o eu maior

Boa parte da infelicidade que vivemos no primeiro tempo tem origem na preocupação com o eu. No segundo tempo, você se liberta de si. Enquanto o eu do primeiro tempo é pequeno, o do segundo tempo é grande. O eu do primeiro tempo é como uma espiral que gira para dentro, se enrolando cada vez mais. O eu do segundo tempo gira para fora, se desenrolando progressivamente e se libertando da paralisia que acomete uma mola de relógio à qual alguém deu corda demais.

³ “A mensagem”, paráfrase de Romanos 12 numa edição modernizada do Novo Testamento.



O pequeno eu contém apenas você. É basicamente alienado, solitário e patologicamente individualista. O eu maior é inteiro porque está vinculado com algo transcendente. A autotranscendência tem pernas, tem capacidade para andar até o fim, completando a corrida.

A Bíblia relata muitos exemplos do pequeno eu. Um deles é a parábola do rico tolo: um homem que atingiu um grau elevado de sucesso, tanto que teve de construir celeiros para armazenar todos os seus tesouros. (Vejo-o no começo como um verdadeiro campeão do primeiro tempo, com uma casa num bairro rico pequena demais para conter todos os seus brinquedos.) Porém, Jesus o chamou de tolo, dizendo:

Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus. Lucas 12:20,21

O rico tolo é pequeno e avarento. Ele está aprisionado dentro do seu eu pequeno.

A Bíblia, contudo, também contém muitos exemplos do eu maior: o homem que conhece a si mesmo e conhece a própria missão tão bem que está disposto a perder a vida pelo irmão. Pense no samaritano, cujo eu maior superou o estigma de estar fazendo algo fora do comum. Ou em João Batista, que era definitivamente alguém independente na maneira de agir e pagou o preço mais alto por seguir uma causa. Lembre também da viúva que doou seus bens, desfazendo-se de tudo o que possuía porque sabia quem ela era e o que tinha na caixa.

Você também pode ser um grande exemplo se conseguir fazer a distinção entre o seu eu pequeno e o seu eu maior. O sacrifício do seu eu imediato, pequeno, em prol de um ganho maior é o que Jesus quis dizer quando falou no custo de segui-lo: renunciar o seu egoísmo apertado, enrolado, para ganhar algo maior e melhor. As pessoas adquirem sua estatura mais nobre e virtuosa quando se entregam a uma causa, algo maior que elas.

Companheiros de time individuais

Cada um de nós foi configurado pelo Criador para ser incompleto. No processo do crescimento, passamos de um estado de dependência, como crianças, para um estado de independência, como adolescentes e adultos. A independência é muito excitante, mas não é o estágio final. Além da independência, ainda precisamos alcançar o estágio da interdependência, em que compreendemos e aceitamos que sozinhos não podemos realizar nada de significativo.

O apóstolo Paulo expressa isto muito bem na carta à igreja dos coríntios, em que utiliza a analogia do corpo:

Porque assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também (...) Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo, não será por isso do corpo? E, se a orelha disser: Porque não sou olho, não sou do corpo, não será por isso do

corpo? Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Entretanto, agora, Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Agora, pois, há muitos membros, mas um corpo. E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti (...) 1Coríntios 12:12,15-21 a

Não me lembro de nenhuma coisa que valesse a pena que eu tenha completado sozinho. O individualismo na Bíblia é o de um olho ou de um pé: um pedaço que funciona como parte de um todo maior e harmonioso. O individualismo comum na nossa cultura é algo que pertence à mentalidade do primeiro tempo e se confunde com o egoísmo; quase sempre seu foco é o ganho pessoal. O individualismo do segundo tempo sempre encontra sua força na colaboração com outros que partilham da mesma visão. Há muito tempo aprendi a me apoiar sobre as minhas forças e sobre os meus talentos naturais e a depender dos outros pelas suas forças complementares para ter certeza de que o trabalho que estou fazendo será realizado completamente.

O egoísmo do altruísmo

Há muitos anos, tive o privilégio de ouvir a palestra de um homem especial, na época o maior especialista mundial sobre estresse. Hans Selye era um microbiólogo canadense autor de uma frase paradoxal: egoísmo altruísta. Selye explicou na palestra o que sucessivamente eu teria a oportunidade de aprofundar em sua obra-prima sobre o estresse — que o egoísmo altruísta nada mais é que a verdade bíblica pela qual ajudar os outros ajuda *você*. Selye descobriu que aqueles que ganham a boa vontade das pessoas próximas têm um grau de bem-estar psicológico e fisiológico muito maior do que os que são percebidos como egoístas e avaros.

Selye escreveu que a melhor maneira de ganhar a boa vontade do outro é perguntar, explícita ou implicitamente: “O que posso fazer para ser útil a você?” E na sequência, se possível, dar continuidade. Não sei como explicar isso, mas funciona comigo. E de todas as vezes em que fiz essa pergunta, não recordo de nenhuma em que alguém tenha se aproveitado de mim. Pelo contrário, as pessoas ficam pasmas com a raridade e a vulnerabilidade da pergunta. E, na maioria das vezes, há realmente algo que posso fazer, é útil e muitas vezes não requer nem dinheiro nem muito tempo.

Fred Smith me disse há anos que ser cristão tem a ver com aprender a fazer automaticamente aquilo que se começa a fazer por dever e disciplina. Perguntar “Posso fazer alguma coisa para ser útil?” e fazer essa coisa é algo que aprendi primeiro como dever. Sucessivamente, depois de muita prática, se tornou um reflexo.

Por exemplo, uma vez estava num pequeno grupo em companhia de Jerry Mays, um construtor que há anos foi jogador profissional de futebol americano no time dos Kansas City Chiefs. Jerry era um “gigante gentil”, que morreu lentamente de câncer na nossa frente, exibindo uma coragem e uma dignidade incríveis. Certa vez, enviei a Jerry uma pequena escultura de um carneiro com cruz, uma réplica de uma peça do acervo do Vaticano. Em troca, ele me escreveu uma das cartas mais comoventes e encorajantes que já recebi, onde dizia ter observado em mim um comportamento parecido com o de Cristo. Obviamente, a escultura levou alguma alegria para a vida de Jerry, mas é impossível descrever o regozijo interior que senti quando li a sua carta.

Esse “amor pelo próximo” mais concreto oferece também benefícios práticos e tangíveis, como confirma um artigo publicado na revista católica *Liguorian*. Vejam este trecho:

Os pesquisadores médicos estão encontrando hoje provas científicas do que Jesus ensinou há tanto tempo: doar de si aos outros é de fato uma maneira de receber (At 20:35). Esta aparente contradição encontra sentido apenas quando é vista pelos olhos de Cristo. Os cientistas estão provando que este paradoxo é

verdadeiro e ainda por cima que ajudar os outros é bom para a saúde (...) Um estudo desenvolvido pela Universidade do Michigan revelou que as pessoas que doam regularmente o próprio tempo em trabalhos voluntários elevam seu prazer de viver e aumentam sua expectativa de vida. Estudos sobre o processo do envelhecimento chegaram a conclusões semelhantes (...) Uma pesquisa da Universidade do Illinois sobre o estresse descobriu que as pessoas que sentem uma ligação com outras são mais calmas e menos tensas (...) O ato de dar pode tomar várias formas, desde a compreensão até a empatia, a compaixão ou atos de serviço. Independentemente da maneira de dar, a essência não muda: doar de si é oferecer amor, e o amor continua sendo o único presente que quando cedido se torna maior tanto em quem o recebeu como em quem o doou.

Li em algum lugar que para algumas pessoas acometidas por doenças emocionais são “receitados” atos de serviço ou de gentileza para com outros, porque os ajuda a se elevar acima de seus problemas. Sei que isto é verdade porque nas semanas que se seguiram à perda de Ross, descobri que a única coisa capaz de me trazer “alívio temporário dos sintomas” (como prometem as embalagens de aspirina) era me concentrar mentalmente em dar ajuda a alguma outra pessoa. Fazer o esforço de ajudar alguém me fazia sentir melhor! Por isso é tão importante ter uma causa ou uma missão no seu segundo tempo: não é apenas um chamariz para enganar o sistema emocional, é também a chave que abre a porta do seu eu maior.

Estou convencido de que parte do segredo de um segundo tempo melhor é uma compreensão correta do amor próprio. O sucesso no primeiro tempo é uma experiência solitária porque é dirigido para dentro. Ganha significado no segundo tempo a partir do “verter para fora” de nós mesmos, das nossas capacidades, talentos, recursos. Quando você começar a andar com segurança no segundo tempo, preste atenção em si mesmo.

Eis alguns sinais para avaliar o seu próprio sentido de individualismo:

Individualismo saudável	Individualismo doentio
Parte de um time	Arrogante e solitário
Com Deus (rico para com Deus)	Sem Deus
Trabalhando a partir dos seus pontos fortes	Funcionando a partir das fraquezas
Capaz de confessar	Paralisado por vergonha e culpa
Auto-realização e comunidade	Mais sucesso = mais isolamento = menos comunidade

Aprender durante toda a vida

Com tudo o que possuis, adquiere o entendimento.

Adaptação de Provérbios 4:7⁴

Tornei-me realmente estudante só depois de formado. Suponho que isto deve acontecer com a maioria das pessoas. Quando estávamos no colégio e na faculdade, não éramos estudantes, e sim clientes. A educação era um meio para alcançar um fim, pois nos fornecia uma carteira de acesso para trabalharmos no clube fechado da vida produtiva. As campanhas da educação pública encorajam os jovens a permanecerem na escola para que possam entrar na faculdade ou conseguir bons empregos. Não lembro de nenhuma campanha que tenha me orientado a permanecer na escola para aprender o sentido da vida ou apreciar a profundidade de entendimento da literatura clássica.

Não estou sendo crítico do nosso sistema de educação. É um sistema feito para o primeiro tempo. Exigimos que nos ensine a trabalhar, seguir carreiras profissionais e ser bem-sucedidos. Em geral, funciona: prepara-nos para sermos produtivos. Não pedimos à educação muito mais do que isso antes de chegarmos ao intervalo, o momento em que finalmente começamos a compreender que a vida se torna mais rica quando somos estudantes e empobrece quando paramos de aprender.

Um amigo meu me contou o caso de um homem que conheceu num avião. Este homem estava na faculdade havia quatorze anos. Não era um “estudante terminal”, colecionador de diplomas, e também não estava num programa de treinamento prolongado relacionado com sua profissão. Este homem era um mecânico que estava sendo transferido pela empresa para trabalhar numa outra fábrica, e tinha sido mecânico desde que completara o ensino médio. Durante anos, soldou caixas de aço de vários tamanhos, orgulhando-se de seu trabalho. Então viu no jornal o anúncio de uma faculdade comunitária da região, com uma relação dos cursos que teriam início dentro de poucas semanas. Inscreveu-se no curso de biologia porque gostava da natureza, e ficou viciado. Hoje ele fala duas línguas estrangeiras e possui o equivalente de um diploma universitário em literatura inglesa. Também frequentou aulas de física, música, religião e história. E ainda está soldando caixas de aço.

Seria fácil caracterizar esse homem como alguém que está se mimando com um luxo sem utilidade, mas alguma coisa do que ele faz me atrai. Por que todo aprendizado tem de ter um propósito utilitário? Por que não aprender uma outra língua simplesmente por ter vontade de falar nela e ler livros em alemão ou em francês, e não por ser um requerimento do curso de graduação ou por querer fazer negócios na Alemanha? Esse homem tinha descoberto a alegria de aprender, algo que eu só descobri depois do ensino médio. Ele está aplicando uma abordagem de segundo tempo ao mundo glorioso do conhecimento.

Por que aprender é importante no segundo tempo

Existem alguns motivos óbvios do porquê de ser importante continuar aprendendo durante o segundo tempo. Já que aprender prepara você para lidar positiva e produtivamente com as mudanças, então é mais importante do que nunca.

⁴ Citada, durante anos, mensalmente no verso da revista Forbes.

Na minha breve existência, por exemplo, vi como o tratamento das crianças negras passou da segregação, que as obrigava a viajar nos últimos assentos dos ônibus, para a política das cotas obrigatórias em defesa do multiculturalismo. Você não pode se adaptar a essas mudanças sem estar aprendendo.

Também fiz sete trabalhos distintos na minha carreira profissional, e no meu atual trabalho de corretor estratégico o campo de jogo muda continuamente. Não poderia cumprir a minha missão sem investir num programa sistemático, ou ao menos coerente, de aprendizagem.

Outro motivo para aprender no segundo tempo é a necessidade de “desaprender” a doutrina de especialização. A maior parte dos que estão no primeiro tempo são treinados na linguagem e nas operações de seu setor específico. Os contadores podem estar atualizados sobre a legislação fiscal, mas não sabem quase nada de teoria de gestão; um neurocirurgião pode ter se aperfeiçoado passando do bisturi ao *laser* e às sondagens nucleares, mas teria dificuldades para tratar uma ferida de arma de fogo. As missões do segundo tempo tendem a ser mais abrangentes e portanto requerem operadores com uma preparação mais ampla.

Há também a questão prática de se manter aguçado. A senilidade (que não deve ser confundida com a doença de Alzheimer) hoje não parece mais ser uma condição inevitável do envelhecimento. A maior parte dos gerontologistas concorda com a teoria de que para não perder a agudeza mental, é preciso exercitá-la. Vi por demais homens e mulheres que ao se aproximarem dos sessenta anos deixam suas mentes se atrofiarem. Não quero que isso aconteça comigo e não precisa acontecer com você. Trabalhar com Peter Drucker, que tem 84 anos, e com Francês Hesselbein, durante os primeiros anos da Fundação Peter Drucker para a Gestão sem Fins Econômicos, me mostrou o quanto os anos depois da “idade da aposentadoria” podem ser vitais, energéticos e produtivos.

Entretanto, talvez o motivo mais convincente para alimentar uma mente ativa venha da minha interpretação não-ortodoxa, devo admitir, do relato do Novo Testamento em que Jesus expulsa um demônio de um homem, em Lucas 11:24-26. Ele disse que quando um espírito imundo que foi expulso volta a querer possuir um indivíduo e “encontra a casa varrida e ornamentada”, irá entrar naquela casa em companhia de mais outros espíritos maus, por ter encontrado no lugar muito espaço vazio.

Acho que aqui o tema central é o vazio, e não me parece requerer uma grande ousadia intelectual sugerir que se deixarmos a nossa mente vazia ela pode ser preenchida por muitas coisas que acabarão dificultando a nossa missão no segundo tempo.

Tremo ao pensar que tipo de pessoa eu seria hoje se tivesse me alimentado de uma dieta constante de variedades televisivas, novelas, jornais sensacionalistas e semelhantes. Nem que fosse só por isso, devemos ser diligentes em nos concentrar na aprendizagem de coisas boas e saudáveis, para proteger a nossa mente das coisas degradantes que são tão fáceis de serem absorvidas. É por este mesmo motivo que considero o estudo da Bíblia como uma forma válida de aprendizagem ao longo da vida inteira. Se a máxima “entra lixo, sai lixo” é verdadeira, então o contrário também deve ser verdade.

O que aprender no segundo tempo

É impossível desenhar um currículo para o estudante do segundo tempo, mas geralmente eu aplico esta regra: você precisa aprender apenas aquilo que você necessita e que está disposto a utilizar; o resto é diversão e passatempo. Em outras palavras, você irá aprender melhor se as matérias estudadas forem pertinentes, de

alguma forma, ao que é importante para você.

Essa regra sugere que o soldador que citei acima estava simplesmente se divertindo, embora eu não tenha como saber de que maneira ele utilizou seus conhecimentos. Não há nada intrinsecamente errado nisso: a simples alegria de aprender poderia ser, para algumas pessoas, um fim válido em si. Com todas as coisas sem sentido que as pessoas fazem para se divertir, frequentar aulas de espanhol me parece algo nada desprezível. Entretanto, se você estiver aprendendo sem ter nenhum objetivo específico em vista, explícito ou vagamente concebido que seja, acabará de fato enxergando a aprendizagem como um passatempo. Eu recomendo se concentrar nas coisas que o ajudarão a cumprir a sua missão, porém mantendo uma visão criativa e liberal de quais são os conteúdos apropriados para essa formação.

Eu, por exemplo, estudo arte. Dou-me ao luxo de adquirir livros de arte econômicos para poder retalhar a reprodução de algum quadro importante e afixá-la no meu armário, onde irei vê-la todas as manhãs e todas as tardes ao trocar de roupa. Visito museus e galerias sempre que tenho a oportunidade e possuo uma pequena coleção de arte na minha casa. É difícil estabelecer uma conexão direta entre o meu estudo da arte e o meu trabalho como filantropo cristão, a não ser invocando a minha convicção de que o poder da arte é fonte de inspiração. Um estudioso japonês há alguns séculos disse que “a arte superior captura o espírito de uma coisa”. Quando olho para um quadro, me emociono com a beleza ou o poder ou o sentimento da peça; aprendo algo sobre mim e sobre o mundo: sobre a condição humana. Para mim, isso é um motivo suficiente para incluir a arte no meu objetivo de aprendizagem ao longo da vida.

Já que grande parte do que faço tem a ver com organizações humanas, também faço questão de participar de seminários, oficinas, palestras e programas de estudo nas áreas de empresas, gestão, liderança e outros temas afins. Da mesma maneira, o seu programa de estudos para o segundo tempo deveria incluir aprendizagens formais e informais nas áreas que representam os aspectos mais concretos da sua missão de vida. Se você for um advogado que decidiu reduzir o trabalho da firma para poder oferecer seus serviços gratuitamente a serviços pastorais urbanos, poderia ser aconselhável se manter atualizado em questões jurídicas do terceiro setor. Ou então, vamos supor que você seja um professor do ensino público que se aposentou cedo e recebe o chamado para fundar um centro de aprendizagem de técnicas de estudo, através da sua igreja. Já que provavelmente terá de recrutar voluntários para ajudarem no funcionamento do centro, poderia ser interessante entrevistar um dirigente de alguma instituição caritativa para aprender sobre as dinâmicas do voluntariado.

O erro mais comum que cometem as pessoas ao entrarem no segundo tempo é o de confiarem unicamente nas boas intenções. Se você ficar desanimado frente à falta de progresso na sua missão de vida, é possível que simplesmente não tenha adquirido os conhecimentos e as informações necessárias para concretizar o seu sonho.

Como aprender no segundo tempo

De muitas maneiras, tudo o que você fizer no segundo tempo é uma forma de aprendizagem, porque aprender, na prática, consiste em adotar uma atitude de descobrimento. Por causa disso, pode esperar que vá tirar ensinamentos de tudo o que abordar e não precisa se preocupar excessivamente tentando formalizar o seu plano de estudo. Para dar uma idéia da diversidade das opções de ensino existentes, vou relacionar as que foram úteis a mim e a outros:

Sala de aula formal. O caso do soldador já citado não seria um mau exemplo de como proceder. De vez em quando, eu me inscrevia em cursos para estudar algo que

achava interessante ou que poderia me ajudar na minha missão. Um programa sistemático de ensino tem muitas vantagens, e um dos aspectos positivos de voltar às aulas depois dos quarenta é que a pressão competitiva se torna inexistente. Você já trabalha, portanto ao invés de fazer de tudo para alcançar uma boa nota, se concentra em aprender algo. Em muitos casos, a sua nota será entre as mais altas de qualquer forma (ou, se preferir, pode assistir às aulas como ouvinte, eliminando qualquer preocupação com as notas).

Escutar e perguntar. Este é provavelmente o meu método mais constante para aprender coisas. Simplesmente, pergunto. Ou às vezes não preciso nem perguntar: basta ouvir os que estão ao meu redor. Se você viajar muito por negócios, já sabe o quanto pode aprender (e como é fácil fazer contatos) nos aviões.

Mídia alternativa. Toda mídia é parcial. Se você depender exclusivamente dos órgãos de informação convencionais (TV aberta, jornais e revistas de atualidades) para se manter informado, receberá uma visão parcial da realidade, não necessariamente falsa, mas certamente incompleta. Sintonize-se nos canais públicos de rádio e televisão e leia revistas independentes e especializadas de qualidade. O Wall Street Journal e Forbes são mais do que simples publicações econômicas. Você pode não concordar com todas elas, mas isso também faz parte do processo de aprendizagem.

Livros. Leia avidamente livros de todos os tipos, tanto de narrativa como especializados. Leia livros cristãos e laicos. Funde um grupo de leitura e discussão para adquirir outras perspectivas sobre o livro que está lendo. Duas vezes por ano participo de um curso sobre obras clássicas, junto com um grupo de companheiros desta jornada de aprendizado ao longo da vida.

Fitas (áudio-livros). Deve ser um resquício dos meus dias no primeiro tempo, mas é fato que você pode ler muitos livros enquanto se veste, dirige ou faz exercício. Muitas editoras publicam versões faladas de seus livros. Informe-se nas livrarias.

Palestras. Palestras bem feitas podem ser mais proveitosas do que um curso de um semestre numa faculdade. Grave as sessões que for assistir. Guarde suas anotações e os materiais distribuídos na palestra para referência futura.

Entrevistar pessoas. Fico maravilhado diante da facilidade de abordar uma pessoa e pedir uma entrevista. Quando sabem que você não é jornalista, a maioria das pessoas tem o maior prazer em dedicar a você alguns minutos. É só cuidar de estar preparado e evitar exceder o tempo preestabelecido. Dizem que você está a apenas dois telefonemas de qualquer pessoa na Terra. É verdade.

Viagens. Uma das maiores formas de educação são as viagens. Linda e eu adotamos o hábito de visitarmos e estudarmos em profundidade uma região diferente do mundo no mínimo uma vez por ano. Uma nova tendência popular entre os que estão no segundo tempo são as “férias com um propósito”. Uma viagem pode combinar geografia, religião, antropologia, arte e música num pacote só e sem estresse.

Televisão. Isto não deve ser nenhuma surpresa vindo de alguém que trabalhou em televisão, mas eu acredito honestamente que a TV pode ser um ótimo veículo de aprendizagem. Leio a programação televisiva todas as semanas para sinalizar os programas que podem ter informações úteis para mim. Também utilizo um videocassete avançado para gravar os programas que não posso ver no horário de transmissão. Agora que a nova “Rodovia da informação” está no horizonte, a televisão se tornará uma ferramenta de aprendizagem cada vez mais eficaz.

Aprendizagem em equipe. Peter Senge diz: “Equipes, não indivíduos, são a unidade fundamental de aprendizagem nas organizações modernas”. Deus parece ter

incorporado um mecanismo contra a arrogância no desenho dos seres humanos. Somos tão interdependentes na aprendizagem quanto o somos em outras áreas. Depois de refletir sozinho por algum tempo sobre qualquer problema, faço questão de me engajar num diálogo produtivo com outras pessoas. É uma maneira de encontrar os outros pedaços do quebra-cabeça.

Uma grande tragédia da civilização é a transformação que acontece na atitude de uma criança diante da aprendizagem. Em algum momento no processo escolar, elas passam de um entusiasmo infantil por aprender a uma resistência passiva ao processo de aquisição dos conhecimentos. Talvez seja inevitável. Entretanto, eu faço a colocação de que você pode realmente resgatar o entusiasmo pelo ato de aprender.

O entusiasmo por aprender que se desenvolve no segundo tempo mostra que você não tem vergonha de admitir que não sabe tudo, e que quer aprender mais. E reconhecer que “profissional” é mais um título ou um rótulo do que uma medida dos seus conhecimentos. No seu segundo tempo, esteja disposto a se tornar um diletante numa área que você não domina.

Respeitar os fatores externos

“Todos os resultados são externos. No interior, só custo e esforço.”

Peter Drucker

As pessoas que estão no segundo tempo se assemelham aos fagotistas.

Pense nisso. Um fagotista não é muito eficaz fora do contexto de uma orquestra. Trompetistas, violinistas e pianistas todos podem ser solistas, enquanto o fagotista, em geral, não pode. E os poucos solos para fagote existentes foram compostos para serem tocados com o acompanhamento de uma orquestra ou de um conjunto instrumental.

Se o fagotista não aceitasse esta realidade, ficaria frustrado ao ponto de abandonar o seu instrumento ou de se engajar para criar um interesse do público em ouvir solos de fagote.

Felizmente, os fagotistas, via de regra, têm aceito seu papel na vida e deliciam os ouvintes com horas incontáveis de música maravilhosa, complementadas por seus tons baixos inconfundíveis.

Esta analogia ilustra dois fatos importantes sobre quem está no segundo tempo. Em primeiro lugar, temos segurança suficiente para sermos jogadores de time. E em segundo, reconhecemos a necessidade de respeitarmos os fatores externos: de estarmos em paz com as coisas que não podemos mudar e que estarão conosco para sempre.

A minha equipe executiva de televisão a cabo dedica aproximadamente 25 por cento do tempo para a análise empresarial examinando as condições externas: mudanças normativas, mudanças das respostas dos clientes às ofertas de outros sujeitos, mudanças culturais, novas tecnologias e mudanças demográficas. Não perdemos tempo tentando imaginar como mudaríamos essas condições externas porque sabemos que não podemos. Elas podem se tornar oportunidades ou ameaças para a nossa empresa, mas uma coisa é certa: sempre estarão conosco.

Isso é algo que não aprendemos durante a jornada do primeiro tempo. Os moinhos de vento precisam ser acometidos, e nós os acometemos. Muitas vezes, a abordagem aos fatores externos adotada no primeiro tempo ou é um ataque inexorável ou uma negação da realidade. Entretanto, há uma sutil diferença entre ambição e teimosia. Uma das coisas que possibilitaram que você vivenciasse o intervalo foi a realização de que você não estava fazendo nenhum progresso batendo de frente com condições externas sobre as quais não tinha nenhum controle.

No segundo tempo, você aprende não só a aceitar as condições externas, mas também a respeitá-las, pois é através do respeito que começa a abrir caminhos para transformar esses fatores externos em oportunidades. O melhor exemplo disso é a Microsoft, a empresa de software. Há não muitos anos, todo mundo queria uma fatia do bolo do negócio dos computadores, e empresas nascidas da noite para o dia logo começavam a fabricar computadores. Muitas delas ganharam muito dinheiro.

Bill Gates analisou a situação e viu que a IBM estava crescendo vertiginosamente, como um imenso arranha-céu. Gates sabia que a IBM iria se manter numa posição dominante no setor, e essa era uma condição externa que ele

aceitava e respeitava. Portanto, ao invés de apontar sua pequena lança contra esse enorme moinho de vento, tomou uma outra direção; e o resto ficou consignado nos anais da história. Quem diria que uma empresa que valia um décimo da IBM um dia a superaria? E o que teria acontecido se Bill Gates tivesse decidido tentar produzir computadores para competir com a IBM?

As vezes, os fatores externos estão tão perto que quase nos devoram. Quase aconteceu comigo. Envolvi-me num empreendimento que me levou para fora da área, longe da minha zona de conforto. O meu sócio sabia que tínhamos de fazer algo para competir com a TV a cabo e começou a fazer pressão para que transmitíssemos alguma pornografia leve — na verdade, era mais pesada do que leve. Isso me causou muito estresse, porque evidentemente eu não queria ter nada a ver com pornografia. Também estava lidando com o acréscimo de pressão por a empresa que dirigia estar à beira da falência. Veja bem, a pornografia poderia ter agregado novos espectadores e gerado lucros de que precisávamos desesperadamente, mas eu me neguei a permitir que isso acontecesse. Foi uma decisão dolorosa em termos das durezas financeiras por que continuamos passando.

Lembro que no meio de tudo isso estava tentando dar aula de escola dominical. O tema era o capítulo 13 da primeira carta aos coríntios, e podem crer que não estava sentindo nada do que é descrito nesse famoso capítulo sobre o amor. Devia ser óbvio, porque depois da aula um cara veio falar comigo e disse: “Sabe, a última vez que me senti do jeito que você descreveu foi quando era piloto de caça na Coreia. Já parou para pensar que talvez não seja o trabalho em geral que está sendo o problema, e sim o trabalho que você está fazendo?”

Ele estava cem por cento certo. O que precisava fazer era aceitar a realidade externa: eu não pertencia àquela atividade. Poderia ficar e lutar até morrer, mas algumas coisas não mudariam nunca. Assim, caí fora em 12 de fevereiro de 1982, o dia que marca o início do meu segundo tempo. Foi o meu grande mergulho, e eu sei que fiz a coisa certa.

O papel da autoridade

Uma vida sem autoridade não existe. Você pode escolher o jogo, mas não pode escolher as regras. Se você for jogar tênis, deverá fazer o serviço atrás da linha e manter a bola dentro das laterais. Se o seu esporte for o basquete, terá de driblar a bola para atravessar o campo, ao invés de correr com ela. Em outras palavras, ao escolher um jogo, você herda as regras. E pelo sim ou pelo não, as regras governam o seu comportamento. Siga as regras e suas chances de vencer serão maiores. Quebre-as e não terá sequer a chance de terminar o jogo.

Deve ter sido alguém do primeiro tempo quem disse que “as regras foram feitas para serem quebradas”. No caminho da ascensão profissional, a tentação de pular um degrau, de pegar um atalho está sempre presente. E se submeter à autoridade parece quase que covardia para muitos que estão no primeiro tempo. Os prêmios do seguro do carro são maiores para os motoristas mais jovens porque está provado que eles tendem a desrespeitar a autoridade das leis de trânsito. Dirigem em excesso de velocidade com mais frequência, arriscam-se mais e tendem a se iludir pensando que são imunes à autoridade. Os que estão no primeiro tempo operam de maneira semelhante. Embora as atitudes de verdadeira rebeldia sejam raras, muitos navegantes do primeiro tempo tomam os avisos de perigo da capitania dos portos como um convite para desafiar os limites da autoridade.

O problema dos que estão no primeiro tempo é o seguinte: precisam daquele trabalho para sobreviver. Podem não gostar, não respeitar o chefe, não concordar com a maneira com que a empresa faz as coisas, mas não podem simplesmente pedir as

contas e ir embora. Ao menos, não seria fácil. Quem iria pagar as contas e comprar os mantimentos? Eles são obrigados, em essência, a aceitar a autoridade do patrão, mesmo a contragosto. No segundo tempo, somos mais flexíveis; é mais fácil fazer escolhas legítimas sobre quem e o que será uma autoridade na nossa vida. Nunca iremos viver completamente livres de autoridade, mas se Deus estiver na sua caixa, automaticamente você terá escolhido aceitar a sua autoridade.

A ironia do evangelho, naturalmente, é que quanto mais nos submetemos à autoridade de Cristo, tanto mais radicalmente livres nos tornamos. É isso que faz com que o segundo tempo seja tão atraente para mim. Vejo muitos jovens de vinte e trinta anos lutando tão duro para se libertar de trabalhos difíceis, casamentos complicados e outros fatores externos que não podem ser mudados. Eu não quero viver desse jeito, e nem eles. Quando o nível de desconforto passa do limite, começam a se fazer as perguntas do segundo tempo. E assim que descobrirem quem está na caixa, compreenderão que estavam lutando em vão. O caminho da Cruz nos depara com o paradoxo maior e mais delicioso de todos os tempos: para sermos verdadeiramente livres, devemos nos submeter à autoridade de Deus.

Espero que isto não pareça hipócrita ou “beato”. Reconheço o fato de que mesmo os devotos de Cristo têm de enfrentar padrões injustos, tarefas enfadonhas, filhos problemáticos, casamentos estragados e toda uma série de problemas da vida. E não sou nenhum fã do conselho “entregue para Deus”, tão fácil de proferir. Entretanto, direi uma coisa: assim que tiver resolvido suas pendências do primeiro tempo e decidir que Deus está na sua caixa, terá mais graça e liberdade para conviver com esses problemas. Eles não irão sumir, ao menos não imediatamente. Entretanto, você terá melhores condições para lidar com eles, aprender deles e até transformá-los em oportunidades para a sua missão de vida.

Eu era um cristão comprometido quando perdi meu filho. Já pusera Deus na minha caixa e estava começando a pôr em prática uma missão que fazia de Deus a lealdade primária da minha vida. Nada disso impediu que uma horrível realidade externa se concretizasse: correntezas violentas podem afogar até o melhor dos nadadores. Foi bastante difícil lidar com aquela perda, mas posso dizer sinceramente que não estaria onde estou hoje sem a minha fé. Respeite os fatores externos do mundo natural e a autoridade do mundo supranatural e você será liberto para crescer e servir bem no segundo tempo.

Jogar com tudo

“Escolhe, pois, a vida, para que vivas (...) amando o SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade.”

Deuteronômio 30:19,20

Eis o que você pode não querer ouvir: passar do primeiro para o segundo tempo não é fácil. Não acontece de uma hora para a outra. E as fronteiras entre os dois tempos não são sempre claras.

Por favor, não deixe que isso o faça desistir de jogar duro. Sempre receio, quando compartilho a minha história, que alguns possam entender erroneamente que tudo o que precisam fazer é aplicar uma fórmula e tudo vai sair bem. Aí, quando a fórmula não funciona, ficam desanimados e se resignam a decaírem pela trajetória descendente da sua única curva.

Fiquei no intervalo do jogo durante muitos anos de transição, mas nunca parei de jogar duro. E me diverti bastante no caminho. Você pode ter algumas falsas partidas, precisar voltar para trás e fazer alguns testes sísmicos, ou tentar mais uma sondagem de baixo custo. Como já disse, a chave é começar uma nova curva antes que a anterior comece a decair.

Um amigo meu está com um pé em cada um dos dois tempos do jogo. E o sócio diretor de um dos maiores grupos imobiliários do mundo. Quando a derrubada dos preços dos imóveis na década de 1980 reduziu significativamente o valor dos seus bens, ele reorganizou totalmente sua empresa, transformando-a essencialmente numa prestadora de serviços. Treinou novos executivos e, ao mesmo tempo, desenvolveu uma carreira paralela em diversos âmbitos políticos e cívicos: faz parte do conselho de uma universidade e é um educador muito ativo em sua igreja.

Em algum momento sei que ele fará da sua carreira paralela o seu enfoque principal e passará a empresa para outra pessoa, assim como eu fiz. Não agora. Assim, ele está no primeiro tempo, dedicando imensas energias à construção da sua empresa; está no intervalo, fazendo um balanço da sua vida e decidindo quem está na caixa; e está no segundo tempo, usando seus talentos em prol de uma causa maior e trabalhando para reordenar a sua vida. Ele poderá permanecer nesses três lugares mais um tempo, mas podem crer que ele está jogando duro e desfrutando o jogo.

Lembrem-se de que o segundo tempo é apenas uma parte do jogo. E preciso jogar o jogo inteiro.

Já me foi feita a pergunta sobre quais sacrifícios fiz na vida. É difícil responder, porque possuo quase todos os elementos que todo mundo parece desejar: um casamento vital, muito tempo para fazer o que bem quiser, uma empresa de sucesso. O que que tive de sacrificar para ter todas essas coisas, me parece, é o tempo em que poderia estar fazendo “as minhas coisas”. Em outras palavras, passei boa parte da minha vida de um lado e de outro da “Zona J” em ânsia, na expectativa de conseguir fechar algum negócio, ou em tédio, suportando os fundamentais das disciplinas empresariais ou espirituais.

Não posso contar as horas passadas controlando operações corporativas, ouvindo relatórios de subalternos, sendo um ouvidor adequado. E naturalmente a melhor notícia é também a menos estimulante: “Está tudo bem”. Costumava escutar Ross

atentamente durante quinze minutos por dia, usando todas as minhas técnicas de escuta refletiva para poder ficar na, sua linha de pensamento. Pode parecer pouca coisa, mas era como se fosse uma eternidade quando chegava em casa com um monte de coisas “importantes” na cabeça e a necessidade de relaxar e me afastar da conversação humana por um tempo.

Thomas Merton escreveu que tudo o que você realmente precisa já está na sua vida. Chamou esse conceito de “integralidade oculta”. O que ele quis dizer é que você não precisa correr atrás de coisas fora de você para se realizar. Embora seja o que quase todos nós fazemos no primeiro tempo, acabamos compreendendo que dinheiro, fama, posses materiais e experiências nunca nos preenchem. O que passamos a ser no segundo tempo é o resultado de investimentos feitos no primeiro; não aparece por mágica.

Antes, eu pensava que se chegasse a dizer um “sim” pleno a Jesus Cristo me tornaria uma pessoa completamente diferente: vestiria roupa sintética e dirigiria carros de segunda mão, ou cavalgaria um asno num país do Terceiro Mundo assolado pela AIDS, fazendo coisas que nunca gostei de fazer. Não estou desprezando os que se encaixam nessas descrições, simplesmente quero destacar que não correspondem a quem eu sou. Não conseguia compreender por que Deus haveria me equipado como empreendedor, idealizador, fundador, construtor de time, diretor e líder, para depois me colocar num lugar onde essas qualidades são inúteis. Foi um alívio descobrir que Deus não desperdiça aquilo que construiu. Sou a mesma pessoa que eu era no primeiro tempo, apenas atuo num outro contexto.

Quando Deus criou você, deu um passo atrás e disse: “Esse ficou ótimo!” Plantou na sua alma o desejo de se conectar a ele e providenciou uma forma pela qual você pudesse fazê-lo. Não importa se você está no primeiro tempo da sua vida, no intervalo ou no segundo tempo: o desejo de Deus é que você o sirva sendo simplesmente quem você é, utilizando aquilo que ele lhe deu para trabalhar.

Uma proposta meio a meio

Comecei este livro com o meu epitáfio — 100 X —, que expressa o meu desejo de ser lembrado como alguém que multiplicou muitas vezes a semente que o Pai eterno plantou em mim.

Quero encerrar com uma outra expressão: meio a meio. Ela expressa o meu sonho para todos os que estão a caminho do segundo tempo.

Há vários meses, Sandy Kress, uma advogada judia, e Don Williams, um empreendedor cristão, juntaram forças para encontrar estratégias visando melhorar o sistema de ensino público em Dallas. As escolas tinham trabalhado com resultados de exames, políticas de recrutamento e outras questões técnicas, conseguindo alguns melhoramentos. A peça faltante do quebra-cabeça era a dimensão moral e dos valores. Eu fazia parte de um grupo diverso, multissetorial e multicultural, que Sandy e Don tinham formado para se debruçar sobre este problema difícil. Finalmente, enfocamos os nossos esforços em seis iniciativas distintas, uma das quais era a “Igreja meio a meio”.

A idéia fundamental da “Igreja meio a meio” é a de desafiar as igrejas de Dallas a dedicarem metade de seus recursos a elas mesmas e a outra metade ao serviço da comunidade e do mundo. Pode parecer uma idéia bastante simples, mas em termos de indivíduos e de igreja, é algo radical. A maioria das igrejas consideram que estão indo muito bem quando dedicam um décimo de seu tempo, talento, energia e dinheiro para expandirem o ministério além da sua congregação. Imagine o que poderia acontecer na sua comunidade se todas as igrejas adotassem a fórmula meio a meio! E pense no que poderia acontecer com você se gastasse a metade do seu tempo e recursos em você mesmo e na sua família, reservando a outra metade aos outros.

Uma das mudanças centrais que diferenciam o segundo tempo do primeiro é que no segundo a vida de fé se torna muito mais integrada, enquanto no primeiro tempo permanece segregada. Na vida do segundo tempo, você irá aprender que o princípio do egoísmo altruístico é real: fazer o bem para os outros implica em fazer o mesmo bem para você mesmo. A sua vida será uma vivência equilibrada dos Evangelhos, uma testemunha cativante, atraente e alegre de que a vida em Cristo acrescenta, ao invés de deduzir; preenche, ao invés de esvaziar. Não será fácil traçar o limite entre o seu eu e os outros, porque o significado terá suplantado o sucesso. Ao invés de tentar gerir os diversos compartimentos da sua vida, você será o seu verdadeiro eu o tempo todo e terá um prazer imenso em tudo o que isso implica.

Dê uma olhada nesta lista de valores e atitudes conflitantes e pergunte-se: *De que lado quero estar durante o segundo tempo da minha vida?*

Vida segregada	Vida integrada
1. Fé pessoal, privada	1. O ministério da fé faz parte da vida
2. Dogmatismo	2. Paradoxo
3. Acredita no quê	3. O que fazer com aquilo em que acredito
4. Fé significa renúncia	4. Fé significa aumento, abundância, inteireza
5. Nós/eles: Aquilo que nos separa	5. Nós: Aquilo que nos une

6. Esporte individual	6. Esporte de equipe
7. Independência	7. Interdependência
8. Lei	8. Graça
9. Obrigação	9. Escolhas pessoais
10. Abordagem externa	10. Abordagem interna
11. Baseado nas aparências	11. O pensamento faz o homem
12. Liderança autoritária	12. Líder servidor
13. Cristandade dominical	13. Cristandade sete dias por semana
14. Guiado pela doutrina	14. Guiado pelo propósito

A igreja meio a meio se estende para servir a comunidade em volta, vivenciando nos fatos a proclamação do Evangelho, ao invés de impor aos outros uma ideologia hostil. Opera uma testemunha primeiro pelo exemplo e sucessivamente pela proclamação. O papel da igreja meio a meio é o de colocar os portadores da fé de volta em todas as contradições, tensões e paradoxos da comunidade, ao invés de isolar as pessoas numa atmosfera irreal e protegida durante duas horas de cada manhã de domingo.

Sei que não sou o primeiro em sugerir que a igreja precisa interagir melhor com o resto do mundo. Todos os fiéis, tenho certeza, se debatem com isso e verdadeiramente desejam ver o Evangelho transformando a nossa cultura. Então, por que não acontece?

A resposta, tenho a impressão, tem a ver com as responsabilidades individuais. A igreja nunca terá credibilidade na comunidade em geral se a responsabilidade individual não for *manifestada*. As pessoas precisam *ver* a nossa fé, não apenas ouvir falar dela. Quando a nossa fé é pessoal e privada, praticada apenas um dia por semana dentro de um edifício, nós cristãos perdemos a oportunidade gloriosa de sermos sal e luz. Pior ainda, na minha opinião quando a fé continua sendo dirigida para dentro, tornamo-nos seres unidimensionais, entediados e totalmente egocêntricos. Temos uma vida profissional, uma vida familiar, uma vida na comunidade e uma vida na igreja. Quando essas partes ficam segregadas dessa forma, cada esfera é menos forte do que poderia ser.

O que isto tem a ver com o seu segundo tempo? Uma grande tragédia do primeiro tempo é o incentivo ao egoísmo das pessoas. Ninguém quer realmente colocar a carreira acima da própria família, mas acontece: a inércia de tentar chegar ao sucesso é grande demais para que a maioria de nós tenha condição de resistir. A terceira década da vida da maioria das pessoas é praticamente um borrão, quase sem tempo para refletir sobre os temas e os valores fundamentais que conduzem ao significado. Não sei se isso é inevitável; mas sei que acontece com muita frequência e quase sempre leva a um período de questionamentos e dúvidas sobre si. *Isso é tudo?*, nos perguntamos. *Quero continuar fazendo essas mesmas coisas durante o resto da vida?*

Mais cedo ou mais tarde, o primeiro tempo termina. O relógio chega ao fim. Quando acontece de forma inesperada, se você não aceitar a responsabilidade de entrar no intervalo e ordenar a sua vida para que o segundo tempo seja melhor que o primeiro, você se juntará aos que lentamente decaem rumo à aposentadoria. O seu segundo tempo será uma versão mais lenta do primeiro, com cada vez menos sucessos e pouquíssimo significado. Entretanto, se você aceitar a responsabilidade por como irá jogar no resto do jogo, começará a vivenciar a vida abundante que nosso Senhor preparou para você.

Quando olho para o conjunto da cristandade nos Estados Unidos, vejo uma imensa represa de energia que só espera ser solta. Vejo talento, criatividade, compaixão, dinheiro e força suficientes para transformar a nossa cultura. Vejo crentes verdadeiros em todas as áreas da sociedade, verdadeiramente preocupados com o estado de suas comunidades, mas se sentindo impotentes para fazer qualquer coisa que possa mudar a situação.

A minha missão de vida — encontrar alguma maneira de transformar aquela energia latente da cristandade dos Estados Unidos em energia ativa — pode parecer impossível, mas como autêntico jogador do segundo tempo, já parei de pensar em termos do impossível. Acredito honestamente que posso ter um papel para libertar a imensa energia latente na Igreja: e também sei que não posso fazer isso sozinho.

Num determinado momento do meu intervalo, cheguei a me considerar um incendiário: alguém que gosta de atear fogo nas pessoas para depois ficar observando-as enquanto queimam. Entretanto, não é uma metáfora totalmente exata, porque não fico satisfeito apenas observando. A verdade é que gosto de atear fogo nas pessoas, e espero ter aceso uma chama dentro de você, pois acredito que no coração de todo cristão brilha uma centelha.

Espero que você esteja sentindo o calor da sua centelha e se sentindo cada vez mais à vontade com ela.

Espero que, ao ler as minhas descrições do segundo tempo, você sinta uma brisa soprando na profundidade do seu ser; que você comece a enxergar que tipo de fogo poderá vir a ser.

Espero que, ao começarem a surgir as chamas da centelha, você se estimule, se anime e volte a se sentir jovem, que comece a sonhar novos sonhos.

Espero que, ao se espalharem as chamas, você entenda que, desta vez, não adiantará tentar apagar o incêndio, que este não é mais o sopro das boas intenções, e sim o furacão do comprometimento.

Essa é a energia que vejo quando olho nos santuários, nas escolas dominicais e nos grupos de estudo bíblico das igrejas dos Estados Unidos. Essa é a energia que eu sei que está dentro de você.

Cheguei à conclusão de que a responsabilidade individual é a chave para transformar a Igreja. Posso descrever-lhe um programa eficaz e viável que o colocará no terreno do significado, mas no fim das contas é você que precisará escolher como quer viver. Você tem a liberdade de decidir se quer que o resto da sua vida seja também o *melhor* da sua vida.

A minha oração para você é que tenha coragem para viver os sonhos que Deus colocou em você. Nós nos veremos no fim do jogo.

Um Caso Brasileiro

O impacto que esse livro causou em minha vida

Converti-me ao cristianismo aos catorze anos de idade num culto realizado junto a uma fogueira. Embora frequentasse a igreja desde os sete anos, foi naquela noite que entendi que Jesus me convocava, por meio de sua morte na cruz, a servi-lo como soldado do Reino de Deus, seu Pai celeste.

Após essa experiência marcante, lembro-me que passei a orar pedindo que Deus me dirigisse os passos e as decisões. Como eu queria ser um bom soldado, precisava estar atento às ordens de meu novo Senhor.

Por conviver intensamente com amigos que sonhavam cursar uma faculdade teológica ou um seminário, lembro-me de ter ficado em dúvida entre meu antigo sonho de ser engenheiro ou tornar-me pastor.

Embora naquela época tivesse pensado muito em dedicar-me ao trabalho da igreja, Deus não permitiu essa troca. Acabei estudando Engenharia e fazendo mestrado em Administração com ênfase em Marketing. Eu achava que aquele desejo de servir ao Senhor em tempo integral havia ficado para trás, pois alimentava o conceito errôneo de que há trabalhos seculares e trabalhos mais espirituais.

Como a maioria das pessoas, posso afirmar que a primeira metade de minha vida passou voando. Aos 21 anos, antes mesmo da minha formatura, casei-me com uma linda mulher e aos 25 já tínhamos três filhos. Aos 26 eu já ocupava uma função gerencial numa multinacional do setor automobilístico.

Minha carreira profissional foi bem-sucedida. A cada dois anos era promovido, até que, após 24 anos, alcancei uma posição muito cobiçada dentro da empresa.

Assim foi a primeira metade de minha vida: tudo passou rapidamente, e foi acontecendo quase sem muito planejamento.

Foi exatamente quando eu chegava ao final dessa primeira metade da vida, ou seja, aos quarenta anos de idade, que num domingo, ao passar na livraria da igreja, deparei com o livro *A arte de virar o jogo no segundo tempo da vida*. Achei o título atraente e decidi comprá-lo.

Naquela época, eu e minha família morávamos nos Estados Unidos, para onde fui transferido pela mesma empresa automobilística.

Comecei a ler o livro no avião, durante uma viagem internacional. À medida que devorava aquelas páginas, Deus me falava ao coração, e fui me identificando totalmente com o autor, Bob Buford. Parecia que ele escrevera pensando em mim!

Um novo horizonte abriu-se em meu coração, reacendendo a antiga chama da adolescência de servir a Deus no contexto da igreja local. E para isso eu nem precisaria cursar Teologia! A biografia de Buford me ajudou a ver que eu poderia continuar trabalhando no que gostava — administração e planejamento — porém num local diferente: a igreja.

Bob Buford quebrou o paradigma que eu guardava de que numa igreja só havia espaço para teólogos ou seminaristas. Ele me mostrou que, mesmo sem ter cursado um seminário ou uma faculdade de teologia, a experiência e o conhecimento adquiridos nas áreas de administração e planejamento estratégico poderiam ser usados por Deus.

Senti um toque divino mostrando-me que aquele sonho de servir numa Igreja local poderia se concretizar de forma ainda mais maravilhosa. Os dons, os talentos e aquilo de que eu mais gostava de fazer poderiam ajudar-me a realizar algo ainda mais significativo, pelo resto da vida.

Ao terminar a leitura do livro, entreguei a Deus meu desejo de fazer essa mudança e pedi-lhe que me conduzisse nessa nova aventura. E foi exatamente o que Deus fez. Portas se abriram, oportunidades surgiram e dois anos mais tarde eu estava almoçando com os pastores Ary Velloso e Lisânias Moura, ouvindo deles o convite para assumir a Gestão Administrativa da Igreja Batista do Morumbi.

A confirmação final de que este era o passo a ser dado, veio quando compartilhei com minha esposa e filhos o desejo de aceitar o convite. Mesmo sabendo que teríamos de fazer alguns ajustes significativos, todos me apoiaram com muita alegria e emoção.

O segundo tempo pode ser o melhor

A sociedade pós-moderna considera que o ser humano atinge o auge da produtividade entre os 35 e 40 anos de idade — a primeira metade da vida. Até os cinquenta ele passa por um platô e então começa o declínio.

No Brasil, essa prática tem se mostrado ainda mais cruel. O alto índice de desemprego provoca excesso de mão-de-obra, com isso as empresas preferem trocar funcionários experientes por outros mais jovens e com salários mais baixos, pressionando-os a trabalhar doze horas por dia para não perder o tão desejado emprego.

A idéia de que após os quarenta ou cinquenta anos já nos tornamos improdutivos ou descartáveis tem gerado enorme frustração e levado muitos à depressão profunda. Enquanto o progresso da medicina alonga a vida, a sociedade reduz drasticamente nosso campo de trabalho. Estamos caminhando para um enorme caos social, pois, se de um lado somos considerados profissionalmente em declínio já a partir dos quarenta anos, de outro nossa longevidade média tem ultrapassado os oitenta. Ou seja, o que fazer com os quarenta anos restantes de vida?

Justamente quando nos julgamos mais capacitados a fazer diferença na sociedade, ela nos descarta, desprezando nossa experiência e nossos conhecimentos. Isto sem mencionar nosso falido sistema previdenciário, através do qual pouquíssimos conseguem uma aposentadoria digna ou ao menos suficiente para não depender totalmente da benevolência dos filhos.

A leitura de *A arte de virar o jogo no segundo tempo da vida* ajuda-nos a entender que, independentemente da idade, o propósito de Deus para nossa vida não muda. A Bíblia não fala em aposentadoria. Se quisermos ser bem-sucedidos em nossa missão na terra, temos de nos conscientizar de que sucesso é fazer a vontade do Criador. Deus tem para cada pessoa um papel significativo em sua obra. Ele deseja que nossa luz resplandeça no meio desta sociedade corrompida.

Se você tem um sonho, não importa a idade: invista tempo nele. Rejeite a teoria de que a segunda metade de sua vida é tempo de declínio da energia e de preparação para a aposentadoria.

Pense nisto: Deus não lhe permitiu adquirir tanto conhecimento e sabedoria durante metade da vida, para depois se aposentar e viver jogando dominó numa praia paradisíaca. No primeiro tempo, você adquiriu habilidades valiosas e deve continuar a crescer e se desenvolver.

Você pode e deve retribuir a Deus tudo isso que aprendeu e desenvolveu em sua vida profissional. Existem muitas oportunidades, pois o Reino de Deus já está

acontecendo aqui e agora. Você é um soldado que aceitou, voluntariamente, fazer parte do exército do Reino, e o Rei não quer que você abandone o posto. Essa artimanha é do inimigo.

Se Deus tem colocado algum desconforto, algum descontentamento em sua vida profissional, redobre a atenção. Descubra onde o Senhor está agindo e veja se não se trata de um sinal dele.

Foi necessário muito tempo para que eu entendesse que o cristão não deve separar trabalho secular de trabalho ministerial ou espiritual. A Bíblia ensina que o propósito de Deus para cada um de nós é que sejamos luz nas trevas, ou seja, nossa vida deve abençoar pessoas e mostrar-lhes o caminho (v. At 13:47). Portanto, médicos, advogados, pintores, engenheiros ou pastores, todos nós temos a mesma missão, o mesmo ministério.

Deus equipou cada um para ser usado no meio das pessoas que ele quer alcançar. O campo de batalha não está dentro das quatro paredes da igreja. O Senhor convoca alguns poucos para servirem dentro do quartel, treinando e equipando os novos soldados para serem eficazes na batalha. Entretanto, todos somos soldados em dedicação integral.

No meu caso, Deus apenas trocou o *local* de ministrar e batalhar. Saí de uma indústria para entrar numa igreja, mas continuei a usar os mesmos dons e talentos na área de administração para abençoar pessoas por meio de meu ministério.

Hoje entendo melhor que aquele sonho do adolescente nunca mudou na perspectiva de Deus. Foi ele quem planejou minha carreira. Ele sabia que para administrar uma igreja eu precisava estudar o que estudei e adquirir a experiência que adquiri. Hoje me sinto muito mais preparado para exercer o ministério que Deus planejou para minha vida. A indústria automobilística investiu em meu treinamento, com cursos, MBA etc. Tudo isso foi plano divino. Retribuí a minha companhia com 24 anos de dedicação, mas depois Deus me tirou de lá para fazer diferença na igreja.

Jesus advertiu-nos quanto a extensão da seara e o reduzido número de ceifeiros. O propósito de Deus para nossa vida na terra só termina quando ele resolve nos tirar daqui. É claro que é preciso adequar-nos à realidade do envelhecimento, reduzindo atividades que exijam grandes esforços físicos. Isso não significa, porém, que Deus nos dispense da Missão.

Hoje, depois de cinco anos trabalhando na Igreja Batista do Morumbi, posso dizer que os melhores anos de minha vida estão sendo os primeiros do meu “segundo tempo”. Tenho trabalhado com motivação, e me sinto tão realizado e energizado como há trinta anos, quando iniciei minha carreira profissional.

Renan T. Santos

Gestor Administrativo da Igreja Batista do Morumbi

Agradecimentos

Enquanto escrevia este livro e revisitava os fatos da minha vida, descobri uma verdade maravilhosa: nunca fiz nada importante fora do contexto de uma equipe. Acredito que Deus deva rir das pretensões de independência de nós seres humanos, com nossas tendências para o orgulho e a auto-suficiência.

A causa pode ser ter muito dinheiro, granjear elogios nos esportes, escrever um livro ou realizar alguma outra façanha. Deus encontra a maneira de mostrar a todos nós inchados de presunção o quanto realmente somos interdependentes.

De todos os textos sobre a interdependência dos seres humanos, creio que o maior seja o de Paulo em Romanos 12:3-6:

Digo a cada um dentre vós que não saiba mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja ela segundo a medida da fé...

Este livro e a vida que procura expressar são o resultado do trabalho de uma equipe. O livro só pôde se concretizar graças a Scott Bolinder e Lyn Cryderman, da editora Zondervan. Desisti de terminar o livro muitas vezes. Entretanto, eles não desistiram. Ambos fizeram algumas viagens a Dallas para convencer o “autor” recalcitrante a completar a tarefa. Lyn Cryderman fez a formatação.

Agradeço também as contribuições escritas de Bruce Buursma e Bill Proctor, que ajudaram significativamente nos meus esforços para transformar os meus pensamentos em palavras, e a editoração talentosa de Rachel Boers. O meu assistente, B. J. Engle, passou horas redigindo e reescrevendo os numerosos manuscritos. Aprendi de primeira mão o que T. S. Eliot quis dizer quando chamou o ato de escrever de “blitz sobre o inarticulado”.

Faço parte de equipes diferentes para objetivos diferentes. Para o planejamento da vida, Peter Drucker tem sido a pessoa mais importante da minha vida. No começo, quando precisava desesperadamente aprender a gerir uma empresa, foi meu professor, e o de muitos outros, através de seus livros. Mais adiante na minha vida, quando entrei no meu segundo tempo, Peter foi o meu guia na passagem do sucesso ao significado. Guardo dois livros no meu escritório: o vultoso *Gestão*, de Peter Drucker, como guia para as coisas humanas, e a Bíblia, como guia para as coisas espirituais.

Seria motivo suficiente para ter escrito o livro ter o privilégio de levar o prefácio de Peter Drucker até as mãos dos leitores. E um texto tão rico que não tem preço para mim e, mais importante, tão rico que tem valor para você. Permita que Peter seja o seu guia na interpretação do que está acontecendo, como tem sido o meu durante muitos anos.

A minha primeira equipe, naturalmente, é a que integro junto com minha mulher, Linda. Ela é um indivíduo completamente distinto, muito diferente de mim (graças a Deus), mas há momentos em que não dá para dizer onde o meu pensamento acaba e o dela começa. Não consigo imaginar a vida sem essa pessoa a quem eu amo e respeito tanto. E naturalmente Ross, meu filho, que perdi fisicamente há seis anos, ainda está comigo. De muitas maneiras, Ross era a parte incompleta da minha personalidade: sensual, cheio de vitalidade, de paixão e de amor pelas mulheres, os

homens e os cães de caça. Não vai demorar muito, na visão cósmica das coisas, até reencontrá-lo. Iremos compartilhar a eternidade juntos.

Não poderia ter embarcado no meu segundo tempo sem a equipe operacional eficientíssima da Buford Television. Não há uma melhor equipe na televisão a cabo do que a de Ben Hooks, Ron Martin, Tom Seale, Kay Monigold, John Ellis, Dick Green, Ari Cope, Steve Lowe e o grupo de pessoas comprometidas que atendem os nossos clientes sob o nome de *Friendship Cable*. Frank Burke e Jim Watson têm sido conselheiros maravilhosos.

Meu irmão Jeff é o melhor sócio acionário do mundo, e também o mais apoiador.

Beryl Berry tem sido o meu braço direito (e o da minha mãe antes de mim) durante mais de quarenta anos. Ela conhece todos os segredos da família: os bons, os maus e os feios. Sobreviveu a todos os meus outros parceiros profissionais.

Sou grato também aos que fornecem capital externo à nossa empresa. Os meus parceiros financeiros são First National Bank em Chicago, Nations Bank em Dallas, Bank of Califórnia em San Francisco e National Westminster Bank em Nova York.

Civic Broadcasting, com sede em Jackson, Mississippi, foi e continua sendo o meu empreendimento no movimento de direitos humanos na televisão. Eles provam que é possível criar um quadro de funcionários racialmente integrado e extremamente unido no extremo sul. Suas emissoras de televisão são as primeiras em todos os mercados em que operam. Frank Melton, com quem trabalhei mais de quinze anos, é o diretor-geral e Aaron Henry é o presidente do conselho. Eles sempre fazem a coisa certa.

O coração, alma e consciência de Leadership Network é Fred Smith Jr. Ele é o homem que Diógenes estava procurando com sua lanterna: o último homem honesto do mundo. Fred, junto com os funcionários de Leadership Network, principalmente Gayle Carpenter, Carol Childress e Brad Smith, transforma boas intenções em realidade para os 11 225 profissionais cristãos da mala-direta do Leadership Network e as 1 692 pessoas que assistiram a palestras da Fundação nos últimos seis anos. Os palestrantes nesses eventos viajam longe e dedicam horas intermináveis à preparação de suas falas. São os melhores do mundo.

Paul Robbins, Harold Myra e Fred Smith tiveram um papel crucial na idealização inicial de Leadership Network.

Existe uma categoria especial de pessoas a quem chamo de fazedores de redes e de acordos, que têm sido importantíssimos para me pôr em contato com outros. Dentre eles, Doug Coe, Doug Holladay, Don Williams e Tom Luce fizeram um trabalho particularmente extenso de me conectar com outras pessoas.

Estou profundamente endividado com aqueles que foram meus guias no mundo novo, escolhidos daquilo que eu chamo de ecossistema cristão dos Estados Unidos, sobretudo Bill Hybels, Rick Warren, Leith Anderson, Ray Bakke, Gordon MacDonald, Paul Robbins, Harold Myra, Fred Smith, Robert Lewis, Skip Ryan, Terry Taylor e o incansável Lyle Schaller, que simplesmente não para, está cada vez mais agudo em suas percepções do que pessoas quarenta anos mais jovens e é um otimista inabalável.

Sou grato àqueles que apostaram em mim, financeiramente, no segundo tempo. A todos os que se tornaram acionistas das palestras da Fundação e desembolsaram taxas e gastos para participar de eventos de Leadership Network, um grande “obrigado”.

Faço parte de três pequenos grupos: um por teleconferência e dois presenciais. Por permitirem que entrasse em suas vidas, me deixarem “pensar a minha confusão

em voz alta” em sua presença e pela sábia consultoria que se tornou uma parte indissolúvel da minha vida de pensamento, quero agradecer a: Don Crisp, Bob Slocum, Don Williams, Bill Breedlove, Fred Currey, Ted Enloe, Jody Grant, Jack Knox, Richard Marcus, Jerry Mays (falecido), Bob Rogers, Bill Solomon, Jim Hoak, Steve Bryant, Doug Coe, Craig Estes, Dee Margo, Matt Martin, de educação e troca de idéias. A primeira é a melhor organização do mundo de educação para adultos, e em grande medida eu só comecei a aprender depois de adulto.

Entre os que deram contribuições imensuráveis à minha vida como mentores espirituais, ensinando a Bíblia e as implicações da Bíblia na minha vida, quero citar Phil Hook, Shelley Chapin, Dan Russ, Sug Thompson, Doug Coe, Doug Holladay, Howard Butt, o falecido Ray Steadman e Alice Mae Harold.

E principalmente, quero presumir de reconhecer a parceria de Deus. E o regozijo inexpressível, a alegria indizível de sentir que estou em parceria, eu, tão pequeno e findável, com o próprio Criador do universo. Não compreendi isso completamente até o dia em que li o prefácio de Peter Drucker para este livro. Ele fala de um livro que é muito mais do que um livro que eu seria capaz de escrever. Tentei e não consegui. Descobri que era difícil demais para as minhas habilidades, porém, aí está o livro. Por este fato incrível, posso ser grato unicamente a Deus. Bom trabalho, Deus!



BOB BUFORD é empresário, conferencista e escritor. O foco de seu trabalho é a aplicação de princípios cristãos e de recursos pessoais no desenvolvimento de lideranças para os mais diversos setores, desde grandes corporações até pequenas congregações de fé. Trabalhou em empresas de ponta até os anos 1980, quando decidiu dar novo rumo à carreira, dedicando-se à potencialização de organizações sem fins lucrativos. Em 1984 criou a Leadership Network, que visa a identificar, reunir e treinar pessoas comprometidas com o propósito de fazer diferença.

Com formação cristã sólida, Buford é discípulo de Peter Drucker, um dos maiores teóricos da administração. É autor de outros três livros: Game plan: winning strategies for the second half of your life [Plano de jogo: estratégias vitoriosas para a segunda metade da vida]; Stuck in halftime: reinvesting your one and only life [Preso no intervalo: reinvestindo a única vida que se tem] e Finishing well: what people who really live do differently [Final feliz: o que as pessoas realizadas fazem de diferente].

Como o tempo voa! Metade de sua vida praticamente passou! Foram três ou quatro décadas de muito suor e dedicação. Depois de longas horas em salas de aula, noites viradas no escritório e um bocado de adrenalina (boa ou ruim), você alcançou sucesso profissional e financeiro, construiu uma reputação e constituiu sua família.

Agora que está na curva da vida, é hora de olhar para trás. Avaliar. Os planos que fez deram certo? Proporcionaram realização pessoal? Pretende passar o segundo tempo do jogo fazendo as mesmas coisas que fez no primeiro ou quer experimentar novos desafios? Está feliz com sua contribuição ou gostaria que ela fosse mais relevante?

Se você deseja que sua história faça mais diferença no mundo daqui para a frente, então lembre-se de que virar o jogo é uma arte. Aprenda com Bob Buford como fazê-lo neste segundo tempo da vida.

Bob compreendeu isso cedo, com toda a agudeza que o caracteriza. (...) Este livro deve ser e será lido em vários níveis. Dirá coisas diferentes a pessoas diferentes. Terá um significado e uma mensagem para todos os que abrirem suas páginas.

PETER F. DRUCKER

MC
mundocristão

ISBN 85-7325-423-8



9 788573 254235

Negócios